



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



O APÓSTOLO PAULO E A PASTORAL URBANA

Paulo e a comunicação do Evangelho em seu tempo e na atual cultura da comunicação — Ir. Joana T. Puntel, fsp – p. 3

A comunicação do Evangelho de Paulo — Pe. Sílvio Sassi, ssp – p. 8

Um ensaio de atuação teológico-pastoral na cidade — Fr. Miguel Debiasi, ofm – p. 16

Estratégias e metodologia pastoral de Paulo nas grandes cidades do seu tempo: inspirações para a evangelização hoje — Pe. José Ademar Kaefer, svd – p. 22

A Igreja e os carismas segundo são Paulo — Pe. José Comblin – p. 28

Presente e futuro do sacerdócio na Igreja Católica — Pe. J. B. Libanio – p. 33

Carta às irmãs e aos irmãos das CEBs e a todo o povo de Deus
Mensagem final do 12º Intereclesial – Porto Velho - RO – p. 39

Roteiros homiléticos — Pe. José Luiz Gonzaga do Prado – p. 44

Aos nossos leitores e leitoras

Graça e Paz!

Nesta edição de Vida Pastoral reunimos três temas que podem parecer distintos, mas se unem intimamente entre si.

O primeiro é São Paulo e a pastoral urbana. Como sabemos, a maioria da população brasileira passou a viver em cidades, e a cultura urbana pós-moderna, em grande parte avessa à religião, é um desafio para a evangelização. Para lidar com essa conjuntura, podemos encontrar significativa inspiração no apóstolo Paulo e em suas comunidades. Ele dirigiu-se aos grandes centros urbanos de seu tempo, fundando aí pequenas comunidades com as quais mantinha constante comunicação. Paulo intuía que elas seriam fonte de irradiação do evangelho para os lugares menores das redondezas. Já naquele tempo a cultura dos centros urbanos se expandia para os outros espaços. Hoje isso é ainda mais intenso, pois as possibilidades de comunicação e mobilidade são imensuravelmente maiores. Se não soubermos dialogar com a cultura urbana pós-moderna, atualizando a relevância do evangelho para as pessoas imersas nela, estaremos decididamente optando pelo fracasso na evangelização.

O segundo subtema é o Ano Sacerdotal. Para a eficácia de seu ministério, é mister que os padres se situem bem na cultura atual. Ao mesmo tempo que toda a Igreja procura promover a valorização e a santificação de seu clero, chamando a atenção de todos para as condições concretas em que vivem e atuam os padres, cabe levar em conta a conveniência de formar sacerdotes para hoje, para a cultura e as necessidades da época. Modelos presbiterais do passado, imbuídos de aspectos clericalistas, podem ser pouco eficazes

no mundo presente. Também nesse caso o apóstolo Paulo oferece um testemunho significativo, expresso na maneira pela qual exerceu seu ministério e ajudou a suscitar ministérios em suas comunidades.

A terceira vertente temática desta edição são as conclusões e a mensagem final do 12º Intereclesial das CEBs. As comunidades de base se identificam muito com as primeiras comunidades cristãs, particularmente com as comunidades paulinas. São uma forma consistente de ser Igreja, reconhecida pelo Documento de Aparecida, e podem colaborar muito na atualidade da missão continental e da pastoral.

Inspirados por Paulo, pelo Ano Sacerdotal e pelo testemunho das CEBs, somos chamados a nos abrir para as transformações e as novas inculturações de que a Igreja necessita. A realidade atual nos desafia a tomar atitudes concretas, e uma das principais, pela qual há grande anseio, diz respeito à questão das comunidades sem padre. Para levar adiante a missão da Igreja, um passo real será renovar a maneira de organização das comunidades e de constituição de ministros ordenados, a fim de favorecer que as muitas comunidades atualmente sem padre tenham a eucaristia dominical e tudo o mais que o ministério presbiteral engloba, o que pode dar grande impulso à pastoral. Talvez não haja escassez de vocações, mas excesso de impedimentos para definir quem pode ou não ser padre. Quem sabe um dia, havendo adequada reflexão e preparação, as lideranças que dirigem as comunidades sem padre não poderão vir a ser ordenadas?

Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora **PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO**

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia, Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração **PAULUS**

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Cx. Postal 2534 • CEP 01060-970 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguará, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-200 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95001-970 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

32315-000 - CONTAGEM - MG
Av. João César de Oliveira, 2705 - Loja 1 - Eldorado
Tel: (31) 3391-6471 - (31) 3396-0378
E-mail: contagem@paulus.com.br

78005-820 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, nº 21, Centro
manaus@paulus.com.br

59012-390 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65020-450 - SÃO LUIS/MA
Rua da Paz, 121 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-000 - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracase@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

01060-970 - ASSINATURAS / DISTRIBUIÇÃO
Via Raposo Tavares, Km 18,5
caixa postal 2534 • São Paulo/SP
T.: (11) 3789.4000 • Fax: 3789.4004 • assinaturas@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

PAULO E A COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO EM SEU TEMPO E NA ATUAL CULTURA DA COMUNICAÇÃO

Ir. Joana T. Puntel, fsp*

INTRODUÇÃO

No contexto da celebração do Ano Paulino, Paulo foi certamente o motivo central a nos iluminar, impulsionar, questionar e, talvez, apontar aspectos imprescindíveis para a evangelização no mundo de hoje, sobretudo nas grandes metrópoles da sociedade contemporânea. Aquilo que vivenciamos durante o ano jubilar dedicado ao apóstolo das nações certamente será muito bem aproveitado pela Igreja e por todos os seus membros.

Considerar Paulo e a comunicação do evangelho em seu tempo, e também a figura do apóstolo como **INSPIRAÇÃO** para a evangelização na cultura da comunicação atual, impulsiona uma reflexão por demais abrangente. Faz-se necessário, então, escolher alguns “filões” percebidos na prática dessa “estrela de primeira grandeza na Igreja”, segundo a expressão de Bento XVI.

1. Comunicação: relação interna

Em que pese a existência de dezenas de definições de **COMUNICAÇÃO**, um ponto essencial para o recorte aqui proposto é a afirmação de que a comunicação *não é um fato puramente externo*. Trata-se de realidade, antes de tudo, interna. Ou seja, a comunicação é, **ANTES DE TUDO**, um fato interno, algo que se vive e, **DEPOIS**, se exterioriza, se desenvolve, se articula, usando as mais diversas formas.

Para abrir novas fronteiras para a evangelização na sociedade atual, a exemplo de Paulo, não se pode incorrer no equívoco de praticar somente um ato externo, usando os meios de comunicação. Seria um proceder desastroso,

frustrante, porque não teria Jesus Cristo como o verdadeiro protagonista da missão; o evangelizador seria como um sino estridente, que faz barulho, mas se esvai com o tempo.

Estamos, portanto, falando de duas dimensões da vida de Paulo que se integram e dependem uma da outra, definidas por uma *relação interna* e por uma *relação externa*. (Geralmente, o senso comum vincula o comunicador à prática de um ato externo: fazer algo, desenvolver algo, usar um meio de comunicação etc.)

O encontro com Jesus na experiência de Damasco e no silêncio e intimidade dos anos subsequentes desenvolveu em Paulo a verdadeira comunicação como *expressão interna* e, portanto, tornou-se o **FACHO DE LUZ** a iluminar toda a *comunicação externa* que ele desenvolveria na sua missão. Paulo assumiu uma identidade **CRISTOCÊNTRICA**. É ele próprio quem diz, entre outras coisas, em seus escritos: “Até que Cristo se forme em vós” (Gl 4,19); “Já não sou mais eu quem vive, é Cristo que vive em mim” (Gl 4,20); “Por causa de Jesus Cristo perdi tudo e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e estar com ele” (Fl 3,8). Essa identidade cristocêntrica, *que ele assume*, **O FAZ VIVER** permanentemente no Espírito que o habita.

Paulo partilha com os filipenses o chamado que “Deus nos dirige em Jesus Cristo” e a experiência de ser transformado por esse chamado. Quando exorta a comunidade a imitá-lo, exorta-a a juntar-se a ele para responder a esse chamado e permitir que **CRISTO** lhe transforme a vida. E ser transformado por Cristo é “deixar para trás” muitas coisas e “lançar-se para a frente”. Tudo isso produziu total reviravolta na vida e nos valores de Paulo.

Na adoção de uma identidade cristocêntrica, faz-se presente o próprio Espírito Santo, que abriu os olhos do apóstolo. Como seu povo, até então Paulo só havia conhecido Cristo “segundo a carne”; mas, tornado cristão, conhecia e possuía Cristo segundo o Espírito.

E a eficácia do Espírito é criadora e criativa. Ele é, entre outras coisas, uma luz intelectual: “estando os olhos da vossa inteligência iluminados...” (Ef 1,18). É um DOM permanente, radicado na alma, uma vez por todas inerente a ela. Ele permanece sempre o dom de uma pessoa: o Espírito Santo pessoal está na alma para aí fazer sua morada.

Paulo, então, viveu do Espírito, agiu sob sua influência, tinha a força e a luz que vinham dele. E, sobretudo, ENXERGAVA com a luz do Espírito (aqui está algo que nos toca profundamente, pois podemos *ver* as realidades, e não *enxergá-las*). Portanto, o Espírito que agia na identidade cristocêntrica de Paulo é que o fazia enxergar, ou seja, perceber onde a evangelização precisava ser realizada, encarnada. O evangelizador, a exemplo do apóstolo das nações, não pode somente ver, mas precisa enxergar a realidade, e isso vem do Espírito. Paulo *enxergava* a realidade com base em uma vivência mística profunda, em UM ATO DE COMUNICAÇÃO INTERNA, que o levou a viver a MÍSTICA APOSTÓLICA – entendendo que o cumprimento da missão se faz num contato permanente e consciente com Deus. Segue-se, então, a realização do *ato externo* da comunicação, o *ir* anunciar, o *ir* evangelizar.

2. Comunicação: ato externo

A comunicação, além de ser algo que se vive internamente, é um fato externo, “um fazer algo – no caso, comunicar o evangelho” –, a expressão de algo que se vive, dando-lhe forma.

Apresenta-se, então, uma necessidade. Porque Paulo vive uma identidade cristocêntrica, é impelido a assumir uma identidade missionária, a ponto de afirmar: “Ai de mim se eu não evangelizar”. Isso se torna algo imperioso.

É o Espírito que faz alguém “perceber”, ser criativo, fazer-se tudo pelo evangelho. Paulo disse: “Tudo faço pelo evangelho”.

– A ABERTURA DE FRONTEIRAS PARA O EVANGELHO parte então de uma experiência profunda com Cristo (de uma identidade

cristocêntrica!), e, portanto, o comunicador, como Paulo, vai não somente ver a realidade, mas também enxergá-la. O que queremos dizer com enxergar? Não somente sentir a necessidade de levar Cristo, mas enxergar os modos de percepção da fé que o contexto, a ambiência do momento atual oferece. Sabemos que a fé não muda, mas a *percepção* da fé, sim. Essa percepção se modifica, varia conforme as sociedades evoluem e novos sujeitos, novas “relacionalidades” surgem em decorrência de múltiplas interferências, como as novas tecnologias.

Paulo não somente viu, mas enxergou a realidade do seu tempo e, portanto, COMO comunicar o evangelho naquele contexto. Com que coragem? Com que lucidez? Com que abertura? As emanadas do Espírito que o habitava e que se tornou, a partir da experiência de Damasco, um facho de luz a enviá-lo, fazendo-o perceber como abrir novas fronteiras para o evangelho.

– Paulo olhou, contemplou, rezou e ouviu para onde o Espírito o enviava.

– Paulo iniciou as comunidades cristãs e propiciou a expansão do cristianismo; esse é um fato incontestável, que sem dúvida abriu fronteiras ao evangelho. E, para continuar se comunicando com as diversas comunidades, ele escreveu cartas, usou um instrumento de comunicação. Pois bem, sabemos quanto é necessário usar os meios. No tempo de Paulo, o uso de cartas por parte da Igreja foi, sim, uma novidade, uma forma encontrada para chegar às pessoas da comunidade. Isso é muito significativo e vale para nós, na cultura atual.

Um aspecto da atividade do apóstolo que nos *surpreende* fortemente é sua decisão de ESTAR PRESENTE em contextos, digamos assim, “fora da sinagoga”. A *percepção de Paulo*, com base na qual ele abriu novas fronteiras ao evangelho (“fiz-me tudo para todos”), está em IR aos novos centros, em meio àqueles que não tinham ouvido falar de Jesus. Ademais, percebeu quanto o ser humano é religioso no seu íntimo e com coragem foi lá, no areópago de Atenas, falar do Deus que os gregos tinham medo de adorar, por não o conhecerem. Ele foi e (aparentemente...) “fracassou”.

– Paulo, definido também como “homem de três culturas”, é *sensível à realidade cultural* do povo do seu tempo.

E quem era o homem do seu tempo? Quem eram os judeus? Quem eram os gregos? Enfim, quem eram os gentios? Não cabe aqui a análise e descrição de cada um desses povos. O essencial é que Paulo enxergou a realidade deles e suas necessidades, especialmente a dos pagãos, e serviu-se dos meios humanos, das invenções humanas, para levar o evangelho. Ele *soube enxergar* o que se passava nos *grandes centros* de então (as metrópoles) e foi ali que atuou, que enfrentou as situações e viveu o cotidiano das pessoas; ali ele permaneceu, fundou comunidades, chamou e formou seus colaboradores para que anunciassem Jesus, o Ressuscitado, continuando a missão.

Paulo tinha uma mensagem central: Jesus Cristo. E, como já mencionamos, usou formas de comunicação do seu tempo em proveito das comunidades. Enfrentou tribunais e audiências de alto nível, como no areópago de Atenas... Enfim, ele *criava as estratégias* necessárias para que o evangelho chegasse a todos.

– A exemplo de Jesus, Paulo optou por um *processo inculturado e dialógico de comunicação*, possibilitando ao povo que com ele convivia, que o ouvia e recebia suas cartas, entrar em relação com Deus voltado para os irmãos, em permanente espírito de acolhida. Ele usou a pregação como meio de comunicação e lhe deu continuidade, fundando as comunidades, comunicando-se pelos meios da época, especialmente os escritos, as cartas. Essa era a forma de o apóstolo manter-se em contato com cidades e lugares distantes, pois isso a distância geográfica inspirava.

Nascia e se prolongava, então, o *diálogo*, elemento imprescindível na comunicação. Um diálogo que aproximava os princípios fundamentais do evangelho das situações concretas, ou seja, atingia e penetrava os problemas específicos e concretos, organizava as atividades apostólicas e infundia coragem à vida das comunidades (hoje diríamos: à vida em sociedade).

3. E hoje? Na sociedade atual? Nas metrópoles hodiernas?

A necessidade de Deus permanece. A identidade das pessoas se mostra cada vez mais confusa. O mundo da comunicação se transformou. Não há dúvida de que todo o universo da comunicação foi sensivelmente influenciado, nos últimos anos, pela intervenção de novidades

técnicas que revolucionaram as características das modalidades operativas, dos valores e dos aspectos culturais. O decênio 1990-2000 foi definido como década digital, e sua incidência na sociabilidade assim como as modalidades de conexão (relacionamento) no viver cotidiano se configuram como um dos desafios essenciais para pensar e compreender o lugar ocupado pela comunicação – especialmente na sua versão midiática – no mundo contemporâneo.

Hoje, vivemos uma “encruzilhada” perante os desafios da cultura midiática, pois a comunicação se apresenta progressivamente como *elemento articulador da sociedade*. Trata-se de desafios que ultrapassam o “uso” da tecnologia e tocam a esfera da cultura, da questão ética e, portanto, do ser cristão (discípulo e missionário, segundo o que nos aponta o *Documento de Aparecida*), no grande e moderno areópago das comunicações (cf. RM 37c).

Quando olhamos em volta, logo percebemos quanto a nossa sociedade está repleta, num caminho ascendente, de pequenas janelas digitais que atraem nossa atenção. “Janelas” que prometem notícias, avisos, diversão, recados de amigos. São os visores dos celulares, *palmtops* etc.¹ A visão atual e de futuro que se propõe à sociedade nesse momento de mudança hoje nos impele a olhar a comunicação social como um fenômeno cultural dos nossos tempos que organiza e move a globalização, a modernidade e a pós-modernidade.

Considerando o quadro evolutivo da trajetória da comunicação, mencionado brevemente, e a provocação que a cultura midiática faz e refaz à sociedade contemporânea, damos-nos conta de que algo nunca vivido antes está se passando e “forjando novo sujeito” na sociedade, onde permanecem as necessidades fundamentais do ser humano, mas modificam-se rápida e profundamente a sua forma de se relacionar. É o que constitui o aspecto antropológico-cultural da mensagem de Bento XVI, *Novas tecnologias, novas relações*, para o 43º Dia Mundial das Comunicações. Ele afirma: “O desejo de interligação e o instinto de comunicação, que se revelam tão naturais na cultura contemporânea, na verdade são apenas manifestações modernas daquela propensão fundamental e constante que têm os seres humanos para se ultrapassarem a si mesmos, entrando em relação com os outros”.

Inserida no contexto da “pós-modernidade”, a comunicação já não se restringe a um setor da atividade humana (o dos meios de comunicação social). Ela inaugura o advento de um *complexo modo de viver*, redistribui o cotidiano das pessoas e interage com ele, onde se constroem os significados por meio das formas simbólicas e da diversidade da linguagem da mídia. André Lemos já alertava sobre o ciberespaço como novo ambiente que cria nova relação entre a técnica e a vida social,² espaço onde se encontram as culturas e os vários modos de pensar, agir e sentir.

O fundamental reside em compreender o que significa encontrar-se diante de verdadeira “revolução” tecnológica, com sua exigência de ir além dos instrumentos, e tomar consciência das “mudanças” fundamentais que as novas tecnologias operam nos indivíduos e na sociedade – por exemplo, nas relações familiares e de trabalho, entre outras. A questão não se situa, portanto, entre aceitar ou rejeitar. Estamos diante de um fenômeno global, que se conjuga com tantos outros aspectos da vida social e eclesial. As palavras de João Paulo II na encíclica *Redemptoris Missio* são claras: “Não basta usar (os meios) para difundir a mensagem cristã (...) mas é preciso integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’ criada pela comunicação social” (n. 37c).

A questão de fundo, portanto, já não é reconhecer que os meios de comunicação, em pouco tempo, deixaram de ser elementos emergentes na vida social para assumir uma posição central na maneira de estruturá-la e explicá-la. Mais do que em “reconhecer”, a questão reside na significação desses meios, ou seja, no seu *lugar social*.

Situa-se aqui o ponto fundamental na discussão atual da cultura digital: diante do fenômeno das novas tecnologias, é preciso atentar para não considerar a *convergência* somente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Trata-se, antes, de uma “cultura participativa”, que contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtos e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes que interagem de acordo com novo conjunto de regras que nenhum de nós, realmente, entende por completo.

Refletimos, então, sobre as *novas relações* que as *novas tecnologias* vêm provocando e já

realizando, como temos visto ao longo do texto. Mudam as formas, mas a necessidade humana de relacionar-se permanece. É fundamental o conceito de que o ser humano vive a dinâmica constante de autoconhecimento, bem como de autoconstrução. É por isso que sempre falamos de sua necessidade intrínseca de estar em relação consigo mesmo, com a sociedade, com o outro e com o transcendente. O ser humano busca sempre a relação, o contato com o outro.

Especialmente na cultura digital, é enorme a capacidade humana de relação com os inúmeros ambientes de informação. São as famosas interfaces, pois se situam entre os usuários e tudo aquilo que eles desejam obter. O mundo, onde se encontram informações, também o excesso, a escolha, a incerteza, está a um clique; isto é, a manipulação de dados, imagens, sons, as conexões através da *web*, a formação de comunidades virtuais, oportunidades de protestos, de defesa de direitos humanos, convites às mais variadas formas de participação... formam o dia a dia do indivíduo hoje. Isso implica novas relações.³

Algo importante, porém, é preciso enfatizar no que diz respeito a essa transformação comunicacional: nas múltiplas formas de conhecer, ser e estar, portanto, nos usos das novas tecnologias, “a mente, a afetividade e a percepção são agora estimuladas não apenas pela razão ou imaginação, mas também pelas sensações, imagens em movimento, sonoridades, efeitos especiais, visualização variada do impossível, encenação de outras lógicas possíveis de construir realidades e se construírem como sujeitos”.⁴

Partindo do novo mapa ou da reconfiguração do processo comunicacional na sociedade contemporânea, somos levados a pensar que a sociedade atual se rege pela *mediatização*, ou seja, pela tendência à “*virtualização*” das relações humanas, à excitação de todos os sentidos e emoções, à provocação do imaginário e dos desejos. Hoje, o indivíduo é solicitado a viver pouco reflexivamente e mais na superficialidade do que percebe, sabe e sente. No horizonte comunicacional da interatividade absoluta, põe-se em primeiro plano o envolvimento sensorial, a pura relação.

Daí a importância de, além de observar esse fenômeno, educar para a relacionalidade e trabalhar com cuidado as interações, os usos e os consumos no contexto das dinâmicas culturais. Assim, a atenção se volta, primeiramente, para

os processos envolvidos na recepção, para o modo de construir significados e para os mecanismos de resignificação e aplicação da simbologia midiática, entre outros aspectos. Aí ocorrem os processos de negociação, de significação, dos novos sentidos. Pois, como vimos, no mundo das novas tecnologias, onde estamos imersos, já não temos simplesmente novos aparatos, mas sobretudo novos espaços simbólicos, geração de significados, formas inéditas de relações, oportunidades de novas identidades, novos sujeitos. E é justamente nesse novo panorama comunicacional, por vezes assustador, que está a oportunidade de promover *uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*. Tudo depende de uma pessoa bem formada nos princípios.

O papa João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Missio* (1990), fala do mundo da comunicação, que se tornou muito mais complexo do que no tempo de Paulo, a ponto de o próprio pontífice denominá-lo como o primeiro aréopago do tempo moderno. Trata-se de um setor importante da cultura moderna. Aí deve-se realizar a “pregação” à qual se devotou o grande comunicador Paulo. Comunicação que, seguindo as linguagens e a sensibilidade do homem contemporâneo, se torna um “lugar teológico” onde deve ocorrer o diálogo entre fé e cultura midiática.

Traduz-se, então, a importância da evangelização e o convite a essa missão no compromisso de conhecer, refletir e iluminar, como Paulo, esse revolucionário mundo da comunicação, que cada vez mais provoca a mudança de paradigmas, de linguagens e métodos pastorais na evangelização atual.

*Nos primeiros tempos da Igreja, os apóstolos e os seus discípulos levaram a boa-nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização (Bento XVI, *Novas tecnologias, novas relações*).*

Por conseguinte, a Igreja encontra em Paulo a inspiração para, diante de novos olhares e novas fronteiras para a evangelização na cultura midiática, levar em consideração os desafios ine-

rentes à conjuntura histórico-cultural do homem contemporâneo e ir ao seu encontro sem abdicar da própria identidade e com a coragem de quem vive sua vocação de educadora e comunicadora. Sobretudo na sociedade atual, em que amiúde estão a serviço de determinados interesses, os meios de comunicação costumam transmitir principalmente as mensagens convenientes aos que têm poder econômico. Como Paulo, que “enfrentou” Pedro na discussão a respeito de imposições aos pagãos, não se pode permitir que a evangelização se estabeleça como uma imitação do procedimento tantas vezes manipulador dos poderes econômico-midiáticos.

Indubitavelmente, o maior desafio atual, em que Paulo pode ser “modelo” para o comunicador moderno, “consiste em perceber com maior clareza e empatia as inquietações e necessidades profundas dos homens e das mulheres de hoje, para que se possa interpretá-las e expressá-las melhor do que outras mensagens midiáticas pouco evangélicas”.⁵ Nasce, então, a urgência da preparação cultural, da competência, além da espiritualidade que leva o evangelizador a ter em conta os comunicadores, produtores de mensagens.

Oxalá Paulo seja o grande inspirador para o evangelizador nas grandes metrópoles contemporâneas, de modo que este se prepare com a devida competência, criatividade e “pastoralidade” para realizar o diálogo entre a fé e a cultura atual com base numa identidade cristocêntrica – o “facho de luz” a impulsionar a missão apostólica, segundo o Espírito de Jesus, no mundo de hoje.

* Ir. Joana T. Puntel, religiosa paulina, é jornalista, doutora em Comunicação Social pela Simon Fraser University (Canadá) e pela USP. Coordenadora dos cursos no Sepac-SP, docente e coordenadora da Iniciação Científica na Fapcom. Membro da Equipe de Reflexão sobre Comunicação da CNBB. Autora, entre outros, do livro *Cultura midiática e Igreja – uma nova ambiência*.

Notas:

1. COSTA, Rogério da. *Cultura digital*. São Paulo: Publiflora, 2002.
2. LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
3. COSTA, op. cit.
4. BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE FILHO, João (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.
5. FERNANDEZ, Victor Manuel. *Teologia espiritual encarnada*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 194.

A COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO DE PAULO

Pe. Silvio Sassi, ssp*

INTRODUÇÃO

Quem é cristão praticante pode, interessando-se pela vida e pelo ensinamento de são Paulo, melhorar a própria fé? Quem não tem fé, mas está disposto a afrontar o problema da fé, pode encontrar na atividade e nas cartas de são Paulo uma ajuda interessante? O estilo de vida de são Paulo, seu pensar e existir, pode ser, também hoje, um exemplo original de fé? Mesmo num contexto totalmente diferente, a forma de são Paulo crer em Cristo pode ser modelo de uma fé fascinante? Entre os inumeráveis pontos de vista dos quais se pode observar a complexa personalidade de são Paulo, é lícito também deter-se sobre “a qualidade da comunicação” que permitiu ao apóstolo descobrir Cristo, a ponto de considerá-lo o único sentido de sua vida e propô-lo com paixão a muitos mediante corajosas viagens missionárias e numerosas cartas.

1. “Tornei-me tudo para todos”

A intensidade da comunicação que flui de Cristo para Paulo e deste aos seus ouvintes e leitores pode ser encontrada em alguns trechos de suas cartas.

Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus fiz-me como judeu a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei –, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de

Cristo –, para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos a fim de salvar alguns a todo custo. E isto tudo eu faço por causa do evangelho, para dele me tornar participante (1Cor 9,19-23).

Paulo tornou-se “tudo para todos” na pregação do evangelho. Sua comunicação sobre Cristo compreende, como elemento necessário, a identidade específica de quantos o escutam ou leem. Sua adequação da palavra e da escrita ao público específico ao qual se dirige é componente indispensável para “salvar alguns a qualquer custo”. Uma comunicação somente preocupada com a realização de um dever (por parte de quem formula a mensagem) ou obcecada pelo conteúdo da mensagem a ser transmitida não constitui a comunicação evangelizadora de são Paulo. Não é suficiente ter autoridade para falar, tampouco possuir a integralidade e a pureza de todos os conteúdos a ser ditos; a validade da mensagem de Cristo é proporcional à capacidade de entender de quem escuta ou lê. Para ser compreendido, não basta falar.

Quem aprofunda sua fé ou está em busca da fé pensa e age com sua personalidade e espera encontrar uma ajuda que saiba adequar-se às suas exigências. Se encontrar somente alguém ou alguma coisa que exprime uma fé que parece fazer diminuir os fiéis, tem a impressão de ter entrado em contato com uma ideologia incontestável, com um sistema filosófico exaustivo ou com uma pessoa fanática. Talvez a formulação e a elaboração das verdades de fé sejam argumentadas e expostas com inteligência. Talvez as tomadas de posição práticas sejam consequentes

e constantes, mas não permitem à outra pessoa mostrar interesse e prazer em saber mais ou desejar torná-las próprias. Trata-se de uma comunicação muito voltada para si mesma, fruto de uma mentalidade muito defensiva da verdade, vinculada a um agir concreto, agressivo e intolerante em direção ao que seja diferente. Não existe lugar para o outro, carente e titubeante, numa fé que seja somente um sistema de ideias bem organizadas, ritos cada vez mais misteriosos ou regras operativas que não admitem discussão. Quem deseja um aprofundamento ou está em busca quer, em primeiro lugar, uma resposta aos problemas que põe e a como os põe e não a transformação de suas expectativas e perguntas em linguagens que, de fato, não preveem perguntas nascidas no decorrer da história.

Pode-se observar a vida de São Paulo e ler as cartas com o critério que motiva toda sua comunicação: Cristo, morto e ressuscitado, é a salvação para todos. A pregação universal desse “evangelho” deve realizar-se unindo, de forma fecunda, a pessoa de Cristo e a capacidade comunicativa do público que acolhe o anúncio. Para São Paulo, e para a Igreja de todos os tempos, seria um fracasso comunicativo deformar a pessoa de Cristo, mas também seria uma comunicação estéril deformar a identidade do público, pessoas que vivem num contexto cultural bem particular e se interrogam de forma inédita sobre sua fé.

2. “Quando sou fraco, então é que sou forte”

São Paulo, a quantos diminuem sua identidade religiosa ou seu encargo de apóstolo de Cristo, num momento de “loucura”, comparando-se a outros, enumera a riqueza de sua fé, judaica e cristã, e as dificuldades em propô-la aos demais:

São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? Como insensato digo: muito mais eu. Muito mais pelas fadigas; muito mais, pelas prisões; infinitamente mais, pelos açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de

Celebre os momentos litúrgicos com ânimo, alegria e unidade com a Igreja!



Canto e música na liturgia

Dividido em três blocos - Quem canta na liturgia?, O que cantar na liturgia? e Um canto para cada tempo litúrgico -, o presente trabalho orienta o fiel e mostra-lhe a importância dos cantos na vida litúrgica da Igreja.



Missa, nossa ceia com o Senhor

Neste vídeo, temos a possibilidade de ver uma celebração eucarística coerente com o mandato de Jesus, com a tradição da Igreja e com a sede espiritual do povo.

Imagens meramente ilustrativas.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



estirpe, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos. Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez. E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas. Quem fraqueja sem que eu também me sinta fraco? Quem cai sem que eu também fique febril? (2Cor 11,22-29).

A esse elenco segue-se a enumeração das visões e das revelações do Senhor (2Cor 12,2-10), das quais são Paulo poderia vangloriar-se para justificar sua profunda fé e a aprovação divina à sua atividade apostólica.

Como conclusão à descrição detalhada de sua identidade, de suas fadigas e das revelações recebidas, são Paulo apresenta a única coisa pela qual deseja gabar-se: “Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei” (2Cor 11,30); pois “quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). “Mas pela graça de Deus sou o que sou: e sua graça a mim dispensada não foi estéril. Ao contrário, trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10).

A comunicação do evangelho em são Paulo é “fraca”, realiza-se em condições que, humanamente falando, podem ser avaliadas como insólitas e insignificantes em comparação ao efeito que almejam alcançar de “salvar alguns a qualquer custo”.

São Paulo comunica o evangelho com uma pregação que não utiliza elaboradas construções mentais ou linguagem refinada; argumentos ou elaboração retórica também não se fazem presentes em sua exposição. Em um contexto cultural onde a comunicação do saber e a proposta da religião são confiadas ao poder de convicção sobre os temas tratados e à utilização de uma linguagem refinada, são Paulo, por escolha, anuncia o Cristo morto e ressuscitado com palavras e discursos simples.

Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (1Cor 1,22-24).

Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Cristo. Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem de sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus (1Cor 2,1-5).

Outra escolha original expõe Paulo a críticas que põem em dúvida o valor de sua pregação: não querer nenhuma retribuição.

Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que anunciam o evangelho que vivam do evangelho. Da minha parte, porém, não me vali de nenhum desses direitos [...]. Qual é então o meu salário? É que, pregando o evangelho, eu o prego gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do evangelho me confere. Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível (1Cor 9,14-15.18-19).

Poder-se-iam acrescentar outras escolhas que Paulo faz para garantir ao máximo a eficácia de sua comunicação junto ao público: “Tudo suportamos, para não criar obstáculo ao evangelho de Cristo” (1Cor 9,12).

Aos que desejam aprofundar sua fé e aos que decidem interessar-se por ela, a comunicação da fé nunca se reduz a um conteúdo, privado de seu contexto; o contato com a pessoa de Cristo é mediado por um conjunto comunicativo que inclui, com certeza, conteúdos precisos, mas apresentado de determinada maneira e por pessoas concretas.

Bem consciente de que sua pessoa e as formas de sua pregação podem ter influência sobre a relação que se estabelece entre Cristo morto e ressuscitado e os ouvintes e leitores, o apóstolo escolhe o caminho da “fraqueza”, deixando ao “poder” de Deus o valor e o resultado da incapacidade humana.

A história do cristianismo documenta tanto momentos felizes de uma evangelização que

confia na “força da fraqueza” quanto pessoas, épocas, iniciativas eclesiais que apelam à “fraqueza da força”, com resultados, muitas vezes, deploráveis.

Quem se interessa pela fé percebe claramente alguns obstáculos que, nem sempre de forma consciente ou desejada, caracterizam certa comunicação do evangelho.

A experiência da fé não pode ser estimulada a crescer ou nascer quando vem a reboque de uma evangelização que apresenta um Cristo fragmentado, que cria um desequilíbrio ou, de forma excessiva, sublinha somente as verdades da fé, ou os ritos e celebrações, ou os deveres éticos.

Uma comunicação do evangelho viciada por um estilo de vida em plena contradição com o que é anunciado, pela manifestação explícita dos interesses pessoais e de vontade de poder social e cultural, pela busca angustiada de uma proposta de fé com maior motivação na preocupação em criar adeptos mediante a astúcia humana, constitui alguns dos impedimentos para chegar à verdadeira fé.

Escolher a “fraqueza” na comunicação e na recepção do evangelho segundo o exemplo de São Paulo significa considerar a experiência de Cristo como um dom do Espírito, e não o resultado automático de conflitos dialéticos, de uma espiritualidade feita somente de práticas sacramentais e de uma ética de imperativos moralistas.

3. “Devemos anunciar o evangelho aos gentios”

O encontro com Cristo ressuscitado no caminho de Damasco é vivido por Paulo como a vocação para uma missão: comunicar o evangelho a quantos não acreditam em Deus. A consciência desse encargo é expressa com clareza: “Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça houve por bem revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios” (Gl 1,15-16). Deus revela seu Filho, Jesus, a Paulo para que este o comunique aos gentios.

A missão confiada a Paulo constitui uma abertura a novos destinatários: “[...] em virtude da graça que me foi concedida por Deus de ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, a serviço do evangelho de Deus, a fim de que a

oblação dos gentios se torne agradável, santificada pelo Espírito Santo” (Rm 15,16). Mas suas fadigas são obra de Cristo: “[...] pois eu não ousaria falar de coisa que Cristo não tivesse realizado por meio de mim para obter a obediência dos gentios em palavras e ações” (Rm 15,18).

A convicção de ter recebido de Deus o encargo de comunicar o evangelho aos gentios influi sobre a compreensão que Paulo tem a respeito dos que eram apóstolos antes dele e sobre a forma particular de realizar a evangelização diante de um público novo.

A obra de Pedro e dos outros apóstolos que viveram com Cristo toma, em Jerusalém, a forma de uma experiência de Cristo morto e ressuscitado em continuidade com a fé e as práticas religiosas hebraicas: é um judeo-cristianismo vivido sobretudo por judeus que se abrem à fé em Cristo.

Alguns cristãos saídos da Palestina, espontaneamente ou obrigados, vivendo em um contexto helenista, dão vida em Antioquia a um cristianismo sensível aos que, sendo judeus da diáspora e, sobretudo, gentios, se convertem a Cristo.

Barnabé, enviado expressamente pelos apóstolos e pelos cristãos de Jerusalém para tomar conhecimento do cristianismo vivido em Antioquia, fica impressionado e logo vai procurar Paulo, que se havia refugiado em sua pátria, a fim de uni-lo à comunidade cristã antioquina, que prega e vive a fé em Cristo com atenção a quantos estão distantes, um pouco ou totalmente, das práticas do judaísmo de Jerusalém.

Evangelizar os gentios não é a mesma coisa que evangelizar os judeus, pois estes provêm de experiências religiosas completamente diversas. A comunidade de Antioquia percebe a grande dificuldade dos gentios convertidos ao cristianismo em assumir tudo o que, primeiramente, o judaísmo incluía para uma vida de fé: circuncisão, prática minuciosa de todos os preceitos da Lei, aceitação da mentalidade particular com a qual foi vivida a fé hebraica durante séculos.

Com a difusão do cristianismo aos gentios, o modo judeu-cristão e o modo antioqueno-helenista de viver se impõem a ponto de tornar necessária uma avaliação radical. São Paulo mesmo nos informa sobre a discussão ocorrida em Jerusalém entre os representantes qualificados daquela comunidade e os enviados pela comunidade antioquina:

Subi em virtude de uma revelação e expulsões – em forma reservada aos notáveis – o evangelho que prego entre os gentios, a fim de não correr, nem ter corrido, em vão. [...] nada me acrescentaram. Pelo contrário, vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro dos circuncisos, pois aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios [...] nós pregaríamos para os gentios e eles para a circuncisão (Gl 2,2-9).

Todo trabalho evangelizador de Paulo é marcado pela determinação de permitir também aos pagãos uma experiência particular de Cristo. Trata-se de esforço de comunicação que envolve todo o processo comunicativo: o comunicador e os conteúdos da comunicação em sua integridade em função da salvação dos destinatários gentios.

Entre os elementos mais visíveis da diversidade pedida está a inutilidade da circuncisão e das práticas minuciosas da Lei:

Atenção! Eu, Paulo, vos digo: se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá. Declaro de novo a todo homem que se faz circuncidar: ele está obrigado a observar toda a Lei. Rompestes com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caístes fora da graça. Nós, com efeito, aguardamos, no Espírito, a esperança da justiça que vem da fé. Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor nem a incircuncisão, mas a fé agindo pela caridade (Gl 5,2-6).

Aprofundar as escolhas comunicativas feitas por são Paulo, em meio aos conteúdos da fé, para anunciar o evangelho aos gentios é permanente ajuda na história do cristianismo para evitar qualquer enrijecimento ou saudade do passado que possam transformar-se, por analogia, em um confronto dialético parecido com aquele entre judeo-cristianismo e o cristianismo antioqueno. Com a qualidade de sua comunicação evangelizadora, são Paulo apresenta-se em todos os tempos como permanente corretivo ao enfraquecimento ou à ameaça de desaparecimento da universalidade de Cristo.

Para quem deseja cultivar sua fé ou se interessa em descobri-la, é uma consolação saber que, no exemplo de são Paulo, a experiência de Cristo

se mostra possível tanto “aos judeus como aos gentios”, que podem ser individuados nas pessoas e nos ambientes culturais e de vida atuais. A identidade de quem quer fazer experiência de Cristo com são Paulo é valorizada a tal ponto, que também a maneira de propor e viver a fé sofre adequada reelaboração e renovação.

4. “Levo-os no coração”

“Ai de mim se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16), são Paulo reconhece abertamente; por isso ele exercita não um “trabalho” autônomo, mas cumpre um “encargo” recebido por Deus. A intensidade do encontro com Cristo ressuscitado incide também em sua missão, transformando-a em um testemunho que o envolve – em algo bem diferente de uma obra à parte, assemelhada ao trabalho de um mercenário. A “paixão” em comunicar o evangelho brota da convicção de ter recebido de Deus um dom inesperado; como de surpresa experimentou o Cristo, assim entendeu que o evangelho é destinado a todos numa dimensão de universalidade.

Facilmente se pode encontrar em são Paulo uma comunicação “apaixonada”, não no sentido de fanatismo, mas como envolvimento emotivo de toda a pessoa.

Apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade, como uma mãe que acaricia os seus filhinhos. Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não somente o evangelho de Deus, mas até a própria vida, de tanto amor que vos tínhamos (1Ts 2,7-9); Bem sabeis que exortamos a cada um de vós como um pai exorta a seus filhos, nós vos exortávamos, vos encorajávamos e vos conjurávamos a viver de maneira digna de Deus, que vos chama ao seu reino e à sua glória (1Ts 1,11-12).

Nós, porém, irmãos, privados por um momento de vossa companhia, não de coração mas só de vista, desejávamos muito vos rever (1Ts 2,17).

E é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos tenho no meu coração. [...] Deus me é testemunha de que eu vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus (Fl 1,7-8); Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza. [...] Acolhei-nos em vossos corações.

A ninguém causamos injúria, a ninguém pervertemos, a ninguém exploramos (2Cor 6,12; 7,2-3).

A relação que se estabelece na comunicação do evangelho entre Paulo e os cristãos das várias comunidades por ele fundadas é “afetuosa”: como entre mãe, pai e filhos; como entre pessoas queridas; como quem tem saudade e deseja ver rostos amados.

Essa ternura de Paulo pode surpreender, sobretudo quando se olha para certas representações que o reproduzem sisudo, irritado e punitivo ou quando se leem alguns trechos de suas cartas que parecem drásticos e não abrem espaço para a discussão. “Que preferis? Que eu vos visite com vara ou com amor e em espírito de mansidão?” (1Cor 4,21).

Uma leitura mais global das cartas de são Paulo nos permite reencontrar um estilo de comunicação que cria um laço – diferente de outro que queira somente garantir a “fria” passagem de uma mensagem em sentido único, sem a preocupação “quente” de saber o que o destinatário entende ou faz.

O envolvimento emotivo de Paulo é exemplo para uma comunicação do evangelho que não seja um “trabalho” a ser praticado com profissionalismo ou um “dever” a ser executado contra a vontade. A comunicação “apaixonada”, todavia, não se esgota na manifestação explícita dos sentimentos por parte do pregador do evangelho, mas engloba também os sentimentos manifestados pelos que recebem o anúncio.

A carência de emotividade não sobressai apenas na ausência de expressões afetuosas, mesmo úteis e necessárias, mas se percebe de forma evidente quando a mensagem do evangelizador é somente o espelho dos próprios sentimentos, desejos e vontade. Numa comunicação do evangelho em que não se prevê o destinatário em carne e osso, deste lugar ou neste tempo, faltam as condições para suscitar ou crescer o interesse por Cristo.

Às vezes, tem-se a impressão de que alguns conteúdos de evangelização tenham sido simplesmente pensados e escritos, “inventando-se” um ouvinte ou um leitor que já não existe ou, de qualquer modo, não é o destinatário que se deseja alcançar ou envolver. Em são Paulo, a evangelização é comunicação “encarnada”, não uma

formulação árida da inteligência. A seguinte passagem é esclarecedora: “Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo e, embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande, não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão. Por conseguinte, despedi-me deles e parti para a Macedônia” (2Cor 2,12-13).

Uma comunicação que faz “vibrar” o comunicador, a mensagem e os destinatários é a que provoca uma resposta emotiva do destinatário, se derrama sobre a mensagem e retorna ao mensageiro, criando diálogo integral. É uma pretensão compelir o Espírito, comunicando o evangelho sem envolver os afetos que entram em jogo.

5. “Sejam meus imitadores”

Em algumas de suas cartas, são Paulo convida os cristãos das igrejas por ele fundadas a imitá-lo: “Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós” (Fl 3,17). E em outro lugar: “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (1Cor 11,1). De forma diferente: “Vós vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar das numerosas tribulações; de sorte que vos tornastes modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia” (1Ts 1,6).

Aos cristãos, são Paulo indica particular experiência da pessoa de Cristo: não simples “seguimento”, mas “imitação”. Aderir a Cristo não se reduz, de fato, a fazer parte de um grupo que se identifica com suas ideias e projetos, mas envolve uma relação interpessoal sustentada pelo empenho de assemelhar-se a ele em tudo.

O fato de propor-se como exemplo não é presunção, mas uma forma de comunicação do evangelho: imitar são Paulo, que imita Cristo, é imitar o mesmo Cristo. O contato com o Cristo ressuscitado não é direto, mas mediado pela pessoa de Paulo; o encontro entre Paulo e Cristo pode ser observado nas suas consequências, na maneira de pensar e agir do apóstolo: “Pois para mim o viver é Cristo” (Fl 1,21).

Sua mudança radical no viver a fé é posta em relação direta com Cristo; após ter falado de todos os aspectos positivos que tinha como observante da Lei, Paulo afirma: “Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo. Mais ainda: tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus,

meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo a justiça da Lei, mas a justiça que vem de Deus, apoiada na fé” (Fl 3,7-9). Essa polarização na pessoa de Cristo é vivida por Paulo como uma identificação: “Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Fl 2,19-20).

A identificação de Paulo com Cristo não é uma fusão que despersonaliza, como se fosse um plágio que tira a autonomia da identidade, mas trata-se da assimilação de uma partilha total. São Paulo interpreta a sua vida à luz do acontecimento de Cristo: crucifixão, morte e ressurreição. Comparando-se a um atleta que corre, explica o sentido do seu correr: “Não que eu já o tenha alcançado ou que seja perfeito, mas vou prosseguindo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Cristo Jesus” (Fl 3,12).

A constante fadiga para imitar a Cristo é decorrente da comunicação do evangelho: “Graças sejam dadas a Deus, que por Cristo nos carrega sempre em seu triunfo e, por nós, expande em toda parte o perfume do seu conhecimento. Em verdade, somos para Deus o bom odor de Cristo, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem” (2Cor 2,14-15). Sendo impregnada do bom odor de Cristo, a comunicação do evangelho realizada por Paulo se expande ao redor como o aroma de um perfume. O método de evangelização de Paulo não é nem a lógica pura, que dobra a inteligência dos outros, nem um hábil discurso enganoso por interesses pessoais, mas se trata de um testemunho comparado a um perfume.

Desde sempre o aprofundamento e a busca da fé encontram uma ajuda particular nas pessoas que são testemunhas viventes dos efeitos do acreditar em Cristo. Com razão, Paulo VI escreve: “O homem contemporâneo escuta com mais gosto testemunhas que mestres ou, se escuta os mestres, é porque se trata de testemunhas” (*Evangelii Nuntiandi*, 8/12/1975, n. 41).

A história do cristianismo é rica, em cada época, de pessoas de fé que souberam assimilar Cristo com tamanha profundidade, que se transformaram em uma forma bem visível de comunicação da fé. É mais eficaz dar-se conta do significado da fé encontrando pessoas impreg-

nadas de Cristo que mergulhando num tratado de teologia.

Visto que a comunicação da fé por meio do testemunho de quem acredita é desde sempre incluída entre as formas de evangelização, revela-se uma maneira adequada também para a evangelização por meio das tecnologias da comunicação atual. Falar de forma explícita de Cristo por meio do jornalismo, da imprensa, das imagens, dos produtos multimidiáticos e da comunicação em rede pede visibilidade, narração e sintonia com o público.

Usada de forma narrativa, a comunicação da fé, sobretudo com a comunicação midiática, multimidiática e em rede, é, por um lado, para a comunidade dos que acreditam, garantia de que o evangelho se tornou “vida”, encarnando-se na história das pessoas; por outro lado, no universo da comunicação atual, é uma forma de proposta que pode prever maior aceitação por parte do público.

Existe outro ensinamento que pode ser tirado da comunicação do evangelho de São Paulo e convida os cristãos a imitá-lo. Além de propor-se como “imagem viva” de Cristo, o apóstolo, em suas cartas, não faz uma exposição sistemática das verdades e das consequências operativas do acreditar em Cristo. Com habilidade comunicativa, seu método habitual é saber individuar a realidade problemática de uma pessoa ou de uma comunidade cristã e saber interpretá-la com sua experiência de Cristo morto e ressuscitado. Suas cartas, desse modo, mais que um evangelho de afirmações gerais e de sábias sentenças, são uma aplicação dos valores cristãos em cada circunstância. A fé é assim envolvida nas realidades da vida cotidiana; por isso é possível, partindo do episódio concreto, remontar aos grandes ensinamentos e à centralidade da pessoa de Cristo.

Todas as formas de evangelização e qualquer aprofundamento e busca da fé dão fruto se assumem plenamente a vida concreta, sabendo interpretá-la à luz da pessoa de Cristo. Para alcançar resultados úteis, é indispensável saber conjugar, com idêntica competência, a indispensável referência a Cristo e o imprescindível conhecimento das pessoas e dos problemas humanos.

É tarefa dos que acreditam não só falar de forma explícita de Cristo, mas também saber interpretar e expor todo aspecto da vida pessoal e social à luz do evangelho. A comunica-

ção do evangelho por meio do “testemunho de valores” encontra, na participação do debate da opinião pública, a qual se realiza nas várias formas de comunicação atual, um espaço ideal a ser valorizado. Nesse âmbito, a fé cristã não se reduz ao espetáculo de alguma personagem ou a acontecimentos que representam mínima parte da religião, mas se torna uma proposta de interpretação e de solução dos problemas da vida cotidiana à luz de Cristo.

São Paulo, de fato, representa um estilo de vida cristã que compreende um pensar e um agir bem específicos na comunidade cristã do começo; por essa razão, na história da Igreja, esse apóstolo permanece um modelo de referência, sobretudo nos momentos de revisão e de novo impulso da evangelização, quando é preciso responder às mudanças ocorridas nas pessoas e na sociedade. A universalidade da comunicação de Cristo é confiada, de forma complementar, ao serviço da unidade de Pedro e à coragem da diversidade de Paulo.

Quando o bem-aventurado Tiago Alberione (1884-1971) iniciou a Sociedade de São Paulo para, de modo progressivo, evangelizar com a imprensa, com os *mass media*, com a multimídia e a comunicação em rede, foi fortemente motivado também por uma frase de Dom Wilhem von Ketteler (1811-1877), arcebispo de Magonza: “Se São Paulo voltasse a este mundo, tornar-se-ia jornalista”.

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja manifestou a decidida vontade de viver o programa de São Paulo: “Lanço-me para a frente” (Fl 3,13). “A Igreja católica não é um museu de arqueologia. É a antiga fonte do lugar que dá água às gerações de hoje, como a deu no passado” (João XXIII, 13 de novembro de 1960).

* Pe. Silvio Sassi, atual superior-geral dos Paulinos e membro do Pontifício Conselho para as Comunicações, é doutor em Comunicação pela Sorbonne.

Tradução: Ir. Teresa Boschetto, ap e Ir. Clotildes Prates, ap.

VIDA PASTORAL

Disponível também na internet,
em formato pdf.
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

ENTENDA E CELEBRE O PONTO MAIS ALTO DA NOSSA FÉ.



Imagens meramente ilustrativas.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

1. A missa

Da última ceia até hoje

Pe. José Luiz Gonzaga do Prado

2. Missa: uma ação emocional

Missa passo a passo

Pe. Wellington Cardoso Brandão

3. Missa: entenda e participe

Pe. Luiz Miguel Duarte

4. A missa explicada parte por parte

Pe. José Bortolini

O objetivo destes livros é oferecer auxílio para maior entendimento da missa, apresentando tanto os fundamentos bíblicos e teológicos da eucaristia quanto os pontos fundamentais da sua dimensão litúrgica, tudo para que ela seja celebrada em toda a sua plenitude.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



UM ENSAIO DE ATUAÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL NA CIDADE

Fr. Miguel Debiasi, ofm*

INTRODUÇÃO

Ao iniciar o século XXI, não podemos deixar de olhar com especial atenção para temas pertinentes à caminhada da Igreja. Este ensaio focaliza seu olhar na atuação teológico-pastoral na cidade, no pensar e no agir da ação evangelizadora em ambientes urbanos. Essa não é uma questão isolada ou particularizada, mas fundamentalmente coletiva, de toda a comunidade Igreja. Desse agir do ser humano cristão e da comunidade eclesial depende a eficaz atuação teológico-pastoral, especialmente nos ambientes urbanos. O ensaio não se inicia dando importância à crise econômica, mas, sim, atentando para as formas de pensar e agir do povo e seus reflexos hoje na comunidade Igreja.

“A vida está cada vez mais urbana”; “Na cidade vive-se melhor”; “Sou da metrópole”.¹ Tais constatações apontam a tendência do senso comum e do imaginário social neste início do terceiro milênio. Dados estatísticos dizem que 80% da população brasileira e 50% da população mundial vivem em ambientes urbanos. Há novo ambiente social para o terceiro milênio. No imaginário social existe a ideia de que a cidade oferece mais alternativas. As cidades crescem, e o mundo tornou-se imensurável metrópole. A mudança não é apenas de lugar geográfico e social, mas também do ser e do agir do ser humano. Nasce outro mundo com cultura secularizada, suscitando modelos de vida que resistem ao espírito do evangelho. A sociedade urbana secularizada, com seu discurso e com seus “sacerdotes ascéticos”², põe a Igreja diante de novo tempo e nova realidade que desconcertam seu

pensar e seu agir, os quais desejam sobreviver, talvez dentro de novo abrigo.

A sociedade urbana secularizada é fascinante. Até mesmo a complexidade de relações que ela impõe não impede a frenética sensação de sociabilidade, liberdade e emancipação. O homem urbano é a sua realidade, fruto do seu ser e do seu agir: autônomo, emancipado. Isso não é estranho, porque ainda nos primórdios da civilização ele escolheu viver em grupos, formando vilarejos para a subsistência e a preservação da espécie. Como espaço de agregação de grupos e de comunidades, a cidade constituiu, ao longo da história, o *habitat* natural das pessoas.³

A vida urbana está em permanente mobilidade, mutação e transformação, características do pós-moderno. A identidade do pós-moderno é a sua não fixação em coisas eternas e duráveis. A geração do futuro tende a caracterizar-se pela habilidade para tecer relações urbanas de autonomia, de emancipação. Apresenta-se grande tarefa para a atuação teológico-pastoral da Igreja: inculturar o projeto de Cristo nessa realidade urbana, hoje pós-industrial, pós-crise, pós-ontem. Tal missão exige criativo dinamismo e inserção para chegar às sociedades urbanas e suas culturas.

1. Atuação de Jesus Cristo: caminho possível na cidade

O futuro da Igreja neste mundo depende do seu modo de atuação, entendida como o pensar e o agir do ser cristão e da comunidade, iluminados pela graça divina. A atuação deve ser planejada e dirigida de forma estratégica para não colapsar a cultura teológico-pastoral,

mas garantir a promoção dos valores de Deus e os alicerces para a continuidade da Igreja povo de Deus.

A percepção do senso comum acompanha a análise do episcopado latino-americano: “Sob a pressão do secularismo,⁴ chega-se a apresentar a fé como se fosse uma ameaça à liberdade e à autonomia do homem”.⁵ Para anunciar Cristo nessa realidade, a Igreja do pós-concílio propõe criar um processo de inculturação mediante o anúncio, a assimilação e a reexpressão da fé.⁶ Tal missão necessita do despojamento das velhas roupagens. Precisa revestir-se de um conjunto de atuação, não apenas no sentido de reorganização eclesial local, mas de mudança de mentalidade, de opção preferencial, de conversão teológico-pastoral, pessoal e institucional. A secularização exige que o seguimento de Cristo seja condizente, criativo e com comunidades eclesiais previdentes no pensar e agir. É necessária uma atuação capaz de propostas com novos métodos, renovado ardor, nova expressão de comunidade Igreja e tolerância religiosa, capaz de qualificado espírito que supere o agir marcado pelo ingênuo cultivo da fé e uma ação eclesial separada da inserção cultural.

Conectar as pessoas a Jesus Cristo e ao seu seguimento exige estratégias, encanto, amor e formação. A presente reflexão busca nos textos bíblicos iluminação para esse intuito. O primeiro texto ao qual recorreremos é Lc 5,1-11. A metodologia de atuação teológico-pastoral de Jesus inspira e anima. Seguir o Mestre é lançar as redes com novos métodos, conteúdos e estratégias. Outra iluminação carismática, orgânica e pragmática são os textos de Paulo. Escolhemos 1Cor 3,10-17. A metodologia de atuação teológico-pastoral do apóstolo é uma proposta pertinente para a Igreja na conjuntura urbana. A linguagem da construção e a imagem do edifício traduzem o modelo de atuação da comunidade em Cristo. Os elementos de comunicação e os símbolos são da sociedade urbana. Para uma atuação teológico-pastoral na cidade, os textos são fascinantes.

1.1. Primeiro texto: Lucas 5,1-11

A) 1º passo: iniciação do processo

A cena narrada ocorreu nas margens do lago de Genesaré, ao amanhecer. Jesus anuncia a Palavra à multidão, da qual fazem parte os

pescadores. Ao subir na barca de Simão, Jesus pede-lhe que se afaste da terra, a fim de ele poder ensinar às multidões que se aglomeram para escutá-lo à beira-mar (5,1-3). Sabendo do poder da palavra do Mestre, Simão atende ao pedido e a multidão passa a ouvi-lo melhor. Embora a cena seja simbólica, o evangelista constrói um plano de atuação teológico-pastoral da mensagem de Jesus. A Palavra bem proclamada é assimilada e evangeliza. O pregador está inserido na multidão e o discernimento de fé é a condição para aceitar a Palavra. Para proclamar a boa-nova na sociedade urbana, é preciso inserção cultural.

B) 2º passo: atuação teológico-pastoral

A evangelização prossegue com nova ordem de Jesus a Simão, dirigida de forma imperiosa a uma pessoa entre a multidão e entre os pescadores: “Faze-te ao largo; lançaí vossas redes para a pesca” (5,4). A ordem dá a primazia a Simão sobre os demais. Ele responde: “Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar; mas, porque mandas, lançarei as redes”⁷ (5,5). Uma equipe se faz necessária para lançar as redes em alto-mar, embora a ordem contradiga a sabedoria dos pescadores: “Será inútil lançar as redes pela manhã se a madrugada não foi de pescaria”.⁸ A execução da ordem do Mestre exige fé sem considerações. Quando ela é cumprida, captura-se tamanha quantidade de peixes, que as redes quase se rompem e há necessidade da ajuda de outro barco. Simão presencia o milagre ao obedecer à ordem. O evangelista ressalta que é preciso ter fé na palavra do Mestre. Não há frustração na Palavra acolhida com fé. Assim como o Mestre exige de Simão, Deus age pela fé do seu povo. Para proclamar a boa-nova na sociedade urbana, é preciso imensurável atuação teológico-pastoral no discernimento da fé.

C) 3º passo: continuidade da atuação teológico-pastoral

A enorme quantidade de peixes apanhados põe Simão e seus sócios diante da epifania: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador” (5,8). A condição de pecador vem à luz da consciência e o espanto apodera-se dos outros.⁹ A experiência do temer fortifica a fé, e o Mestre encontra nos pescadores apavorados o alicerce: “Simão, não tenhas medo, doravan-

te serás pescador de homens” (5,10). Assim como o anjo tirou o medo de Maria, Jesus tira o de Simão: “Então, reconduzindo os barcos para a terra, eles deixaram tudo e o seguiram” (5,11). Deixar de apanhar peixes para tornar-se pescador de homens exige de Simão e de seus companheiros profunda mudança. Abandonar a barca, as redes, o pai, a família e o lar para seguir o Mestre e apreender sua doutrina, assimilar suas palavras e seu modo de viver, é uma opção de fé. Para proclamar a boa-nova na sociedade urbana, é preciso saber desfazer-se do velho anzol, da linha, da chumbada, a fim de não refluir ao passado centralizado, clerical e autoritário, mas apostar na Igreja ministerial com novas configurações.

1.2. Segundo texto: 1 Coríntios 3,10-17

A) 1º passo: iniciação do processo

Para o biblista Piero Rossano, a primeira carta aos Coríntios foi escrita por Paulo em Éfeso, durante a sua terceira viagem missionária.¹⁰ A carta pastoral trata do problema da divisão entre os coríntios, que é superado pela comunhão de vida (*koinonía*) com Cristo, na qual reside a essência do espírito do ser cristão: “Somos operários com Deus, e vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus” (3,9). O apóstolo rejeita as divisões e a divergência de interesses entre os coríntios, mostrando o absurdo que a comunidade está cometendo.

O problema das divisões nasce quando cada um quer se apegar a interpretações muito individualizadas, quando não interesseiras. Foi o que aconteceu na comunidade de Corinto, a qual mereceu a repreensão do apóstolo Paulo: “Quando alguém declara: ‘Eu sou de Paulo’, e outro diz: ‘Eu sou de Apolo’, não procedeis de maneira meramente humana? Quem é, portanto, Apolo? Quem é Paulo? Servidores, pelos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu segundo os dons que o Senhor lhe concedeu” (3,4-5). A Igreja de Corinto ainda é imatura na mentalidade e na experiência cristã, faltando robustez, consistência óssea e firmeza do esqueleto que dá solidez ao corpo.¹¹ Como movimento de contraponto ao individualismo, ao isolamento, à fragmentação da vida humana e social, a unidade, além de fundamental para a maturidade da fé, é de suma importância para a caminhada eclesial na sociedade urbana.

B) 2º passo: atuação teológico-pastoral

Para o apóstolo, a riqueza da Igreja está em viver unida a Cristo: “Eu, como bom arquiteto, lancei os alicerces conforme o dom que Deus me concedeu; outro constrói por cima do alicerce. Mas cada um veja como constrói” (3,10). A exortação é pela unidade no corpo de Cristo, por quem Deus manifesta sua ação na história. Os diferentes dons são necessários para a unidade: “Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que foi posto: Jesus Cristo” (3,11).

Dar testemunho de Jesus é trabalhar para formar um só povo, uma só fé e um só corpo: “Se alguém constrói sobre o alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, capim ou palha, a obra de cada um ficará em evidência” (3,12-13). Não basta a inserção e a unção para a execução da obra recebida pelo batismo, mas todos deveriam mostrar a qualidade das contribuições pessoais, identificando-se com seu único fundamento, Jesus Cristo.

A finalidade única é de caráter de resistência ao fogo¹² ou juízo de Deus: “No dia do julgamento, a obra ficará conhecida, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o fogo provará o que vale a obra de cada um” (3,13). É preciso testemunhar o amor a Cristo, formando a unidade dos cristãos, pois ele fará justiça. A sociedade urbana livre, emancipada e autônoma é cética quanto à ideia que inspire projetos, propostas e compromissos contrários ao seu modelo. A atuação teológico-pastoral deve criar condições de crescimento da fé do povo e adicionar ao legado sagrado que se herdou o novo: ministerialidade, protagonismo, mística de processo e planejamento.

C) 3º passo: continuidade da atuação teológico-pastoral

O resultado da obra divina é a Igreja, povo de Deus designado como edifício de Deus sobre o fundamento de Jesus Cristo: “Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, que tiver sua obra queimada perderá a recompensa. Entretanto, o operário se salvará, mas como alguém que escapa de incêndio” (3,14-15).

Ao escrever a carta pastoral, o apóstolo tem como intenção os inquietos cristãos de Corinto, que julgam os missionários com olhos humanos, esquecendo que exercem o mandato da parte de Deus. Os missionários são meios pelos quais

todos os operários e colaboradores fazem parte do único edifício de Deus, a Igreja. Qualquer julgamento deve levar em consideração essa premissa.

Aderir a Cristo é superar os limites da ruptura para formar unidade cristã e apresentar-se como servidor protagonista com seus próprios talentos, levando os fiéis a encontrar o Senhor: “Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo são vocês” (3,16-17). Pela fé forma-se a Igreja-comunidade fraterna, pois o Espírito de Deus habita nela. A sociedade urbana forma seu corpo social tendo em vista certo grau de utilidade e de imediata satisfação, um custo-benefício das coisas. A comunidade Igreja reunida na fé, corpo santificado pelo Espírito Santo, precisa desenvolver mística pastoral para persistir como locomotiva da história da salvação.

2. Nossa atuação no século XXI: protagonistas

O texto de Lucas quer evitar que o desânimo e o pessimismo venham a contaminar a atuação da comunidade. Quando uma ação não produz o impacto esperado ou a resposta almejada, faz-se necessário repensar as metodologias e não se acomodar a práticas que já deram (ou não) suas contribuições. Lançar novamente a rede é encontrar os métodos eficazes que contribuam com a realidade da comunidade eclesial.

A pesca milagrosa está em confiar na capacidade da comunidade de descobrir as formas pertinentes para evangelizar sem se deixar desanimar pela experiência de, por vezes, recolher a rede vazia. As dificuldades desafiam a comunidade eclesial a avaliar constantemente metas e ações executadas.

Para tornar-se pescadora de homens, a pastoral na cidade precisa ficar atenta aos métodos pelos quais o povo assimila a palavra de Cristo. Nem sempre recursos técnicos modernos e sofisticados favorecem a atuação. Às vezes aumentam o sentimento de impotência e convertem-se em direito de privar-se da comunidade, não assumir o compromisso batismal.

Pedro e seus companheiros voltaram atrás e lançaram novamente as redes depois de terem compreendido o Mestre. A Palavra compreendida é sinal de que também a pastoral urbana

fará a sua grande pesca, preparando o caminho para os outros que vierem em seguida.

As múltiplas ações de pastoral executadas nas cidades visam a inculturar o evangelho nas diferentes realidades, mas criam o problema da falta de identidade da Igreja. Dessas ações nasce uma Igreja com identidade fragmentada, às vezes por conveniências espirituais, e supervalorizada dos carismas personalizados.

Quando personalizada, a diversidade não faz a unidade da Igreja e cria para o povo de Deus dúvidas em torno da doutrina, do testemunho e da vivência da fé. Paulo procurou mostrar à comunidade dos coríntios o problema da falta de unidade em Cristo.

Hoje se usam múltiplas interpretações do evangelho para justificar práticas de fé que não somam coisa alguma à caminhada da Igreja e em nada contribuem para o crescimento espiritual da comunidade. As múltiplas propostas espirituais à livre escolha constroem um ser religioso livre e independente de qualquer compromisso eclesial. A comunicação midiática oferece diariamente alternativa.

A atuação teológico-pastoral precisa reaprender a cativar e formar os que ingressarão na comunidade eclesial. Para tanto, será necessário mudar o jeito de construir, recriando a experiência de ser Igreja de Cristo repleta de compaixão e sabedoria. Será preciso cultivar os sentimentos de compaixão e o espírito de sabedoria para não estreitar demais os laços da compreensão diante da diferença e da pluralidade cultural.

Com novos métodos e novas expressões de unidade, entende-se que evangelizar o homem urbano não significa resgatar velhas práticas, costumes e tradições perdidas, mas fortalecer a consciência de que não há lugar privilegiado para manifestar o amor a Cristo.

Não será necessário o regresso das pessoas à comunidade clericalizada. Para evangelizar a cultura urbana, entretanto, será preciso superar a visão de que a cidade é apenas um espaço de consumo, de produção de bens materiais, de ostentação de riqueza. Será preciso perceber a existência de pessoas abertas e com nova consciência, as quais necessitam encontrar uma Igreja mais próxima da atuação de Cristo.

A Igreja está diante de uma cultura urbana de transição, porém sedenta da palavra de Deus, a

qual necessita apenas de novos planejamentos, de nova metodologia de atuação. Nesse ambiente diferenciado que é a vida urbana, sendo a Igreja fiel à proposta de Cristo, renovará a obra de Deus para os homens e os homens para Deus. Trata-se de usar a criatividade, a coragem apostólica e missionária para apresentar de novas maneiras a proposta de Cristo aos novos sinais dos tempos, ao novo homem e ao novo mundo.

3. Contribuições da 5ª Conferência Geral do Episcopado

As conclusões da 5ª Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe impulsionam a atuação teológico-pastoral no espírito de novo Pentecostes. A sua mensagem teológica resume-se em seguir Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6), para que todos os povos tenham vida nele (Jo 10,10). Os caminhos traçados em Aparecida buscam reavivar o espírito das conclusões do Vaticano II e das conferências anteriores, chamando os fiéis do continente a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. As decisões seguem a palavra inaugural do papa Bento XVI, que diz: “A ação da Igreja é de custodiar e alimentar a fé do povo de Deus em virtude do batismo recebido”. A ação da comunidade eclesial está na transmissão da fé em Cristo como a única fonte de vida plena para a pessoa humana e meio de transformação da realidade atual.

As motivações da conferência centralizam-se na ação eclesial, seguindo a palavra de Jesus Cristo como luz condutora do discípulo e missionário convocado a manifestar a fé em Deus e contrapor-se ao espírito do secularismo.

Alimentar a fé em Jesus Cristo é o primeiro compromisso da ação eclesial; assim se renovam as comunidades eclesiais e as estruturas pastorais. Mediante o discernimento comunitário e aberto ao sopro do Espírito Santo, todo batizado é chamado a participar dessa missão para levar a todos Jesus, o Bom Pastor, que disse: “Eu vim para que todos tenham vida em abundância” (Jo 10,10). As conclusões de Aparecida querem construir a unidade da Igreja e revitalizar a existência dos batizados, para que permaneçam no caminho do seguimento de Jesus Cristo como verdadeiros protagonistas. O chamamento para a unidade na atuação teológico-pastoral é o testemunho dos que apostam em Cristo como única verdade fundamental e caminho de realização plena da vida humana.

Conclusão: atuação com conversão pastoral

A presente reflexão conclui com a mensagem de Aparecida: “convocação do batizado a viver em Cristo a vida plena e o caminho de renovação da própria existência e da sociedade”. Os apelos por atuação teológico-pastoral vêm da necessidade de proporcionar aos batizados nova conversão e um encontro profundo com Cristo e com sua proposta.

Os homens do século XXI são os sinais de novo tempo para a Igreja que deseja ser nova, inserida no real, e age para a construção do ideal, a comunhão com a vontade de Deus.

A experiência em Jesus Cristo coloca a comunidade eclesial numa dimensão de protagonismo, revelando novo agir de fé e a construção de nova atuação teológico-pastoral. As formas pelas quais agimos com a fé determinarão o potencial da comunidade Igreja para renascer ou morrer diante da sociedade urbana.

O cultivo da fé e a atuação teológico-pastoral sobre ela conduzirão o encontro de promoção e revitalização em Jesus Cristo ou a sua negação diante do outro, o mundo urbano secularizado, autônomo e emancipado com sua locomotiva neoliberal. Como os gregos definiam, é na pólis, na cidade, que todos os assuntos se decidem. Não precisamos ter medo disso, pois é na cidade que há lugar para a pessoa ser cidadão, ser político e – por que não? – ser um cristão protagonista. É necessário novo desdobramento do agir da fé. Este requer o acompanhamento de uma atuação teológico-pastoral de sustentabilidade da pessoa, da comunidade e da instituição diante do outro que seduz, fascina e satisfaz com suas propostas.

Essa missão pastoral, em que todos são chamados ao protagonismo criativo, comunitário e profético, requer novas estruturas e novas organizações. Requer desembaraçar-se de mecanismos e estruturas de atuação que já não respondem a uma cultura liberal e ao seu livre-arbítrio. Exige ação de conjunto, estratégias comunitárias e inserção cultural para novo agir e pensar do ser cristão. São necessárias roupas diferenciadas para novas estruturas, sem engessar a fé que deseja ser revigorada na história, solicitando permanente vontade e empenho individual, coletivo e institucional para responder com novas configurações de comunidade Igreja ao chamado de Deus.

Nova atuação teológico-pastoral requer agentes novos, qualificados e capacitados, com discerni-

mento de fé, maturidade de diálogo e objetividade nas propostas e nas razões de acreditar em Deus. O mundo urbano autônomo, emancipado e secularizado impõe seus argumentos. Dialogar ou contrapor-se a eles demanda formação e preparo, também diante da tolerância à diferença, a fim de saber incorporar novas experiências e visões sem comprometer a identidade de Igreja e sua fidelidade ao projeto de Jesus Cristo.

A sociedade urbana do século XXI que deseja manter liberdade, autonomia e emancipação também revela estar sedenta de respostas convincentes para a felicidade do ser humano. A metodologia de Jesus e de Paulo ainda tem muito a ensinar e encorajar para a inserção eclesial na cultura urbana do terceiro milênio.

* E-mail do autor: migueldebiasi@terra.com.br

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Rubin (Org.). *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista?: a Igreja e a nova autonomia do laicato no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CELAM. *Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FINLEY, Moses. *Economia e sociedade na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ROSSANO, Piero. *Meditações sobre São Paulo*. São Paulo: Paulus, 1969. v. 1.
- SILVEIRA, Denis Coitinho. *Os sentidos da justiça em Aristóteles*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Responsabilidade social: uma introdução à ética política para o Brasil do século XXI*. Porto Alegre: RTS, 2003.
- STOGER, Alois. *O Evangelho segundo Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

Notas:

1. Expressões recolhidas do cotidiano da população.
2. Foi Nietzsche também quem cunhou o termo "sacerdotes ascéticos" para designar intelectuais (jornalistas, escritores, filósofos) fracassados ou amargos, cuja insatisfação pessoal leva-los-ia às suas vocações como militantes políticos e revolucionários.
3. A experiência de cidade atual é diferente da pólis grega. "A pólis grega estava organizada na forma de cidade-estado, onde cada cidade-estado tinha sua autonomia política, econômica, social, cultural e religiosa e, por esse motivo, a prática dos cidadãos era diferente entre uma e outra. As maiores cidades-estado gregas são um exemplo disto: Atenas e Esparta (...). A pólis era uma comunidade

política e ética e não simplesmente uma cidade como entendemos atualmente; combinava zona rural com zona urbana e significava sempre uma comunidade e não uma área territorial apenas. O urbano e rural eram considerados como uma unidade (...), até os agricultores que habitavam fora da cidade estavam ligados à pólis" (SILVEIRA, Denis Coitinho. *Os sentidos da justiça em Aristóteles*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 95-96).

4. "O termo secularização foi aplicado a um movimento surgido na Europa do século XIX, durante o qual as propriedades eclesiásticas foram confiscadas e secularizadas, na maioria das vezes pelo Estado. No século XX, o termo se ampliou, indicando a exclusão da religião, especialmente da religião organizada em todos os níveis de influência política e social. Com o evidente abandono da religião, o secularismo deu origem a religiões seculares como a *New Age*. Outra consequência foi o impulso às religiões evangélicas não organizadas e às seitas que proclamam a autorrealização. O ponto central do secularismo é a liberdade, ou seja, autonomia da pessoa humana. Esta autonomia leva ao individualismo e a uma alienação da pessoa humana, caracterizada pelo isolamento e por relações fragmentadas. O secularismo coloca plena confiança nas suas tecnologias, produtos de nossa própria invenção humana" (Carta Circular n. 26 de frei John Corriveau, ministro-geral da OFMcap, 30 de abril de 2006).
5. CELAM. *Conclusões da Conferência de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 20, n. 11.
6. Id., *ibid.* p. 201, n. 256.
7. As redes são as típicas do arrastão, um sistema de três redes medindo de 400 a 500 metros. Esse instrumento de pesca é para ser lançado no mar em relativa profundidade. Mais informações, conferir a coleção *Novo Testamento – comentários e mensagem* (Vozes, volume 3/1, p. 156).
8. Há um provérbio popular entre os pescadores que diz: "Quem não madruga não empilha peixe".
9. Tiago e João, filhos de Zebedeu e sócios de Simão, também ficaram espantados. André também deveria estar presente por ser sócio de Simão, embora o texto de Lucas não mencione.
10. O texto foi escrito por volta do ano 57, conforme 1Cor 16,8ss: "Entrementes, permanecerei em Éfeso até Pentecostes, pois aqui se abriu uma porta larga, cheia de perspectivas para mim, e os adversários são numerosos". A carta pretende preparar o terreno para a vinda do apóstolo à cidade, superando problemas históricos e da vida cristã, que consiste na união pessoal com Cristo. Para Paulo, ser cristão é possuir uma união espiritual com Cristo que se instaura neste mundo, expande-se e revela-se na ressurreição (ROSSANO, Piero. *Meditações sobre São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 157-159).
11. A distinção entre "seres espirituais" e "seres carnis" é questão fundamental no apostolado e na teologia de Paulo. Para ele, "seres feitos de carne" são ainda crianças em Cristo, por serem incapazes de ingerir o alimento mais sólido dos adultos. Segundo o teólogo Piero Rossano, a comunidade de coríntios recebe do apóstolo somente os primeiros rudimentos da fé, como a "narrativa da vida de Cristo e da salvação que ele opera, a doutrina do batismo, as normas morais, o anúncio da parúsia de Jesus e do juízo final" (ROSSANO, Piero. *Meditações sobre São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 204-205).
12. O apóstolo, ao falar do fogo, usa a imagem do pensamento profético, como o de Isaías: "o Senhor virá no meio do fogo, com seus carros semelhantes ao furacão, para satisfazer sua cólera num braseiro e cumprir suas ameaças em chamas ardentes; porque o Senhor fará justiça de toda a terra pelo fogo" (Is 66,15-16).

ESTRATÉGIAS E METODOLOGIA PASTORAL DE PAULO NAS GRANDES CIDADES DO SEU TEMPO: INSPIRAÇÕES PARA A EVANGELIZAÇÃO HOJE

Pe. José Ademar Kaefer, svd*

INTRODUÇÃO

Falar da estratégia e metodologia pastoral de Paulo é, em grande parte, falar da pessoa de Paulo, do seu entusiasmo, do seu caráter, da sua mística, do seu sonho, da sua paixão... Tem a ver com o modo pelo qual ele se relacionava com as pessoas, como as cativava com o seu ensinamento e com a sua prática. Paulo não pregava a si mesmo. Anunciava a Jesus de Nazaré, o crucificado. Não se vangloriava, ao contrário, considerava-se o último dos chamados por Jesus. Não hesitava, porém, em se propor como exemplo a ser seguido; não como mérito, mas para mostrar que seguir a Jesus crucificado exige transparência, desapego e coerência. Falar das estratégias pastorais de Paulo é falar de como ocupava o seu tempo e envolvia as pessoas que trabalhavam com ele, como as respeitava e encorajava, como planejava, como rezava, como amava as comunidades... Toda a sua vida estava voltada para a missão. Parece que não descansava nunca. Paulo respirava evangelho. Era um apaixonado pela mensagem de Jesus.

1. As grandes cidades da missão de Paulo

Importante estratégia de Paulo foi ir aonde o povo está, nas grandes cidades do seu tempo. As maiores ficavam junto às principais vias comerciais, marítimas ou terrestres. Boa parte eram cidades portuárias, localizadas no mar Mediterrâneo, Egeu e Adriático, como Éfeso e Corinto. O número de seus habitantes variava entre 100, 200, 300 e até 500 mil. Outras cidades eram próximas de importantes vias terrestres, como é o caso de Filipos, uma colônia romana, que

ficava junto à via Egnatia. Construída entre os anos 146 e 120 a.C., a via Egnatia ligava Roma à Ásia Menor e ao Oriente. Por ali passavam grande parte dos tributos e espólios que vinham dos povos subjugados e iam para Roma. Ao contrário do comércio por mar, o comércio por terra era viável o ano todo.

Portanto, as cidades por onde Paulo andava eram essencialmente comerciais. Ali se comprava e se vendia praticamente tudo. Ap 18,11-13 nos apresenta bom resumo do que se comercializava nesses grandes centros. Assim diz o autor do livro das Revelações a respeito dos mercadores postados a distância, vendo a queda de Roma, “a grande Babilônia” que embriagava as nações:

E os mercadores da terra choram e pranteiam sobre ela porque ninguém mais compra os seus carregamentos: carregamentos de ouro e de prata, de pedra preciosa e de pérolas, de linho fino e de púrpura, de seda e de escarlate; toda madeira aromática, todo objeto de marfim e de madeira preciosa, de bronze, de ferro e de mármore; canela de cheiro, especiaria, incenso, mirra e perfume; vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado, ovelhas, cavalos, carros, escravos e vidas humanas.

Esse é o texto do Novo Testamento mais denso, abrangente e expressivo sobre o tipo de comércio realizado nas cidades do império romano. O movimento nos portos era intenso. Neles, além do comércio, que incluía escravos e escravas, era grande o fluxo de pessoas, pois o transporte marítimo era importante meio de locomoção. Conseqüentemente, nessas cidades havia sempre muita diversidade cultural, pessoas

que iam e vinham de diferentes regiões, com diferentes costumes e crenças, quase todas em busca de melhores condições de vida.

O que movia essas cidades era o fator econômico, e neste caso, o comércio. Herdado dos gregos, o sistema econômico do império romano se sustentava no seguinte tripé: o modo de produção escravagista, o livre comércio e a intensificação do uso da moeda como elemento de troca. Esse sistema permitiu o surgimento de uma nova classe, a classe comercial, que, independentemente de sua origem, aristocrata ou não, podia enriquecer e adquirir poder – algo muito raro no sistema anterior, movido pelo modo de produção tributário. Em última instância, o interesse dessa classe mantinha o atual sistema.

Para manter esse sistema, o império investia fortemente em propaganda no intuito de convencer os povos de que o mundo estava vivendo grande momento de paz: a *pax romana*. Dizia-se: “Não há nada que o homem possa desejar dos deuses que Augusto, o rei de Roma, não possa conceder ao mundo”. Completavam o círculo o culto às divindades greco-romanas e ao imperador, que em tempos de crise se intensificava, e um poderoso e bem treinado exército.

Se, por um lado, o modo de produção escravagista respondia pelos produtos para o livre comércio, por outro, produzia uma multidão cada vez maior de pobres, doentes e famintos. Como indica o próprio nome desse modelo, era sustentado sobretudo por escravos. Uma multidão insatisfeita à espera e à procura de propostas alternativas. Essa insatisfação se manifestava nas constantes revoltas, sempre reprimidas com extrema violência: torturas, humilhações públicas, crucificações etc. As principais vias eram os lugares prediletos para expor os corpos crucificados dos revoltosos.

2. Paulo e a opção pelos excluídos e excluídas

Assim como muitos dos seus compatriotas, Paulo se movia com muita desenvoltura nesse ambiente comercial greco-romano. Nascido em Tarso, na Cilícia, conforme os Atos dos Apóstolos (At 22,3), viveu grande parte da sua vida nas cidades greco-romanas. Por isso devia saber falar muito bem a língua grega e conhecer os meandros desse mundo.

Uma das marcas do apóstolo foi a transformação que ele sofreu em sua vida pessoal

"...privilegiar, juntamente com outras iniciativas, a atenção dos acólitos, que constituem uma espécie de 'viveiro' de vocações sacerdotais..."

Papa João Paulo II,
Quinta-feira Santa de 2004



Imagens meramente ilustrativas. Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

88 páginas

112 páginas

Formação para coroinhas (vol. 1 e vol. 2)

Frutos do estudo e da vida sacerdotal do autor, os livros são úteis tanto para jovens que desejam servir o altar quanto por qualquer pessoa interessada em aprofundar-se na fé e nos aspectos litúrgico-celebrativos dos mistérios cristãos.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



(cf. Gl 1,13-24; At 9,1-9; 22,1-11; 26,9-18), normalmente conhecida como “a conversão de Paulo”. Mudanças são comuns em grandes homens e mulheres – lembremo-nos, por exemplo, de Oscar Arnulfo Romero. Como se deu essa mudança em Paulo? Certamente não foi uma surpreendente “queda do cavalo” (At 9,1-9). O mais exato é considerar que o testemunho dos cristãos perseguidos, particularmente os mártires, como o de Estêvão (cf. At 6,8-8,4), causaram grande impacto na vida de Paulo. No entanto, a maior mudança que ele sofreu não foi a de judeu zeloso para cristão fervoroso, mas a de posição social. De homem respeitado, da tribo de Benjamim, educado aos pés de Gamaliel, cheio de zelo pela Lei e possível cidadão romano e membro do Sinédrio (cf. Fl 3,5-8; At 16,37; 22,1-3.35; 26,10), Paulo assumiu a condição de desempregado, pobre, perseguido, humilhado, sem segurança, sem casa, membro de uma seita que vivia à margem da sociedade. Para garantir seu sustento, sujeitou-se ao trabalho manual (1Cr 4,12; At 20,34) relegado aos escravos e considerado vergonhoso pela mentalidade greco-romana. Enfim, a maior mudança que ele sofreu foi a mudança sociológica.

Essa mudança sociológica, obviamente, influenciou muito a Paulo em sua estratégia pastoral. Em At 17,16-34 ocorre um episódio curioso. Paulo se encontra em Atenas e, enquanto espera a chegada de Silas e Timóteo, percorre a cidade no intuito de anunciar Jesus. Atenas era um centro cultural grande e famoso pela presença das mais variadas correntes filosóficas. Paulo vai primeiro à sinagoga, como era seu costume, e depois à praça pública ou ágora, onde os filósofos debatiam entre si e outros buscavam aí as últimas novidades. Ele também vai à praça para “vender seu peixe”, à moda dos filósofos. Então estes o convidam a expor a sua nova doutrina no areópago, que outrora era o tribunal de Atenas, mas nesse momento, ao que parece, se tornara um espaço de debates filosóficos e religiosos. Em nossos dias, é como se o apóstolo fosse convidado ao anfiteatro da universidade. Ele, então, como um “bom filósofo”, fundamentando bem os seus argumentos, inicia o seu discurso diante dos magistrados. No entanto, sua estratégia de convencer os cidadãos atenienses em seu terreno e fazendo uso de suas premissas filosóficas não dá resultado. Nem lhe permitem terminar o discurso. Foi um fracasso. Frustrado com Atenas,

Paulo se dirige à cidade de Corinto e vai morar com o casal Priscila e Áquila, exercendo a mesma profissão que eles (At 18,1-3). Em Atenas, Paulo queria ser filósofo; em Corinto, vai ser fabricante de tendas.

Em Corinto, Paulo tem sucesso. Tendo aprendido a lição em Atenas, em Corinto ele não se apresenta com o “prestígio da palavra ou da sabedoria para anunciar o mistério de Deus... sua pregação nada tinha de discurso persuasivo da sabedoria... a fim de que a fé da comunidade não se fundasse sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus” (1Cor 2,1-4). Em Corinto, diferentemente do ocorrido em Atenas, muitos acolhem e entendem a mensagem de Jesus crucificado. Ali, Paulo consegue organizar uma grande comunidade, algo que não conseguiu em Atenas. Obviamente, nessa comunidade, não há muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos ou de famílias de prestígio, pois, diz Paulo, o que é loucura no mundo Deus escolheu para confundir os sábios, e o que é fraqueza no mundo Deus escolheu para confundir os fortes (1Cor 1,26-27). Nesse quesito, nossas comunidades hoje estão muito bem, as coisas não mudaram.

Paulo começa a conhecer Jesus crucificado, de fato, quando vai morar com as famílias, trabalhar com e como elas, passar fome, insegurança, sofrer desprezo e perseguição. As pessoas começam a entendê-lo quando ele começa a entender as pessoas. Ou seja, quando se torna pobre entre os pobres e excluídos. Aí está o segredo da estratégia pastoral de Paulo. Os pobres entendem a linguagem da cruz, sem a necessidade de grandes filosofias. Aliás, a sabedoria da linguagem e a cruz não são compatíveis: “Cristo me enviou para anunciar o evangelho sem recorrer à sabedoria do discurso, para não tornar inútil a cruz de Cristo” (1Cor 1,17). Os pobres e marginalizados têm necessidades diferentes das apresentadas pelos que estão bem instalados: “os judeus pedem sinais e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1Cor 1,22-23). Para chegar a essa conclusão, Paulo teve de viver primeiro a experiência do fracasso no areópago de Atenas e do desprezo de seus compatriotas nas sinagogas, para então sentir-se acolhido em igual condição pelos sofrendores do mundo, pelos “descartáveis” da humanidade. Teve de passar por grande mudança de vida para poder dizer o que diz em 1Cor 4,11-13: “Até a presente hora sofremos fome, sede e vestimos trapos. So-

mos esbofeteados e não temos morada certa; nos afadigamos trabalhando com as próprias mãos; somos insultados e bendizemos, perseguidos e suportamos; somos difamados e consolamos. Até agora nos tornamos como o lixo do mundo, a escória de todos”.

3. A mística da gratuidade e do serviço

O que conduzia e mantinha Paulo na missão era a sua mística, uma mística da gratuidade. Ele era um apaixonado pelo evangelho, e um apaixonado não mede esforços. É capaz de ir até o fim do mundo para alcançar o seu objetivo, sofrer privações, fome, frio, humilhações, prisões... não importa. Paulo gostava do que fazia, estava totalmente convicto da sua missão, não exigia pagamento ou qualquer tipo de remuneração. Nem sequer quando estava em situações de dificuldade extrema ele permitia que as comunidades o ajudassem, exceto Filipos, uma de suas comunidades mais queridas (cf. Fl 4,15-16). Como ele mesmo diz: “aprendi a adaptar-me às necessidades, sei viver modestamente... tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,12-13).

Este é um princípio que, nas pastorais de hoje, está se tornando cada vez mais escasso: a gratuidade. Mais e mais pessoas a serviço do evangelho exigem remuneração. Isso desvirtua o sentido da obra, pois o anúncio do evangelho é essencialmente gratuito. Também nesse particular Paulo tem muito para nos ensinar. Entre os vários exemplos, tomemos o de Fl 2,1-17. A querida comunidade de Filipos passa por uma tensão interna, pois entre os seus membros havia uma competição para saber quem era superior ao outro. Esse era um problema comum nas primeiras comunidades cristãs. No caso de Filipos, o fato se dava principalmente pela influência externa. Filipos era importante colônia romana, e grande parte dos seus moradores eram cidadãos romanos, funcionários aposentados, militares, latifundiários etc. A cidade se orgulhava de viver à moda de Roma. A competição por *status* social estava na ordem do dia. Essa mentalidade invadia também a pequena comunidade cristã de Filipos, que não conseguia ficar isenta da influência do resto da sociedade. Paulo chama a sua atenção, apresentando como exemplo o próprio Jesus, e para isso faz uso de um dos hinos mais bonitos de suas cartas: Fl 2,6-11. O hino mostra como Jesus, sendo Deus, não se apeçou a essa

condição, mas esvaziou-se a si mesmo, tomou a condição de servo, assemelhou-se aos homens, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz (Fl 2,6-8). Esse exemplo de Jesus desarma qualquer argumento. Não há como não entender isso. Aqui Paulo nos põe em sintonia com o Servo Sofredor do Segundo Isaías e com um dos gestos mais bonitos e marcantes de Jesus, o lava-pés (Jo 13,1-15). Fazer-nos servos ou – segundo outra tradução possível – escravos é a atitude mais leal que podemos ter no seguimento de Jesus. O servo sofredor, o lava-pés e o hino da carta aos Filipenses deveriam ser o guia de cabeceira em nossas pastorais.

A mística do martírio

Paulo, além da mística da gratuidade e do serviço, viveu a mística do martírio. Não é difícil perceber isso nas entrelinhas de suas cartas. Na carta aos Filipenses, certamente escrita na prisão, ele manifesta isso claramente. Assim diz a certa altura da carta: “Para mim, pois, o viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne é para mim motivo de trabalho frutífero, não sei o que escolher. Estou entre dois desejos, o de partir e estar com Cristo, que é incomparavelmente melhor, mas permanecer na carne é mais necessário por causa de vocês” (Fl 1,21-23).

Na prisão, Paulo se encontra num dilema: morrer ou viver. De um lado, encontra-se diante da morte e chega a desejá-la. É um fato real, pois na prisão, diante das ameaças e torturas, as esperanças vão se esvaecendo. A morte parece não assustar, pois, para quem busca viver cada minuto em Cristo, o morrer é o encontro pleno e definitivo com ele: “se viver é Cristo, o morrer é lucro”. No entanto, pela causa do evangelho, é mais importante permanecer vivo e assim continuar a serviço da comunidade. Mas, diz Paulo, “se o meu sangue for derramado em libação, em sacrifício e serviço de vossa fé, me alegro e me rejubilo com todos vocês; e vocês também se alegrem e se rejubilem comigo” (Fl 2,17).

A Igreja dos primórdios levava como marca inerente o martírio. Dar a vida pela causa de Jesus Cristo era o testemunho mais autêntico que um cristão podia dar. Também na Igreja da América Latina, o martírio deixou marcas profundas e permanentes. Hoje em dia, porém, o martírio parece estar fora de moda. Até soa antiquado falar em morrer pela causa do evangelho. Será que se acabaram as injustiças no mundo?

Será que já estamos chegando à plenitude dos tempos? Não será que nos estamos desviando da senda que Jesus trilhou?

4. A casa

A Igreja nasceu na casa. Isso é evidente nas cartas de Paulo. É comum vê-lo dirigir-se às lideranças das comunidades com a seguinte frase: “À Igreja que se reúne em sua casa” (cf. Rm 16,3.5; 1Cor 16,19; Fm 2; Cl 4,15; At 2,46). Paulo não se deu bem nas sinagogas. Como ele as conhecia bem e falava a mesma linguagem dos frequentadores, começou ali o seu anúncio. Mas, ao ver que seu trabalho não avançava, mudou de estratégia e começou a se dirigir às casas. Continuava indo às sinagogas para falar de Jesus, mas a comunidade nascia fora dela, na casa. Assim, também, Jesus gostava de frequentar as casas. Ia às sinagogas e ao templo para denunciar e enfrentar as autoridades, mas depois se retirava e entrava nas casas, onde ensinava, curava, comia e celebrava. É numa casa onde Jesus celebra a última ceia, na parte superior dela (cf. Mt 26,17-18; Mc 14,12-16; Lc 22,7-12). É também às casas que os discípulos são enviados (cf. Mt 10,12-13; Mc 6,10). A casa dá um contorno próprio à comunidade. A hospitalidade, o afeto, o carinho da casa permitem que as pessoas se sintam à vontade. Nela se conhece como a pessoa é, o que ela faz, como vive, o que come... diferentemente do templo, onde se conhece a aparência da pessoa. Na casa as relações não passam necessariamente pelo poder, mas pela fraternidade, pela irmandade e pela filiação. Paulo gosta de usar a linguagem da casa quando se dirige às comunidades. É comum vê-lo chamar as pessoas de irmãos, irmãs, filhos e pais, assim como o próprio Jesus (cf. Jo 13,33). É também comum vê-lo pedir que todos se tratem como irmãos e irmãs. Entre os primeiros cristãos, casa, lar e Igreja se misturavam. Na Igreja da casa, não são nem os apóstolos nem Paulo que determinam as relações, mas a família. A autoridade, em última instância, é do homem, do pai da casa. Mas, no dia a dia, é a mulher, a mãe, quem tem o comando. Em muitos casos, ambos, o casal, são também os fundadores da igreja.

Em nossos dias é preciso resgatar a pastoral da casa, a igreja da casa. Do contrário perderemos o sentido comunitário da Igreja e seremos apenas templo. No templo o celebrativo torna-se rito, o poder se concentra e as relações entre os participantes não existe.

5. Lideranças leigas

É impressionante a participação de lideranças leigas nas primeiras comunidades cristãs. Aliás, o cristianismo nascente, na sua essência, é leigo, nasce dentro do judaísmo como uma espécie de “seita”. Os primeiros seguidores e seguidoras de Jesus não pertencem ao clero do judaísmo. São pescadores, em sua maioria. Quando a Igreja primitiva começa a criar pequena estrutura, tendo à frente os apóstolos, particularmente Tiago, Pedro e João, são os não pertencentes à hierarquia os principais responsáveis pela divulgação do evangelho. Diz o livro dos Atos dos Apóstolos que houve um conflito entre as duas comunidades cristãs em Jerusalém, a dos hebreus e a dos helenistas. Estes reclamavam que suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária (At 6,1-6). Para que os apóstolos possam se dedicar exclusivamente à Palavra, são escolhidos sete homens, todos gregos, para servir à mesa. O curioso é que os sete diáconos não se atêm ao serviço à mesa, mas em seguida se dedicam à Palavra, que, aliás, será a causa da morte de Estêvão, primeiro na lista dos escolhidos e primeiro mártir da Igreja. Depois da morte de Estêvão, começa forte perseguição aos cristãos helenistas de Jerusalém e todos, exceto os apóstolos, se dispersaram (At 8,1-2). “Entretanto, os que haviam sido dispersos iam por toda parte anunciando a Palavra” (At 8,4). E, assim, segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, com os cristãos helenistas nascem as comunidades cristãs. E as comunidades vão dando o contorno à Igreja. O cristianismo, portanto, não se vai formando de dentro para fora, mas de fora para dentro. Ou seja, os cristãos que se dispersaram para os diferentes lugares, cidades e países encontraram culturas e religiosidades distintas e, no contato com elas, formaram as comunidades, cada uma com sua própria experiência. Isto é, a mensagem de Jesus não vem pronta e empacotada, mas vai sendo gestada com base nas culturas aonde os dispersos chegam. Isso obviamente gerou grandes conflitos entre as comunidades nascentes, coordenadas pelo novo discipulado, e a comunidade mãe de Jerusalém, encabeçada pelos apóstolos. Basta ver os atritos que Paulo, um cristão helenista, teve com os que ele chamava de “as colunas da Igreja” (cf. Gl 2,1-14; At 15,1-21). O novo, porém, sempre gera conflito. O importante é superá-lo sem romper.

Enfim, as lideranças leigas tiveram papel decisivo na formação da Igreja primitiva. Paulo foi

um dos seus principais promotores. Podemos dizer que contar com leigos e leigas foi uma de suas principais estratégias pastorais. Ele andava sempre com muitas pessoas, deixava-se ajudar por elas na missão, valorizava seu trabalho, incentivava-as e compartilhava responsabilidades. Silas, Barnabé, Timóteo, Lídia, Dâmaris, Tabita, o casal Priscila e Áquila etc. estão entre os seus principais companheiros e companheiras de caminhada. Em suas cartas, sempre faz questão de saudar muitas lideranças, mencionando seus nomes. A carta aos Romanos apresenta incrível lista de 30 pessoas saudadas por Paulo (cf. Rm 16,1-16). Ainda que haja grande questionamento sobre se essas pessoas realmente pertenciam à comunidade de Roma – pois como Paulo poderia conhecer tanta gente sem nunca ter estado lá? –, tudo indica tratar-se de pessoas conhecidas pelo apóstolo, provavelmente da comunidade de Éfeso, onde ele morou muito tempo, e mencionadas na carta aos Romanos. O interessante é que, das 30 pessoas que Paulo saúda ou recomenda, 11 são mulheres. Além do já conhecido casal de lideranças, Priscila e Áquila, há entre elas uma mulher de nome Febe. Ela é diaconisa da Igreja de Cencreia e é enviada por Paulo para expor e debater, em seu lugar, o conteúdo da carta com a comunidade. Na lista ainda chama a atenção um casal, Andrônico e Júnias. Eles são apóstolos, precederam Paulo na fé e foram seus companheiros de prisão.

Na América Latina, leigos e leigas tiveram e têm papel determinante dentro da Igreja. É possível dizer que sem eles e elas a Igreja na América Latina não existiria. No entanto, ainda são um potencial a ser descoberto. É preciso investir mais na formação de leigos e leigas e permitir que seu raio de ação e participação nas decisões se multiplique, principalmente no caso das mulheres.

6. A comunidade cristã: um projeto alternativo

Outro aspecto decisivo da ação pastoral de Paulo é a insistência no projeto alternativo que a comunidade cristã deve construir. Enquanto o modelo do império exclui, marginaliza, escraviza, divide a sociedade em classes, prioriza o lucro, a luta pelo poder e por *status* social, a comunidade cristã deve incluir, integrar, partilhar, promover a igualdade social, a fraternidade, a solidariedade e o amor. Para Paulo, está muito claro que o projeto alternativo do evangelho de Jesus crucificado passa necessariamente por essas novas relações sociais. Em 1Cor 6,1-8, Paulo chega a exigir uma

ruptura com a sociedade opressora e corrupta. A comunidade de Corinto passava por rixas internas, e por isso alguns membros denunciavam os seus próprios irmãos nos tribunais iníquos da cidade. Paulo condena severamente essa atitude: “como vocês podem constituir juizes àqueles que a Igreja despreza?” (1Cor 6,4). Como é que um tribunal corrupto pode julgar a causa dos santos? Paulo diz à comunidade que rompa com esses tribunais e ela mesma escolha pessoas entre os seus para julgar as causas da comunidade.

Outra experiência que expressa a diferença entre a comunidade cristã e o resto da sociedade é a Ceia do Senhor. Enquanto, nos banquetes aos ídolos, as pessoas mais importantes ocupavam os primeiros lugares e comiam as melhores comidas, na Ceia do Senhor todos os membros da comunidade participavam sem distinção e preferência. Mesmo os que não tinham com que contribuir, como os mais pobres, os escravos, também sentavam à mesa e partilhavam do alimento. Obviamente isso não era muito fácil. Imaginemos um senhor de escravos tendo de sentar-se à mesa e comer com o seu escravo. É o caso de 1Cor 11,17-34: por influência da sociedade, algumas pessoas da comunidade, que tinham melhores condições, não queriam se misturar com os demais e comiam sua própria ceia à parte; “enquanto um se embriagava, o outro passava fome” (1Cor 11,21). Paulo critica duramente essa atitude, pois a Ceia do Senhor é o momento alto em que a comunidade vive já a plenitude da fraternidade, da partilha e da fé e todas as diferenças sociais devem desaparecer. Por isso Paulo insiste tanto para que os cristãos não participem dos banquetes oferecidos aos ídolos (cf. 1Cor 10,14-22): se a Ceia do Senhor é a expressão máxima do projeto da solidariedade e do amor anunciado por Jesus Cristo, os banquetes aos ídolos são a expressão máxima do sistema opressor que matou Jesus Cristo e persegue as comunidades.

Assim como as primeiras comunidades, é fundamental que nossas pastorais tenham claro o projeto que buscam construir. Que as novas relações sociais manifestas essencialmente na Ceia do Senhor tenham o mesmo impacto transformador de outrora.

* Pe. José Ademar Kaefer, svd é graduado em filosofia e teologia, mestre em Ciências da Religião e doutor em Sagrada Escritura pela Universität Munster. E-mail: jademarkaefer@yahoo.com.br

A IGREJA E OS CARISMAS SEGUNDO SÃO PAULO

Pe. José Comblin*

INTRODUÇÃO

As cartas de Paulo revelam o que era a Igreja nas comunidades fundadas por ele mais ou menos 20 anos depois da morte de Jesus. A comunidade cristã estava começando e tinha todos os privilégios da infância.

Devemos considerar as epístolas que são realmente de Paulo: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, 1 Tessalonicenses, Filipenses, Filemon. As outras foram escritas depois de sua morte, em alguns casos entre 30 e 40 anos depois, por discípulos dele. Mas esses discípulos mudaram a eclesiologia, com certeza porque as próprias comunidades tinham mudado. A principal mudança foi a presença de ministros permanentes encarregados de dirigir a comunidade, presbíteros e diáconos que não foram estabelecidos por Paulo. Da mesma maneira, os Atos dos Apóstolos apresentam um Paulo bem diferente daquele das cartas. É o Paulo ao qual se atribuem todas as mudanças ocorridas entre sua morte e a redação dos Atos. O autor dos Atos não conheceu Paulo nem as cartas dele. Aceita tradições populares e acrescenta discursos e episódios que representam sua teologia particular, e não a teologia paulina.

1. O povo de Deus

Devemos ter presente que o conceito básico da eclesiologia de Paulo é o conceito de povo de Deus. O conceito de povo não é sociológico. Consultei tratados de sociologia e pude ver que, na sociologia, não se trata do povo, porque povo não é categoria sociológica, não é algo que se possa observar. Povo é uma categoria teológica, porque é um ideal projetado como promessa feita a Abraão.

Para Paulo, os discípulos de Jesus são a continuação do povo de Israel. Os chefes do povo

traíram as promessas feitas a Abraão e abandonaram o verdadeiro Israel. O verdadeiro e definitivo Israel está nas comunidades de discípulos de Jesus, judeus e gentios. Pois as promessas de Abraão não se dirigiam a pequena porção da humanidade, separada do resto. A descendência de Abraão devia envolver o mundo todo e ser inumerável. Os judeus levantaram barreiras e impediram a entrada de todas as comunidades étnicas deles separadas. Tudo isso está nos capítulos 9 a 11 de Romanos, exposição fundamental da eclesiologia paulina.

Paulo não pretende converter indivíduos; quer, sim, estender o povo de Deus até a extremidade do mundo, porque esse é o plano de Deus revelado a Abraão. Jesus veio para realizar esse plano. Por isso foi morto. Mas depois dele os discípulos romperam as barreiras e foram ao mundo inteiro, formando o povo de Deus com judeus e não judeus. Jesus não veio para salvar almas, mas para refundar a descendência de Abraão, rompendo as barreiras e assumindo ele próprio a direção desse povo.

Um povo envolve a totalidade da vida humana. Jesus não veio para ensinar uma religião ou uma sabedoria, mas para mudar a vida toda. Tudo faz parte do povo: economia, política, cultura, vida corporal, desde a comida até o uso dos recursos naturais. Tudo isso forma o povo. Os discípulos têm por missão inaugurar esse povo que será o povo de Deus, integrando todos os outros povos na unidade do projeto de Abraão. Há lugar para todos, porque já não há barreiras. Jesus suprimiu todas as barreiras que procediam de uma cultura, de uma porção da humanidade, de um modo de viver, de alguns chefes dos judeus fechados em si mesmos e separados dos outros povos. Os chefes de Israel tornavam quase

impossível a entrada dos pagãos, porque levantavam obstáculos quase intransponíveis. Agora o povo está aberto e Paulo pensa que, em pouco tempo, vai envolver a humanidade inteira.

As comunidades paulinas e as fundadas por outros apóstolos constituem o início desse povo agora livre e aberto. Numericamente são insignificantes, mas a fé professada por Paulo consiste nisto: ver nelas o começo de nova humanidade reunida numa única convivência em que toda a diversidade se une no amor e na solidariedade.

2. A *ekklesía* (igreja)

No início, os discípulos de Jesus não acharam necessário dar um nome à sua reunião. Eram judeus, membros do povo eleito de Israel. Dentro de Israel, eles eram os seguidores do caminho de Jesus. Esperavam o reino de Deus por ele anunciado. O reino não veio. Pareceu mais distante do que o previsto. O conceito de reino de Deus foi transferido para o dia em que se realizaria realmente o fim deste mundo e o advento do novo, esperado como grande milagre de Deus. Aparecia um tempo intermediário. Os discípulos não podiam simplesmente esperar esse dia bastante distante. Viviam na terra, a vida terrestre continuava. Foi preciso dar-se um nome, sobretudo quando entraram pagãos convertidos e os discípulos se distanciaram da ortodoxia judaica.

Paulo deu às suas comunidades um nome que era comum a todas e expressava a unidade entre elas. Adotou o nome de *ekklesía*. Foi escolha genial, porque essa palavra era muito significativa.

A palavra *ekklesía* tinha um só significado. Era a assembleia do povo reunido, do *demos*, para governar a cidade. Tomando essa palavra, Paulo sabia muito bem o que fazia. Não escolheu nenhum nome religioso. Naquele tempo, havia associações religiosas de diversos tipos nas cidades gregas. Mas Paulo sabia que não vinha estabelecer na cidade uma religião, um culto. A religião, o culto, não interessavam. Para ele, o culto dos discípulos de Jesus era a própria vida. Paulo vinha para chamar todos para formar um povo. As comunidades de uma cidade representavam um povo, o povo de Deus nessa cidade. Eram o verdadeiro povo, formando o verdadeiro *demos*, embora fossem ainda uma minoria insignificante. Mas Paulo olhava para longe com uma fé invencível. Ali estava o

povo, nessa assembleia dos discípulos que era a assembleia do povo.

As comunidades eram um povo que formava a *ekklesía*; isto é, governavam-se a si mesmas sem chefes, sem pessoas mandantes. Eram a verdadeira realização do ideal grego de cidade. Os discípulos formavam entre si autêntica “democracia”, realizando o ideal nunca alcançado pelos gregos, que admitiam a escravidão e a divisão de classes.

A verdadeira tradução de *ekklesía* devia ser “democracia”. Em cada cidade, os discípulos de Jesus formavam uma “democracia”. No entanto, o vocábulo latino *ecclesia* simplesmente incorporou a palavra grega e, em português, transformou-se em “igreja”. A palavra “igreja” não tem o mesmo significado que sua raiz grega. Tornou-se nome de uma instituição.

Quem está na Igreja católica pode perceber até que ponto nos afastamos das origens cristãs. Hoje quem considera que a Igreja é e deve ser uma democracia será condenado como herege. Estamos exatamente no extremo oposto das comunidades cristãs primitivas.

Na “democracia” cristã todos eram iguais, todos podiam falar, todos podiam intervir nas decisões tomadas pela assembleia. Era realmente o advento da liberdade, o núcleo de novo povo, de nova humanidade. As comunidades não se reuniam para fazer um culto, para praticar uma religião, mas para a convivência mútua na fraternidade de um povo de iguais. Viver juntos era a razão dessas reuniões. Havia naturalmente uma refeição em comum, porque viver juntos é comer juntos.

O que mais se aproximou da *ekklesía* das origens são as chamadas comunidades eclesiais de base, uma realização da qual já não se tinha notícia desde a Idade Média, embora fosse realizada em certas igrejas reformadas, sobretudo nos Estados Unidos.

3. Os dons do Espírito nas comunidades

A Igreja, essa “democracia”, forma uma unidade, um só corpo, porque é o corpo de Cristo. Cada um é órgão de Cristo. O próprio Cristo reúne todos os seus membros. Ele os une por meio dos diversos dons do Espírito. Cada um recebe um dom. O dom é uma capacidade para servir. Todos servem todos, todos estão a serviço de todos. Assim é a unidade. A unidade é feita pelo Espírito.

Paulo deixou três listas de dons ou serviços, que chamou de carismas. As listas não eram as

mesmas. Não havia catálogo oficial. As comunidades não deviam ser a cópia de um modelo uniforme.

- 1Cor 12,8-10: “A um, o Espírito dá a mensagem de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro, ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro, o dom de as interpretar”.

- 1Cor 12,28-30: “Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores. Vêm, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e de falar diversas línguas”.

- Rm 12,6-8 : “Quem tem o dom de profecia, que o exerça segundo a proporção da nossa fé; quem tem o dom de serviço, o exerça servindo; quem o de ensino, ensinando, quem o da exortação, exortando. Aquele que distribui os seus bens, que o faça com simplicidade; aquele que preside, com diligência; aquele que exerce misericórdia, com alegria.”

Não precisamos aqui investigar qual era o conteúdo concreto de cada um desses dons. O que nos importa é que todos os membros têm um papel na comunidade. Se alguém preside, não é para mandar, mas para reunir. Nas comunidades paulinas ninguém manda, ninguém impõe. Realiza-se o que disse dom Helder quando chegou ao Recife: aqui duas palavras são proibidas, mandar e exigir.

Naturalmente, essas comunidades eram pequenas e não precisavam de muita organização. Apareciam problemas, conflitos, rivalidades, mas eram questões que não se resolviam pela imposição de um chefe.

Paulo sempre reivindicou a sua qualidade de “apóstolo” por ter sido chamado pelo próprio Cristo, assim como os Doze (embora em circunstâncias diversas), e tem autoridade para anunciar o evangelho. Na sua missão itinerante, foi o fundador de muitas comunidades. Ele reivindica a condição de pai da comunidade, o que lhe confere uma autoridade única.

No entanto, é importante ver como Paulo exerce essa autoridade. Não manda, não impõe. Temos um testemunho muito significativo na segunda carta aos Coríntios. Como é bem sabido,

2 Coríntios não é uma só carta, mas uma coleção de cartas integradas num conjunto. É fácil reconhecer as várias cartas. 2 Coríntios contém cinco cartas, e todas se referem a um incidente ocorrido em Corinto.

Quando Paulo estava em Éfeso, estourou uma crise em Corinto. Alguém contestou a autoridade do apóstolo e liderou um grupo de opositores (2Cor 2,5-6). Paulo correu a Corinto. A visita dele foi breve e não teve nenhum resultado. Pelo contrário, o chefe da oposição insultou-o e desafiou-o abertamente. Paulo preferiu retirar-se e esperar melhores condições para iniciar uma estratégia diferente, tendo em vista uma reconciliação.

Desde Éfeso, Paulo escreveu uma carta, exortando os discípulos de Corinto a reconciliar-se com ele. Ela está em 2Cor 2,14-7,4. Era uma carta de apologia. Não era a primeira, porque em 2Cor 2,3.4.9 Paulo menciona uma carta escrita em lágrimas. Alguns pensaram que podia ser 2Cor 10-13, mas esta não parece ter sido escrita com emoções tão fortes. Se não é essa, a carta em lágrimas está perdida. Com certeza, essa carta foi o momento culminante da crise.

Então, Paulo enviou Tito a Corinto para ver se este conseguia resolver o problema, isto é, levar os coríntios a reconhecer a autoridade apostólica do fundador da comunidade. A missão foi um êxito total, e Tito viajou para anunciar a notícia a Paulo. Este já estava tão impaciente, que saiu de Éfeso para ir ao encontro de Tito. Eles se encontraram na Macedônia, provavelmente em Filipos. Paulo ficou tão alegre, que escreveu e mandou aos coríntios a carta de reconciliação, 2Cor 1,1-2,13; 7,5-16.

Uma vez feita a reconciliação, Paulo quis retomar o assunto da coleta para os pobres de Jerusalém, iniciativa dos coríntios que tinha sido abandonada quando estourou o conflito. Paulo mandou duas cartas para falar dessa coleta e insistir em sua realização. Quis exortar os coríntios para estimulá-los. São os capítulos 8 e 9 da 2 Coríntios.

Esse episódio é muito interessante. Paulo podia ter invocado a sua condição de apóstolo para se impor. Podia ter proferido uma sentença de condenação dos rebeldes ou até de expulsão da comunidade. Preferiu o caminho do diálogo com o fim de conseguir uma reconciliação.

Chama muito a atenção o fato de não haver nenhuma ordenação naquele contexto. Cada um recebia o seu carisma diretamente do Espírito. O carisma era aceito porque o discípulo mostrava

a sua capacidade. Ninguém era designado para um ofício particular. A espontaneidade bastava para resolver os problemas da vida comunitária. Não faltavam os dons do Espírito. As comunidades eram pequenas. Não havia nenhuma organização formal.

Também chama a atenção o fato de não haver nenhum ministério ou carisma de tipo litúrgico ou cultural. Hoje em dia, as ordenações e os ministérios litúrgicos ou culturais ocupam o primeiro lugar na Igreja católica, até a ponto de apagar os dons da comunidade. Em Corinto, ninguém era ordenado para batizar. Ninguém era ordenado ou designado para presidir a celebração da eucaristia, ligada às refeições comunitárias. Presidia a eucaristia, ou seja, distribuía o pão a pessoa que presidia a refeição. Era a pessoa que, nas refeições, fazia a oração de ação de graças.

Essa situação correspondia ao fato de não haver culto litúrgico nas comunidades cristãs. Todo o culto do Antigo Testamento desapareceu e foi substituído por um culto feito de realidade, e não de símbolos. Doravante o templo seria o próprio corpo dos discípulos. Neles habitava Deus (2Cor 3,9-17).

Já não havia sacrifícios culturais. Os sacrifícios passavam a ser a vida corporal dos discípulos, as suas atividades inspiradas pelo Espírito (Rm 12,1; Fl 3,3). Sacerdotes eram todos os discípulos que ofereciam a sua vida de cada dia vivida no seu corpo.

Não havia nada litúrgico. A liturgia era a vida real. Mais tarde, a influência do Antigo Testamento e das religiões pagãs fez com que os cristãos se dessem também um culto litúrgico feito de símbolos. Então vieram a aparecer ministros ordenados para esse culto. Depois de Constantino, houve um desenvolvimento radical do culto litúrgico e dos seus ministros. A Igreja clericalizou-se e os carismas desapareceram, pelo menos da consciência dos cristãos e das estruturas oficiais da Igreja. No tempo de Paulo, ninguém imaginava sacerdotes ordenados para um culto. Os ministérios eram serviços reais para a comunidade ou para os pobres.

4. A Igreja pobre

O tema da pobreza é fundamental na eclesiologia de Paulo. Digamos logo que o tema da Igreja pobre de Paulo não tem nada que ver com o tema contemporâneo da opção preferencial pelos pobres. Quem faz opção pelos pobres

só pode ser rico. A Igreja que faz essa opção é uma Igreja rica. Essa é, de fato, a condição da Igreja católica hoje em dia. Quando os bispos de Medellín fizeram opção pelos pobres, sabiam que eram ricos e representavam uma Igreja rica. Queriam responder ao desafio representado pela condição de bispo rico que se diz sucessor de apóstolos que eram pobres.

Paulo faz longa exposição do tema da pobreza em 1Cor 1,17-2,16 e 3,18-23. Esse tema está ligado ao tema da cruz. Paulo anuncia Jesus crucificado, e a sua eclesiologia deriva desse tema básico. A pobreza suprema é a cruz. A cruz é a situação da pior degradação humana, é a total impotência. Por isso ela é objeto de vergonha. Ser crucificado constitui a maior vergonha. É o desprezo, a rejeição, objeto de escárnio: a cruz reduz o ser humano a lixo.

Deus escolheu a cruz, o lixo, o escândalo, a vergonha para criar a nova humanidade. Essa cruz está presente nos pobres. Deus escolheu o que é o mais desprezado na humanidade. Por isso escolheu os pobres. Eles são os eleitos para iniciar a caminhada da libertação da humanidade. São escolhidos porque são rejeitados, maltratados, reduzidos à impotência. Deus escolhe o que é mais fraco para mostrar que a sua força age por meio do mais fraco. A comunidade de Corinto é um exemplo dessa manifestação do seu poder criador. Em Corinto, há poucos ricos e a comunidade é feita essencialmente de pobres (1Cor 1,26).

A Igreja segundo Paulo é essa Igreja dos pobres que era o sonho de João XXIII.

Há uma insistência especial na pobreza cultural. Deus rejeitou a sabedoria dos sábios e escolheu a loucura da cruz. Loucura quer dizer fraqueza intelectual, pobreza de cultura. Não precisamos da ajuda da filosofia grega. A verdadeira sabedoria é a sabedoria da cruz. É a sabedoria dos pobres.

Mas a pobreza é naturalmente também material. Temos uma exposição dessa pobreza na descrição que Paulo faz da sua vida. Pois ele mesmo, na sua missão, foi uma amostra da sabedoria da cruz:

Estive no meio de vocês cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação não tinham brilho nem artifícios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito para que vocês acreditassem, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus (1Cor 2,3-5).

Nós somos loucos por causa de Cristo; e vocês, como são prudentes em Cristo! Nós somos fracos, vocês são fortes! Vocês são bem considerados, nós somos desprezados! Até agora passamos fome, sede, frio e maus-tratos, não temos lugar certo para morar; e nos esgotamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos amaldiçoados, e abençoamos; perseguidos, e suportamos; caluniados, e consolamos. Até hoje somos considerados como o lixo do mundo, o esterco do universo (1Cor 4,10-13; 2Cor 11,16-12,10).

Quando consideramos os 2 mil anos da história da Igreja, ficamos assustados em razão da enorme distância que nos separa das origens. Apesar de tudo, sempre houve um resto, pequena minoria fiel às origens e comunidades pobres que ouviram a mensagem de loucura da cruz. Ao lado deles, tanta riqueza e tanto poder ocultando o evangelho!

Na conquista da América, houve alguns missionários que reproduziram o modelo de Paulo: os dominicanos da ilha Hispaniola, os franciscanos do México central, os jesuítas das missões guaranis. Ao lado disso, todo o poder e a riqueza de uma Igreja ligada aos conquistadores. Até hoje, quantas tentações de poder!

Fala-se de grande missão na América Latina. Mas esta Igreja que somos agora o que pode anunciar às massas pobres da América Latina? Que autoridade tem essa Igreja que busca tanto o poder? A grande missão só poderia ser grande conversão da Igreja. Tal conversão seria obra dos pobres da América Latina. A Igreja não tem nada para ensinar e tudo para aprender. A verdadeira Igreja está no meio dos pobres como Igreja crucificada, sem sabedoria humana, sem prestígio, sem edifícios, sem teologia, sem diplomas universitários, realmente o esterco do mundo, ignorada e desprezada. Ali está a cruz de Cristo que nós não sabemos ensinar.

Essa é a grande lição que nos vem de Paulo. É uma loucura, mas podemos tratar de ser loucos!

* Pe. José Comblin nasceu em Bruxelas, Bélgica. Doutorou-se em Teologia pela Universidade de Lovaina. Trabalha na América Latina desde 1958. Teólogo de larga experiência, lecionou no Equador, no Chile e no Brasil. Reside há vários anos no interior do estado da Paraíba. É autor de vasta obra bibliográfica, em grande parte publicada pela Paulus.

Nunca foi tão divertido conversar com Jesus!



A coleção **Livro do Catequizando** apresenta um resumo dos temas trabalhados pelos catequistas em seus encontros. Ilustrações coloridas e algumas dinâmicas para incentivar a criatividade na ocasião das reuniões catequéticas também constam na compilação, cujo maior objetivo é propagar a fé.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



PRESENTE E FUTURO DO SACERDÓCIO NA IGREJA CATÓLICA

Pe. J. B. Libanio, sj*

INTRODUÇÃO

Bento XVI anunciou um ano sacerdotal. Essa iniciativa visa contribuir para que o conjunto da Igreja volte o olhar para tal ministério eclesial. Motiva-a a celebração do 150º aniversário do *dies natalis* de S. João Maria Vianney, patrono dos sacerdotes diocesanos. A intenção profunda mira a renovação interior dos sacerdotes a fim de serem testemunhas vivas do evangelho no mundo atual. Assim se responde positivamente à dolorosa conjuntura causada pelos numerosos escândalos de padres.

1. Diferentes linguagens sobre o sacerdote

As linguagens variam conforme o sujeito que as constrói no horizonte de seus interesses. A instituição eclesiástica tece linguajar próprio sobre o sacerdócio. Tal linguajar aparece nos documentos e discursos do magistério, em comemorações e solenidades encomiásticas.

Trata-se de leitura idealizada do sacerdote a exaltar-lhe a dignidade. Centra-se na relação entre ele e o mundo sagrado que administra. Faz fluir para a pessoa do padre a grandeza dos sacramentos. A proximidade com o universo divino dá-lhe poder e relevância espiritual. Mesmo quando essa leitura lhe reconhece as deficiências e problemas, vê-o em pedestal sagrado. Repetem-se frases de santos que viveram a experiência da sublimidade do ministério. Bento XVI cita o próprio Cura d’Ars. Para ele, o sacerdote “é o maior tesouro que o bom Deus pode conceder a uma paróquia e um dos dons mais preciosos da misericórdia divina”. Em outro momento, o santo exclama: “Oh, como é grande o padre! (...) Se lhe fosse dado

compreender-se a si mesmo, morreria. (...) Deus obedece-lhe: ele pronuncia duas palavras e, à sua voz, Nosso Senhor desce do céu e encerra-se numa pequena hóstia”.

Em contraste com esse discurso, a imprensa ensombreceu-lhe a imagem, ao divulgar os escândalos de pedofilia. Apraz-lhe o discurso chocante e sensacionalista dos contrastes. E quanto mais a Igreja oficial insiste no celibato e na tônica moral, tanto mais o noticiário se interessa pelos desvios morais de homens de Igreja. De tempos em tempos, noticiam-se alguns atos heroicos de eclesiásticos. Mas o conjunto pende para o lado obscuro da vida sacerdotal.

Afastando-se de ambas as linguagens, corre a vida comum e rotineira do sacerdote na real ambivalência da existência humana. Nem heroísmos raros nem vida semeada de aventuras chocantes. Na normalidade, vivem-se os desgastes do cotidiano, feito de pequenos sinais de fidelidade e de mediocridades escondidas. Em toda vocação e profissão, existem pessoas humanas ambiciosas, carreiristas, invejosas, que envenenam o ambiente. Deitam-se num conformismo consigo e com o trabalho sem garra, sem coragem criativa. Há também as que trabalham a si mesmas em processo contínuo de crescimento. A classe sacerdotal não se isenta dessa condição humana, nem sempre na mesma proporção que outras profissões ou vocações.

2. Profissão e vocação

Atravessa o ministério presbiteral tensão inevitável. Tem duas faces: vocacional e profissional. Profissão e vocação ressoam diferentemente, embora se entrecruzem. A vocação se põe antes

do lado do carisma, da inspiração, enquanto a profissão cultiva o ofício, o encargo.

2.1. Conceituação de profissão

A etimologia já nos oferece primeira abordagem. Na origem da palavra estão dois étimos: *pro* + *fateor*. *Fateor* significa declarar, confessar. *Pro* denota fazê-lo diante de alguém, pessoa ou instituição. Ao exercer uma profissão, declaramos diante da sociedade nossa habilidade para determinado exercício. A profissão busca principalmente reconhecimento social. E o grau de importância que se lhe atribui oscila segundo a maior ou menor legitimação social. Um conjunto de fatores culturais torna uma profissão mais valorizada em determinada sociedade e momento histórico. A modernidade estabeleceu vários critérios para avaliar uma profissão: competência, produtividade, eficiência, resultados visíveis, sucesso, especializações, desempenho excelente. E, para chegar lá, exigem-se preparação, estudos concluídos com títulos, habilidades, conhecimentos técnicos. A profissão dá *status* social segundo o imaginário da sociedade. Ele influencia tanto a escolha profissional como o seu desempenho.

A vida profissional tende a exigir cada vez mais das pessoas. Para muitos, ocupa-lhes o centro da existência, ao relegar para segundo plano família, relações afetivas, atividades estritamente gratuitas. Esses tornam-se incapazes de suportar o fracasso e qualquer frustração – haja vista a depressão de tantos que se incapacitaram para trabalhar por causa de doença, aposentadoria, desemprego. Sentir-se inútil no mundo profissional pesa sofridamente. Com a crescente concorrência e transformação rápida da sociedade, as profissões, antigamente permanentes, caducam com facilidade se não se fazem contínuos cursos de atualização e especialização.

Na sociedade capitalista, a profissão se mede pelo critério maior da remuneração econômica. Esta garante a segurança do futuro, ao amealhar recursos para o tempo de aposentadoria. Junto com os altos salários vêm a glória, o poder, o sucesso, a aparência, o prestígio. O nome da instituição tem papel importante. Os funcionários participam de sua fama. Ela lhes rende dividendos em todos os níveis.¹

Salta aos olhos que, se o ministério sacerdotal se orienta para a linha profissional, participa da

enorme ambiguidade da concepção profissional da sociedade capitalista. Então só uma compreensão do sacerdócio como real vocação evita considerá-lo como mera profissão regida pelos valores do sistema.²

2.2. Vocação

De novo, a etimologia vem-nos em auxílio. No coração da palavra vocação se esconde o étimo *voc*, de *vox* – *vocis* do latim. Em português, significa voz. Que voz está na origem da vocação?

A psicologia a ouve como realização pessoal. Movem-nos o gosto, o prazer, a felicidade que a vocação promete até a paixão. Seguem-se atitudes de entrega, dedicação, empenho, à custa mesmo de sacrifícios.

Ela se nutre de gratuidade, de motivação interior, da busca de algo mais dentro de nós. Realiza-se em situações difíceis, lá onde a profissão esgotou as possibilidades. Tem certo caráter de perenidade.

Entretanto, a pós-modernidade está a mudar a compreensão de vocação. O jovem moderno encarava-a sob o signo do dever, do compromisso. Pesava-lhe a relevância social. Ele percebia-se como agente transformador da realidade. Alimentava-se de utopias. O futuro dava-lhe coragem para suportar as agruras do presente.

O jovem pós-moderno, porém, pensa-a sob o aspecto do prazer, do interesse individual sem alcance social. Despe-se da agressividade diante do real. Acomoda-se a ele sem gasto de energia. Não acredita poder modificá-lo. Busca antes usufruir o presente sem lançar mirada ao futuro. “As flores não as queremos para o funeral, mas agora”, assim diziam jovens espanhóis. O futuro fala de funeral. E o presente oferece a fruição. A vocação se motiva pelo gozo que ela suga do momento.

A leitura teológica critica esse viés pós-moderno. Oferece outra perspectiva de vocação. A voz interior, em última análise, vem de Deus. Tudo o que se refere a Deus, e enquanto se refere a ele, goza de dimensão definitiva. Daí a gravidade e o peso da vocação. São Paulo admoesta-nos: “De fato, vós não recebestes espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes o Espírito que, por adoção, vos torna filhos, e no qual clamamos: ‘Abbá, Pai!’” (Rm 8,15). Esse Espírito faz ouvir sua voz. Dele vem a vocação. E a do ministério sacerdotal mantém referência fundamental à práxis de Jesus, que nos alerta: “Sabeis que os que são

considerados chefes das nações as dominam, e os seus grandes fazem sentir seu poder. Entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o escravo de todos. Pois o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mc 10,42-45).

A vocação, na perspectiva cristã, significa chamado ao serviço a Deus na pessoa do irmão, numa unidade radical de amor, de tal modo que se reconhece naquele que serve, mesmo que não conheça a fé cristã, “um cristão anônimo”.³ As vocações éticas se identificam, na prática, com a cristã.

O termo carisma serve também para traduzir essa dimensão teológica de vocação. Significa um dom, habilidade, qualidade do Espírito para o serviço da comunidade. Visa à sua construção. Implica, portanto, o dom da graça que se recebe de Deus.

2.3. Relação entre profissão e vocação

A vocação não se opõe à profissão, mas dá-lhe uma dimensão que esta não tem de si. Insere-a no nível de resposta ao chamado de Deus. Vale dessa relação a clássica afirmação de santo Tomás: a graça não substitui a natureza, mas a aperfeiçoa e lhe supre defeitos.⁴ A vocação, como obra da graça do Espírito Santo, pede o cultivo de qualidades humanas, de competência profissional, de formação séria, de empenho. Entretanto, corrige-lhe o acento funcionalista, “eficientista”, instrumental, ao recordar a dimensão de graça, de gratuidade, de dom. Vem a propósito dessa relação o adágio iniciano: “Deposita tua confiança em Deus, como se todo o êxito do trabalho não dependesse de ti, mas apenas de Deus; aplica-te todo inteiro à tua obra, como se Deus não devesse fazer coisa alguma, mas tu devesse tudo fazer sozinho”. A vocação situa-se na linha da confiança, e a profissão na do empenho.

2.4. Problema da escolha vocacional

No que se refere às profissões, a sociedade impõe regras. Algumas severas. Controla-se seu exercício, exigindo cursos, diplomas, inscrições em órgãos do Estado.

A vocação, como tal, escapa de tais injunções. Ela brota do coração. Mas, no momento em que assume aspectos profissionais, cai sob as mesmas obrigações.

Imprima esta importante marca em sua alma.



Imagens meramente ilustrativas.

1 Atualização para catequistas de crisma

Acolhendo o convite da Santa Sé em estabelecer um diálogo entre fé e cultura atual, a obra propõe reflexões sobre a realidade contemporânea para que se possa evangelizar melhor as crianças, os jovens e os adultos.

2 Livro da Crisma Confirmados e Comprometidos

O livro é fruto de anos de pesquisa e de reflexões dos catequistas da coordenação da Diocese de Osasco a respeito dos diferentes modos de preparar os cristãos para o importante Sacramento da Crisma.

3 Encontros de catequese Crisma

Esta obra é fruto de uma caminhada persistente e trabalhosa, um verdadeiro planejamento para um curso de preparação para crisma.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



No caso da vocação sacerdotal, temos claramente dois momentos. O candidato, com base em discernimento espiritual, chega à convicção de que tem vocação. Sente-se chamado por Deus para tal missão eclesial. Nesse momento, interfere a Igreja institucional para aceitá-lo ou não. E ela impõe condições para a realização de tal vocação.

Na origem da vocação está a experiência fundamentadora de Deus, que dá o desejo de entrega de si mesmo ao serviço eclesial e a graça de realizá-lo. Sem ela, a vocação se degenera em pura profissão, com consequências desastrosas.

A maneira pela qual a Igreja institucional procedeu na confirmação da vocação variou ao longo dos séculos. De maneira bem simplificada, dois modelos vigeram. Um primeiro atravessou o primeiro milênio e o segundo se impôs a partir do segundo milênio. Em ambos se reconheceu que se comunicava o ministério presbiteral pela via da graça sacramental. O candidato tocado pela graça da vocação tinha, na ordenação, essa graça confirmada. Conferia-se-lhe o exercício de tal missão.

Mas, entre o momento interior da graça e a ordenação, intermedeia a ação externa da Igreja institucional. Durante o primeiro milênio, o papel principal cabia à comunidade. Ordenava-se o presbítero para servi-la. A legitimidade da ordenação encontrava a raiz última no serviço ao corpo eclesial concreto de uma comunidade. Pesava antes a dimensão pneumatológica da Igreja e menos o fato da sucessão do poder. Predominava uma eclesiologia comunitária, simbólica, com sabor patristico. O ministério sacerdotal existia em função da comunidade.

O segundo milênio trouxe viravolta. Entrou uma concepção sacerdotal individualista. A imposição das mãos sai do contexto da Igreja local. Privatiza-se o ministério ordenado e valoriza-se o poder do indivíduo ordenado. Acentua-se o rito sacramental. Aceita-se a ordenação absoluta desde que garantidos os benefícios eclesiais para sustentar o ministro ordenado.

A ordenação já dava todo o poder e só faltava designar o lugar como algo secundário e posterior. A comunidade já não escolhe o ministro. Este se torna, sob certo aspecto, funcionário do poder. Possui autoridade por si mesmo, independentemente da comunidade. Estabelece relação direta com a realização dos

sacramentos, máxime a da eucaristia, a ponto de sacerdotes celebrarem sozinhos. Santo Tomás sanciona, em certo sentido, tal perspectiva, ao dizer que “o sacramento da ordem se orienta à consagração da eucaristia”.⁵ A ordenação separa o sacerdote do povo, enquanto no primeiro milênio o inseria nele. Reflete uma eclesiologia hierárquica vertical.

3. Conjuntura atual

A conjuntura atual de Igreja no que diz respeito ao ministério presbiteral permite diversas observações. O Concílio Vaticano II retomou a intuição central do primeiro milênio. Pôs no centro a eclesiologia do povo de Deus, com base no qual o ministério presbiteral se compreende como diaconia. Deslocou o acento para a importância da comunidade. Não se chegou, porém, a possibilitar à comunidade exercer maior influência na escolha do seu presbítero e ter poder de afastá-lo, caso ele não responda aos seus anseios. Tal processo ainda permanece nas mãos da hierarquia. O peso sacramentalista continua preponderante.

As mudanças iniciadas no pós-concílio estancaram e até mesmo regrediram. Prossegue a prática do poder do ministro ordenado acima da comunidade e até mesmo à sua revelia. Em alguns casos, chega-se a aberrações, sem que os fiéis disponham de outro mecanismo além do recurso à autoridade que o nomeou. Restringe-se tudo ao mundo hierárquico, sem participação da comunidade.

Numa cultura extremamente voltada para a exterioridade, vige uma figura de sacerdotes também eles cultivadores da aparência externa por meio de vestes, do brilho da liturgia e da presença na mídia. O próprio conteúdo das pregações sofre de superficialidade, ao carregar o tom na emoção, na imagem. Perde-se tanto no aspecto teológico de aprofundamento da fé quanto na riqueza simbólica da liturgia. Confunde-se facilmente o uso de recursos de imagens com a beleza e a profundidade simbólica própria da liturgia. O símbolo, na expressão de Paul Ricoeur, leva-nos a pensar, a meditar. A imagem, pelo contrário, paralisa o pensamento e afeta a sensibilidade imediata e de curta duração.

Em reação a tal figura, cresce uma linha oposta. Desloca o polo para a fidelidade à verdade doutrinal ensinada pelo magistério, especialmen-

te pontifício, e às prescrições canônicas da Igreja institucional no campo da moral, da liturgia, da disciplina eclesiástica até as raias do rigorismo ortodoxo, moralista e litúrgico. Cresce um tipo de ministro ordenado pouco preocupado em responder aos problemas de hoje, mas voltado para a conservação dos fiéis dóceis. Tenta-se reter a sangria de católicos para as denominações evangélicas. Culpam-se as reformas promovidas na esteira do Vaticano II. Em países de tradição teológica e litúrgica antiga, cultiva-se certo elitismo religioso. A volta às celebrações em latim responde a tal modelo de Igreja. Aposta-se no purismo doutrinal, moral e disciplinar. Melhor um grupo de católicos fervorosos e obedientes às normas da Igreja do que uma multidão frouxamente praticante ou superficialmente seduzida pelas luzes midiáticas.

A onda libertadora da década de 60, que esteve na gênese das comunidades eclesiais de base e de tantos presbíteros engajados no meio do povo simples e pobre, não desapareceu, embora tenha perdido visibilidade. Persiste a figura do sacerdote metido no meio do povo em íntima sintonia com suas aspirações de libertação. Aposta-se nas CEBs e na teologia da libertação. Preza-se a religiosidade do povo simples e trabalham-se as expressões populares da fé.

4. Futuro

E o futuro? Anuncia-se plural. Permanece forte a tendência clericalista. Com a valorização do poder sagrado da ordenação, o sacerdote se pensa, se prepara e atua em função do exercício desse poder. A sua dinâmica o vincula à instituição que representa, e não tanto ao povo a quem serve. Perde-se a intuição do Vaticano II da precedência do povo de Deus em relação à hierarquia. O poder, por natureza, resiste à mudança, que na Igreja católica se faz ainda mais difícil. O exercício do ministério petrino não tem nenhuma instância superior que o controle – exceto o evangelho, que, no entanto, é interpretado por ele mesmo. Jesus ensinara que o poder existe para o serviço. A prática hierárquica, porém, facilmente conflita com tal ensinamento. Surgem, sim, vozes proféticas que questionam tal poder, embora sejam frequentemente malvistas.

A cultura atual critica tal tipo de exercício. A sociedade humana já experimenta, há séculos, regimes políticos de traços democráticos. A Constituição brasileira reza: “Todo o poder

emana do povo, que o exerce”. Tal visão se choca com a figura de um ministro ordenado escolhido, nomeado e mantido por autoridade independente da comunidade de fiéis que, no caso, exerceria a função de povo.

Ademais, aumenta hoje a rejeição das instituições. Se autoritária, o repúdio cresce.⁶ Isso se origina de experiências negativas vividas. A Igreja católica, com ministros autoritários, tem sido envolvida nessa onda. Fica-lhe o desafio da democratização das estruturas. O caráter sagrado do ato da ordenação não contradiz a escolha e a designação do ordenado por parte da comunidade.

O momento atual desafia também o próprio ministro ordenado. Conhecedor de dados da psicologia profunda, percebe pulsões inconscientes, não raro reprimidas por parte da instituição eclesiástica. Sente-se então infeliz e revoltado, sobretudo no que toca à sexualidade e à afetividade. Não consegue realizar as exigências de nova imagem de sacerdote que os tempos pedem. Antes sacerdote da proximidade com as pessoas que do púlpito, homem do mistério antes que da doutrina, colaborador antes que solitário, de uma espiritualidade encarnada antes que monacal, voltado para a libertação de toda a pessoa humana antes que salvador de almas.

O mundo das relações com os fiéis enriqueceu-se, mas trouxe riscos e, não raro, turbulências afetivas. Como conjugar a transcendência própria do amor celibatário com a proximidade com os fiéis? Cabe-lhe distinguir relações humanas de amizade, de intimidade conjugal e de caráter pastoral. E aí situar-se sadiamente.

Certas imposições eclesiásticas pesam-lhe afetivamente. O seu senso pessoal de dignidade e autonomia refuga tudo o que sugere mantê-lo em atitude infantil.

A liberdade em face de normas eclesiásticas tem-lhe produzido dilaceramento interior. Percebe que algumas já não lhe servem de baliza de vida. No entanto, guarda a aparência de observância perante as autoridades da Igreja, deslizando para atitudes infantis de subserviência ou de conveniência. Não faltam conflitos de consciência no que se refere à lealdade e fidelidade à instituição eclesiástica.⁷

Os três ministérios principais – da palavra, da presidência e da coordenação – disputam-lhe o tempo, as energias e a prioridade. A imagem do sacerdote reconhecido e encomiado por seu

papel no mundo sagrado perde consistência. Valorizam-se antes o manuseio da palavra, a capacidade litúrgica de presidir e a maneira delegada e democrática de coordenar. Nem sempre se preparou para essa nova maneira de exercer o tríplice ministério.

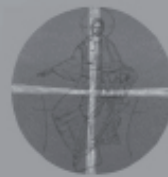
À guisa de conclusão, um toque de Aparecida. Vale do sacerdote a intuição central do projeto evangelizador. Tudo começa com o encontro pessoal com Cristo. Dele segue a conversão. Esta conduz ao seguimento de Jesus. E tal seguimento se realiza na comunhão eclesial e alimenta o zelo missionário. Interpretando para o sacerdote em perspectiva futura, a ordem se inverteria. Tudo começa na missão apostólica. Com base no engajamento, levanta questões sobre as formas de comunhão atuais. E, em relação com elas, pensa o seguimento do Jesus histórico. E esse encontro com ele pede conversão, que consiste fundamentalmente em nova maneira de interpretar Jesus para sua vida.

Na perspectiva do Jesus palestinese, a eucaristia reencontra sua centralidade antes como mistério de vida do que como lugar do poder sagrado. E, nessa nova realização de seu ministério, o sacerdote encontra melhor articulação entre vocação e profissão. A vocação alimenta-se do seguimento de Jesus. E o lado profissional lhe oferece elementos concretos para realizar tal seguimento e conduzir os fiéis a ele.

* Pe. J. B. Libanio, sj é doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Há mais de três décadas vem se dedicando ao magistério e à pesquisa teológica. É vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em Vespaziano, na Grande Belo Horizonte-MG.

Notas:

1. HUNTER, J. *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
2. MURAD, A. *Gestão e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2007.
3. RAHNER, K. Los cristianos anónimos. In: *Escritos de teología*. Madrid: Taurus, 1969. p. 535-544. v. 6.
4. S. Th. I q. 1 a. 8 ad 2m; q. 2 a. 2 ad 1m; II-II q. 188 8c.
5. S. Th. III q. 65 a. 3c.
6. "Hoje, menos do que nunca deve a Igreja dar a impressão, nem de portas adentro, nem de portas afóra, de ser como um dos Estados totalitários nos quais o poder exterior e a obediência cumprida no silêncio mortal são tudo, enquanto a liberdade e o amor são nada; nem deve agir como se seus métodos de governo fossem os mesmos que os dos sistemas totalitários, nos quais a opinião pública se converte em um ministério da propaganda" (RAHNER, K. *Das freie Wort in der Kirche*. Einsiedeln: Benziger, 1953).
7. COZZENS, D. B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. São Paulo: Loyola, 2001. Nesse livro existem excelentes reflexões sobre esse choque de imagens do sacerdote do mundo sagrado com o momento atual.



RIBEIRO COMUNICAÇÃO

A SOLUÇÃO EM SONORIZAÇÃO PARA IGREJAS



Paróquia São Patrício - Rio Pequeno - SP



Paróquia Perpetuo Socorro - Our Rosalia Santo Amaro - SP



Paróquia São Pedro São Paulo - Morumbi - SP

INSTALAÇÃO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
MANUTENÇÃO

INFORMAÇÕES E CONTATOS

Ribeiro & Nunes Ltda

Tel. (11) 3571 6039

(11) 7154 3484

ribeirocomunicacao@terra.com.br

CARTA ÀS IRMÃS E AOS IRMÃOS DAS CEBS E A TODO O POVO DE DEUS

Mensagem Final do 12º Intereclesial – Porto Velho - RO

*“Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino do céu;
(...) Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,
porque serão saciados (...)” (Mt 5,3.6)*

1. Nós, participantes do 12º Intereclesial das CEBS, daqui das margens do Rio Madeira, no coração da Amazônia, saudamos com afeto as irmãs e irmãos de todos os cantos do Brasil e dos demais países do continente, que sonham conosco com novos céus e nova terra, num jeito novo de ser Igreja, de atuar em sociedade e de cuidar respeitosa e amorosamente de toda a criação!

2. Fomos convocados, de 21 a 25 de julho de 2009, pelo Espírito e pela Igreja irmã de Porto Velho-RO, para nos debruçar sobre o tema que nos guiou por toda a preparação do Intereclesial em nossas comunidades e regionais: *“CEBs: ecologia e missão – do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia”*.

Acolhendo as delegações e celebrando os povos da Amazônia

3. Encheu-nos de entusiasmo ver chegando, depois de dois, três e até cinco dias de viagem, os delegados, em sua maioria de ônibus fretados, ou ainda em barcos e aviões. Em muitos ônibus, vieram acompanhados de seus bispos e encontraram, ao longo do caminho, acolhida festiva e refrigério em paradas nas Dioceses de Rondonópolis, Cuiabá e Cáceres, no Mato Grosso, Jataí, em Goiás, Uberlândia, em Minas Gerais, e, entrando em Rondônia, nas comunidades de Vilhena, Pimenta Bueno, Cacoal, Presidente

Médici, Ji-Paraná, Ouro Preto e Jarú. Apresentamos carinhoso agradecimento pela fraterna e generosa acolhida de todas as delegações pelas famílias, comunidades e paróquias de Porto Velho, o infatigável trabalho e dedicação do Secretariado e das equipes de serviço, em que se destacaram tantos jovens.

4. Somos 3.010 delegados, aos quais se somam convidados, equipes de serviço, imprensa e famílias que acolhem os participantes, ultrapassando 5 mil pessoas envolvidas neste Intereclesial. Dos delegados de quase todas as 272 dioceses do Brasil, 2.174 são leigos, entre mulheres (1.234) e homens (940), 197 religiosas, 41 religiosos irmãos, 331 presbíteros e 56 bispos, entre os quais um da Igreja episcopal anglicana do Brasil, além de pastores, pastoras e fiéis dessa Igreja, da Igreja metodista, da Igreja evangélica de confissão luterana no Brasil e da Igreja unida de Cristo do Japão. O caráter pluriétnico, pluricultural e plurilinguístico de nossa assembleia encontra-se espelhado no rosto das 38 nações indígenas aqui presentes e no de irmãos e irmãs de nove países da América Latina e do Caribe, de cinco da Europa, de um da África, de outro da Ásia e da América do Norte. Queremos ressaltar a presença marcante da juventude de todo o Brasil por meio de suas várias organizações.

5. *“Sejam bem-vindos/las nesta terra de muitos rios, igarapés e de muitas matas, onde está a*

Arquidiocese de Porto Velho, que se faz hoje a casa das comunidades eclesiais de base.” Assim fomos recebidos, na celebração de abertura, pela equipe da celebração e por dom Moacyr Grechi, com muita música e canto, ao cair da noite, ao lado dos trilhos da estrada de ferro Madeira-Mamoré, que lembra aos trabalhadores que a construíram e aos indígenas e migrantes nordestinos o sofrido ciclo da borracha na Amazônia. Foram evocadas ali e, seguidamente, nos dias seguintes as palavras sábias do provérbio africano:

“Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias”.

6. Pelas mãos de representantes dos povos indígenas, dos quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, posseiros e de migrantes do campo e da cidade foram plantadas, ao lado do altar, três grandes tochas. Nelas, foram acesas milhares de velas dos participantes, cujas luzes se espalharam pelos degraus da esplanada, enquanto ouvíamos o canto do Cristo dos Seringais:

*“Na densa floresta vai um caminheiro
Cristo seringueiro a seringa a cortar...”*

Os versos eram entrecortados pelo refrão:

*“E vem a esperança, que surja a bonança,
Não seja explorado o suor na balança.”
“E vem a esperança, que surja a mudança
E o homem refaça com Deus a aliança.”*

Ouvindo os gritos das comunidades da Amazônia e comungando com seus sonhos

7. Com o apito da sirene da Madeira-Mamoré, o trem das CEBs retomou sua caminhada, reunindo-se, no dia seguinte, na grande plenária do PORTO, aclamado pela Assembleia “PORTO DOM HELDER CÂMARA”, pelo centenário do seu nascimento (1909-2009) e em resgate de sua profética atuação. Iniciamos esse primeiro dia, dedicado ao VER, partindo do grito profético da terra e dos povos da Amazônia, símbolos da humanidade na sua rica diversidade, deixando-nos guiar na celebração pelo som dos maracás, tambores e flautas e pela dança de louvor a Deus de nossos irmãos e irmãs indígenas. Dali, partimos para os locais dos miniplenários

de 250 participantes, nas paróquias e escolas. Eles levavam os nomes de doze RIOS da bacia amazônica: Madeira, Juruá, Purus, Oiapoque, Guamá, Tocantins, Tapajós, Itacaiunas, Guaporé, Gurupi, Araguaia e Jari.

8. Divididos nos Rios em 12 CANOAS, com duas dezenas de participantes cada uma, partilhamos as experiências, gritos e lutas das comunidades em relação à nossa Casa comum, tendo por base o bioma amazônico e os outros biomas do Brasil (cerrado, caatinga, Pantanal, pampas, mata atlântica e manguezais da zona costeira), da América Latina e do Caribe. Vimos nossa Casa ameaçada pelo desmatamento – com o avanço da pecuária, das plantações de soja, cana, eucalipto e outras monoculturas sobre áreas de florestas –, pela ação predatória de madeireiras, pelas queimadas, pela poluição e envenenamento das águas, peixes e humanos pelo mercúrio dos garimpos, pelos rejeitos das mineradoras e pelo lixo nas cidades. Encontra-se ameaçada também pelo crescente tráfico de drogas, de mulheres e crianças e pelo extermínio de jovens provocado pela violência urbana.

9. Somamos nosso grito ao das populações locais, para que a Amazônia não seja tratada como colônia, de onde se retiram suas riquezas e amazonidades em favor de interesses alheios, mas seja vista em pé de igualdade, no concerto das grandes regiões irmãs, com sua contribuição específica em favor da vida dos povos, especialmente de seus 23 milhões de habitantes, para que tenham o suficiente para viver com dignidade.

10. Fazemos um apelo para que os governantes sejam sensíveis ao grito que brota do ventre da Terra e, pautados por uma ética do cuidado, adotem uma política de contenção de projetos que agridem a Amazônia e seus povos da floresta, quilombolas, ribeirinhos, migrantes do campo e da cidade, numa perspectiva que efetivamente inclua os amazônidas como colaboradores verdadeiros na definição dos rumos da Amazônia.

11. Tomamos consciência também de nossas responsabilidades em relação ao reto uso da água, da terra e do solo urbano e à superação do consumismo, respondendo ao apelo para que todos vivamos do necessário, a fim de que ninguém passe necessidade.

12. Constatamos, com alegria, a multiplicação de iniciativas em favor do meio ambiente,

como a de humildes catadores de material reciclável no meio urbano, tornando-se profetas da ecologia, e as de economia solidária, agricultura orgânica e ecológica. Saudamos os muitos sinais de uma “Terra sem males”, fazendo-nos crescer na esperança de que “outro mundo é possível, necessário e urgente”.

13. À tarde, realizamos a Caminhada dos Mártires, em direção ao local onde o rio Madeira foi desviado e em cujo leito seco, ao som dos estampidos das rochas dinamitadas, está sendo concretada a barragem da hidroelétrica. Celebrou-se ali Ato Penitencial por todas as agressões contra a natureza e a vida humana. Defronte às pedreiras que acolhiam as águas das cachoeiras de Santo Antônio, agora totalmente secas, ao lado da primeira capela construída na região, foram proclamadas as bem-aventuranças evangélicas (Mt 5,1-12), sinal da teimosa esperança dos pequenos, os preferidos de Deus.

14. No segundo dia, prosseguimos com o VER, com uma pincelada sobre a conjuntura atual na esfera sociopolítica e econômica, apresentada por Pedro Ribeiro de Oliveira; na perspectiva das mulheres, por Julieta Amaral da Costa; e do ponto de vista ecológico, por Leonardo Boff. Atendendo ao convite de Jesus: “*Vinde e vede*” (Jo 1,39), após a pergunta dos discípulos, “*Mestre, onde moras?*” (Jo 1,38), partimos, em grupos, em visita às muitas realidades locais: populações indígenas, comunidades afrodescendentes, ribeirinhas, extrativistas, grupos vivendo em assentamentos rurais ou em áreas de ocupação urbana; bairros da periferia; hospitais, prisões, casas de recuperação de pessoas com dependência química e ainda a trabalhos com menores ou pessoas com deficiência. O retorno foi rico na partilha de experiências, nas quais descobrimos sinais de vida nova. Reiteramos que os projetos dos grandes, principalmente as barragens das usinas hidroelétricas e as usinas nucleares geradoras de lixo atômico, que põe em risco a população local, são projetos do capital transnacional que não favorecem os pequenos. Apoiados na sabedoria milenar dos povos indígenas, sentimos-nos animados a repetir com eles: “Nunca deixaremos de ser o que somos”. Nós, como CEBs no meio dos simples e pequenos, reafirmamos nossa teimosa opção pelos pobres e pelos jovens, proclamada há 30 anos em Puebla, resistindo

e lutando para superar nossas dificuldades, sustentados pela fé no Deus que se revelou a nós como Trindade, a melhor comunidade.

15. No terceiro dia, as celebrações da manhã aconteceram nos Rios, resgatando memórias da espiritualidade dos povos da região e das experiências colhidas no caminho missionário percorrido no dia anterior, nas visitas às muitas realidades eclesiais e sociais de Rondônia. A oração foi alentada pela promessa do Êxodo: “*Decidi vos libertar (...) vos farei subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel*” (Ex 3,8). Em cada canoa, os relatos iam revelando uma Igreja preocupada com a justiça social e com a defesa da vida nos testemunhos de gente simples em todos aqueles lugares visitados. Esses relatos aqueceram nosso coração e nos desafiaram a perseverar na caminhada das CEBs.

16. À tarde, fomos tocados por vários testemunhos. Em primeiro lugar, pela sentida oração dos xerentes do Tocantins, que celebraram seu ritual pelos mortos, homenageando o amigo e missionário Pe. Gunter Kroemer. Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba, retomou em sua história a trajetória dos negros no Brasil, suas dores, resistências e esperanças de um mundo melhor, nos seus quilombos da liberdade. Por fim, depois da apresentação de dom Tomás Balduino, em que ressaltou o papel de dom Pedro Casaldáliga, da Prelazia de São Félix do Araguaia, na fundação, junto com outros, do Cimi, da CPT e de pastorais sociais, acompanhamos pelo vídeo seu testemunho e nos emocionamos com suas palavras de esperança e confiança em Jesus e na utopia do seu reinado.

17. Nesse dia, ocorreu ainda o encontro da Pastoral da Juventude de todo o Brasil e outro também muito significativo entre bispos, assessores e a Ampliada Nacional das CEBs. Momento fecundo do estreitamento de laços e abertura a novos passos em nossa caminhada, no qual foi expressa a alegria e alento trazidos pela presença significativa de tantos bispos. Desse encontro, os bispos presentes resolveram enviar sua palavra às comunidades:

Palavras dos bispos às CEBs

18. “Os 56 bispos participantes do Intereclesial, reunidos na sexta-feira à noite com os

assessores e os membros da Ampliada Nacional das CEBs, avaliaram muito positivamente o Intereclesial, destacando especialmente a seriedade e o empenho dos participantes no debate da temática do encontro, a espiritualidade expressa nas bonitas celebrações diárias nos “rios”, o clima sereno e fraterno e o grande envolvimento das comunidades das dioceses do Regional Noroeste da CNBB na organização e realização do encontro.

“A presença de 331 padres que participam do Intereclesial levou os bispos a exprimir o desejo de que, neste Ano Sacerdotal, todos os padres do Brasil renovem o compromisso de acompanhar as CEBs, empenhadas em testemunhar os valores do Reino como discípulas e missionárias.

“Constatando que, a partir da Conferência de Aparecida, as CEBs ganharam reconhecimento e novo alento em todo o continente, os bispos tiveram também palavras de apoio e incentivo para a continuação da caminhada das comunidades no Brasil, reforçadas pelo presidente da CNBB, dom Geraldo Lyrio Rocha.

“Diante da agressão continuada à Amazônia, juntamente com todos os participantes do encontro, manifestam sua preocupação com a construção da barragem de Santo Antônio e Jirau no rio Madeira, com os projetos de outras barragens no Xingu, Tapajós, Araguaia e noutros rios e com a continuada devastação da floresta pelo avanço da pecuária, das plantações de soja e cana e da extração ilegal de madeira.”

Nas diferenças, o mesmo Deus que nos convoca para a Justiça e a Paz

19. Na manhã do último dia, fomos guiados pelo texto do Apocalipse: “*O anjo mostrou para mim um rio de água viva (...). O rio brotava do trono de Deus e do cordeiro (...); de cada lado do rio estão plantadas árvores da vida (...) suas folhas servem para curar as nações*” (Ap 22,1-2). Bebemos no manancial da fé que nos une a todos e todas, na única família humana, como filhos e filhas da mesma Mãe Terra, a Pacha Mama dos povos andinos, a Terra sem Males dos povos guaranis, na busca, sonho e construção do reino de Deus anunciado por Jesus.

20. Juntos, representantes das religiões indígenas e dos cultos afro-brasileiros, de judeus,

cristãos ortodoxos, católicos e evangélicos, mulçumanos, de mulheres e homens de boa vontade e de todas as crenças, no diálogo e no respeito à diversidade da teia da vida, acolhemos os gritos da Amazônia e de todos os biomas e reafirmamos nossa solidariedade e compromisso com a justiça geradora da paz.

21. Caminhamos como povo de Deus que conquista a Terra Prometida e a torna espaço de fartura e fraternura, acolhendo todas as expressões da vida.

Nossos compromissos

22. Comprometemo-nos a fortalecer as lutas dos movimentos sociais populares: as dos povos indígenas pela demarcação e homologação de suas terras e pelo respeito por suas culturas; as dos afrodescendentes pelo reconhecimento e demarcação das terras quilombolas; as das mulheres por sua dignidade e igualdade e pelo avanço em suas articulações locais, nacionais e internacionais; as dos ribeirinhos pela legalização de suas posses; as dos atingidos pelas barragens pelo direito a terra equivalente, pela restituição de seus meios de sobrevivência perdidos e pela indenização por suas benfeitorias; as dos sem-terra, apoiando-os em suas ocupações e em sua e nossa luta pela reforma agrária, contra o latifúndio e os grileiros; as dos movimentos ecológicos contra a devastação da natureza, pela defesa das águas e dos animais.

23. Queremos defender e apoiar o movimento FLORESTANIA, no respeito à agrobiodiversidade e aos valores culturais, sociais e ambientais da Amazônia.

24. Assumimos também o compromisso de respaldar modelos econômicos alternativos na agricultura, na produção de energias limpas e ambientalmente amigáveis; de participar na luta sindical, reforçando a ação dos sindicatos do campo e da cidade, com suas associações e cooperativas e sua luta contra o desemprego, com especial atenção à juventude.

25. Convocamos a todos nós para o trabalho político de base, para a militância em movimentos sociais e em partidos ligados às lutas populares; para participar nas lutas por políticas públicas ligadas à educação, saúde, moradia, transporte, saneamento básico, emprego e reforma agrária e para tomar parte nos conselhos de

cidadania, nas pastorais sociais, no movimento pela não redução da maioria penal, no Grito dos Excluídos, nas iniciativas do 1º de Maio e das Semanas Sociais.

26. Comprometemo-nos ainda a fortalecer e multiplicar nossas comunidades eclesiais de base, criando comunidades eclesiais e ecológicas de base nos bairros das cidades e na zona rural e promovendo a educação ambiental em todos os espaços de nossa atuação; a intensificar a formação bíblica; a incentivar uma Igreja toda ela ministerial, com ministérios diversificados confiados a leigas e leigos, assumindo seu protagonismo como sujeitos privilegiados da missão; a fortalecer o diálogo ecumênico e inter-religioso, superando a intolerância religiosa e os preconceitos.

27. Queremos, a partir das CEBs, repensar a pastoral urbana como um dos grandes desafios eclesiais; assumir o testemunho e a memória dos nossos mártires e empenhar-nos na Missão Continental proposta pela 5ª Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, em Aparecida.

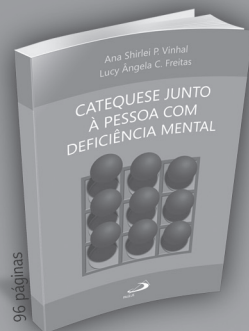
Rumo ao 13º Intereclesial no Ceará

28. Acompanhados pelas comunidades e famílias que nos receberam e pelas caravanas de todo o Regional, celebramos a eucaristia, presença sempre viva do Crucificado/Ressuscitado, comprometendo-nos com todos os crucificados de nossa sociedade e com suas lutas por libertação para construirmos outro mundo possível como testemunhas da páscoa do Senhor, acompanhados pela proteção e bênção da Mãe de Deus, celebrada no Círio de Nazaré e invocada na região amazônica com outros tantos nomes; no Brasil, com o título de Aparecida e, na nossa América, com o de Virgem de Guadalupe.

29. Escolhida a igreja do Crato, que vai acolher, nas terras do padim pe. Cícero, o 13º Intereclesial, reolocamos nos trilhos o trem das CEBs rumo ao Ceará, enviando a vocês, irmãos e irmãs das comunidades, nosso abraço fraterno e cheio de revigorada esperança.

AMÉM! AXÉ! AWÍRI! ALELUIA!

Iniciação à fé para todas as pessoas e em comunhão com a Igreja.



Catequese junto à pessoa com deficiência mental

Este livro teve participações enriquecedoras de amigos e catequistas que trataram da importância desse trabalho, que abrange uma caminhada de muitos anos de catequese junto às pessoas com deficiência.



Catequese e Liturgia Duas faces do mesmo mistério

Este livro mostra como a interação entre catequese e liturgia se dá, na teoria e na vivência diária, a partir dos costumes judaicos, origem e herança do cristianismo, até as práticas atuais, sobretudo no campo catequético.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Pe. José Luiz Gonzaga do Prado*

EPIFANIA DO SENHOR (3 de janeiro)

O MESSIAS SEM FRONTEIRAS

I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa de hoje celebra o episódio narrado no capítulo 2, versículos 1 a 12, do Evangelho segundo Mateus. Esse evangelho veio de uma comunidade de cristãos judeus. Quer mostrar antes de tudo que, enquanto o poder político e religioso judaico ficou alarmado com a chegada de Jesus, os de fora, os de longe, os descrentes vêm fazer-lhe a mais sincera homenagem. Ele não é propriedade de um povo; veio para todos. Ainda hoje, quantas vezes quem não frequenta nossas igrejas nos dá lições práticas de verdadeiro cristianismo! Na eucaristia celebramos Jesus, que se entrega em favor de todos para que todos participem como irmãos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Is 60,1-6)

Neste poema do livro de Isaías, o poeta celebra a sonhada volta dos que, um dia, foram levados cativos e, agora, retornam à pátria.

Jerusalém fica no alto de um morro. Quando o dia amanhece, a cidade recebe os primeiros raios do sol, enquanto em volta, nos vales que descem para as planícies, está tudo escuro. Em seguida, parece que a luz refletida pela cidade vai clareando pouco a pouco toda a região que estava em trevas.

O espetáculo da natureza transforma-se em símbolo. Jerusalém, iluminada pelo sol que é a glória de Deus, projeta a luz e se torna centro de atração para todas as nações. E, agora, os que tinham sido levados como cativos e posteriormente se espalharam pelo mundo estão chegando

a Jerusalém, vindos das mais distantes nações, celebrando a festa da volta para casa.

Saíram de mãos e pés acorrentados, mas não voltam de mãos vazias: trazem para Jerusalém as riquezas das nações. Como, segundo a tradição, a rainha de Sabá foi a Jerusalém conhecer a famosa sabedoria de Salomão, eles vêm de Sabá trazendo ouro e incenso para anunciar a boa-nova das proezas de Javé.

Tudo conflui para Jerusalém e de lá vem a luz que ilumina as nações. Ela é o centro de atração e, ao mesmo tempo, está voltada para fora: “as nações caminham à tua luz, os reis, ao brilho do teu esplendor”.

Está aberto o caminho para entender o significado mais profundo da festa de hoje.

Salmo 71(72),1-2.7-8.10-13

O salmo que cantamos logo em seguida faz eco ao texto de Isaías. Fala de um esperado ou desejado rei justo que haverá de fazer justiça aos pobres. A ele os reis das nações se submetem.

2ª leitura (Ef 3,2-3a.5-6)

Nesta leitura encontramos também o principal significado da festa de hoje: Deus chama todas as nações à salvação que vem por meio de Jesus Cristo. Isso é chamado de mistério.

Mistério aqui não significa algo secreto, escondido ou ininteligível; mistério é um plano de Deus só agora revelado. Se ficou oculto às gerações anteriores, especialmente ao judaísmo, que se considerava o único povo chamado à salvação, sempre esteve presente no pensamento de Deus.

* É mestre em Teologia, pela Universidade Gregoriana – Roma e mestre em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Exerce seu ministério como pároco em Nova Resende, diocese de Guaxupé - MG.

A festa de hoje vem exatamente fazer conhecido esse projeto de Deus de chamar todos à salvação. É o mistério do Cristo, o plano divino que se realiza no Ungido, Messias ou Cristo Jesus, não um “salvador da pátria”, mas “o Salvador do mundo”.

Evangelho (Mt 2,1-12)

O episódio que vamos ouvir no evangelho é o motivo da festa de hoje. Pensemos no seu significado: os de casa tinham a Bíblia para entender quem era Jesus, mas ficam apavorados. Os de longe vêm prestar-lhe a mais sincera homenagem, vêm adorá-lo.

Na história do povo hebreu narrada na Bíblia, os profetas têm muitas vezes a missão de dizer às autoridades que o pensamento de Deus é diferente do que estão planejando ou fazendo. No ambiente gentio, especialmente na época em que foi escrito este evangelho, os magos é que sempre questionam os reis, as autoridades. Na observação dos astros ou da natureza, eles descobrem mensagens que criticam e condenam os poderosos, que mostram a estes rumos diferentes e, evidentemente, não são de seu agrado.

Os magos vêm do Oriente, do mundo gentio, não são judeus, não têm a Bíblia nem conhecem os profetas. Uma estrela diferente que viram no céu lhes diz que nasceu o esperado rei dos judeus. A notícia não vai agradar a Herodes, que, mais de 30 anos atrás, havia obtido do imperador Augusto o direito de se chamar Rei dos Judeus e, desde então, vinha governando a Palestina toda (Judeia, Samaria e Galileia) com mão de ferro.

Herodes não tem profetas. Tem os sumos sacerdotes e os escribas de Jerusalém, os responsáveis pela religião judaica estabelecida e acomodada, que nada quer de novo. Com Herodes, Jerusalém em peso fica alarmada com a notícia do nascimento do esperado rei dos judeus. O poder civil e o religioso estavam bem casados, inteiramente comprometidos um com o outro e apenas não queriam ser incomodados.

E eles tinham a Lei e os Profetas, ou seja, a Bíblia. Ali souberam encontrar a passagem de Miqueias a respeito de um humilde pastor, nascido na pobre aldeia de Belém, que seria o governante de todo o seu povo. Miqueias pensava, sem dúvida, em Davi, mas aqui sua palavra fala do Messias, do esperado rei dos judeus. Herodes e seus comparsas tinham certeza de que o Messias deveria nascer em Belém e enviam os magos para lá. Mas a notícia desse nascimento os apavora. A chegada do esperado causa desespero nos que detêm o poder político (Herodes) e dominam a

religião (sumos sacerdotes) e o conhecimento bíblico (escribas).

A estrela que os magos tinham visto na sua terra agora aparece novamente. Guiados pela estrela, eles seguem de Jerusalém até Belém, aldeia de origem do rei humilde. O menino está em casa, não num estábulo, onde é o nascimento de Jesus segundo Lucas. Aqui o interesse não é tanto mostrar a pobreza de Jesus, e sim que ele é um messias sem fronteiras, um salvador para a humanidade inteira.

No Evangelho segundo Mateus, a casa é frequentemente símbolo da comunidade dos discípulos. Na casa, junto à sua mãe, Maria, Jesus é encontrado pelos magos, figuras dos gentios, os estranhos à nação, à religião e à lei judaica. Eles prestam a sua homenagem a Jesus, adoram-no e oferecem presentes àquele cujo nascimento apavorou os dirigentes do povo que detinham as esperanças nas promessas de Deus.

Alguns estudiosos quiseram ver no ouro não o metal precioso, mas uma resina amarela, “resina áurea”. Outros já dizem que o ouro não era privilégio dos reis, pois não era tão caro e raro como é hoje. Para o evangelista, talvez valha mais o significado de aqui estarem se realizando as palavras da 1ª leitura: “vêm trazendo ouro e incenso”.

Mestres dos primeiros séculos da Igreja, os Santos Padres viram na mirra o significado de morte, mortalidade – portanto, da humanidade de Jesus. Para o evangelista, porém, a mirra quer lembrar o seu uso nos textos bíblicos. Ligada sempre a um contexto nupcial, é o perfume da esposa.¹ Jesus vem renovar a aliança, o casamento de Deus com a humanidade.

Os magos não voltam a Herodes, não lhe devem qualquer satisfação. Orientados por Deus, retornam diretamente para a sua terra.

Este episódio do evangelho nasceu e se desenvolveu na comunidade cristã de Jerusalém, que, por ocasião da revolta judaica e da tomada do poder pelos revoltosos, saiu da cidade. O bom senso aconselhava a não entrar na loucura do enfrentamento direto com o império romano. Por isso, esses cristãos judeus saíram da cidade e até mesmo da Palestina. Mais tarde, os fariseus também vão sair de Jerusalém. Agora eles pretendem que todo judeu se torne fariseu. Assim, tornam-se os principais adversários dessa comunidade de judeus cristãos. Jesus, ameaça ao poder civil e religioso de Jerusalém e ameaçado

Nota:

1. Sl 45(44),9; Ct 3,6; 4,14; 5,1; 5,13; Eclo 24,15.

por ele, é figura do cristianismo nascente que nos deu este evangelho.

A comunidade do Evangelho segundo Mateus, além disso, vê que muitos não judeus aceitam bem a mensagem de Jesus e tornam-se discípulos com maior facilidade do que os chefes fariseus e os líderes da revolta que tomaram o poder em Jerusalém. Os magos são figura dos que, mesmo sem um conhecimento prévio da Bíblia, vêm à procura de Jesus e nele creem. O evangelho vê em Jesus um pouco da vida e da história daquela comunidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ver Jesus em nossa vida, em nossa história. O espelho que serviu para as primeiras comunidades deve servir para nós hoje. Ver em Jesus a nossa vida, a nossa história.

Ser capaz de reconhecer no diferente alguém melhor. Conscientizar-se, na prática, de que não somos donos de Jesus nem da verdade. Ter mente e coração abertos para quem procura Jesus com maior sinceridade e honestidade do que nós, que pensamos já o ter encontrado. Saber aprender de quem, a nosso ver, nada sabe.

Reconhecer que nossa fé deve ser uma ameaça (“comungar é tornar-se um perigo”) para os Herodes de hoje e deve saber-se também ameaçada pela lei do mais forte, que governa o nosso mundo. Reconhecer que o salvador Jesus não combina com a salvação que vem do poder, do dinheiro, do consumismo. “Que acordo pode haver entre Cristo e Belial?” (2Cor 6,15).

Ser uma luz, uma esperança para a humanidade. Que as nações todas possam encontrar em nós, na nossa maneira de viver em comunidades, uma luz, um caminho para sair de suas constantes crises.

O BATISMO DO SENHOR (10 de janeiro)

INAUGURAÇÃO DE UM NOVO TEMPO

I. INTRODUÇÃO GERAL

O batismo de Jesus é o ponto inicial do evangelho e dos evangelhos. A palavra grega *evangelho* significa boa notícia. Daí veio o título dado aos quatro livros que nos apresentam as diferentes faces de Jesus. É o ponto inicial dos evangelhos porque foi por aí que começou o Evangelho segundo Marcos, o primeiro dos quatro, dando a entender que a pregação do Batista era o “começo da boa notícia do Messias Jesus”.

É o ponto inicial do evangelho porque a “boa notícia do Messias Jesus” ou “do reinado de Deus” tem início ou começa a se divulgar a partir do momento em que Jesus se faz discípulo do Batista. Se, no contexto do império romano, *evangelho* era a “boa” notícia da chegada do imperador ou do reinado de Roma a determinado lugar, agora significa a boa notícia da chegada de Jesus e do reinado de Deus.

Hoje sofremos com o reinado do dinheiro e da competição. Ai dos vencidos, dos incompetentes. Até a natureza vai sendo arrasada pela cobiça. O reinado de Deus é boa notícia porque é diferente, é outra coisa, aponta em outra direção. É o reinado da vida, da alegria de servir e dar a vida em favor de todos; é o reinado da mesa universal de irmãos, a qual celebramos na eucaristia.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Is 42,1-4.6-7)

No episódio do batismo de Jesus, a descida do Espírito Santo e a voz do céu lembram este poema do livro de Isaías. Isso quer dizer que Jesus veio realizar plenamente o que vamos ouvir na 1ª leitura.

É o primeiro de quatro poemas que se encontram na segunda parte do livro de Isaías e cantam um servo do SENHOR que, com sua maneira de agir, une o povo de Deus e se torna luz para todas as nações. Ele é humilhado, massacrado, mas vence pela resistência. Ao final, no quarto poema, seus opressores reconhecem que ele estava certo e eles errados. (Esses poemas ou cânticos podem ser encontrados em Is 42,1-7; Is 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12.)

O texto de hoje é o poema que anuncia a vocação do Servo do SENHOR. Ele é o escolhido, o querido, alegria do coração de Deus. O SENHOR faz descer sobre ele o seu espírito para que ele leve o direito a todas as nações, a partir da sua terra, o país de Judá, até as ilhas ou continentes mais distantes.

Sua maneira de agir é coerente com sua mensagem; para ele, o método é o conteúdo. “Não grita, não levanta a voz, lá fora, na rua, ninguém escuta o que ele está dizendo”. Não oprime o mais fraco, “não quebra o ramo já machucado nem apaga o pavio já fraco de chama. Fielmente promoverá o que é de direito, sem amolecer e sem oprimir”.

O SENHOR o encarregou de promover a união, a aliança do seu povo, e ser luz para as nações (v. 6).

Os outros poemas vão dizer que ele é fiel a Deus, todo dia e o dia todo atento à sua palavra. Que encara a violência sem fazer violência, é coerente e tem a certeza de que, nas piores situações, Deus está do seu lado. Ele sofre, sofre terrivelmente, mas resiste, não se deixa abater, não perde a coragem nem desiste de sua missão. Por fim, os opressores, os mesmos que o fizeram sofrer e o consideravam o lixo da sociedade, reconhecem que ele estava certo e eles errados. Esse é o projeto de Deus.

O quarto poema ainda diz que, pelo caminho da coerência e da resistência, o Servo Sofredor, perseguido por ser justo, há de fazer que as multidões se tornem justas. Ninguém como Jesus preenche essas palavras.

Salmo 28(29),1-4.9-10

O salmo canta a grandeza de Deus na tempestade. Aqui celebra sua manifestação no Batismo de Jesus.

2ª leitura (At 10,34-38)

A leitura resume as primeiras pregações dos apóstolos. A trajetória missionária de Jesus começa quando, companheiro dos pobres e dos pecadores, ele se faz batizar por João. O batismo de João não é só o início dos livros dos evangelhos, mas também marca o começo da chamada “vida pública” de Jesus, o evangelho, a boa notícia do reinado de Deus.

O livro dos Atos dos Apóstolos faz de Pedro o primeiro a levar a boa notícia de Jesus como Messias aos que não eram do povo judeu. Pedro está na casa de Cornélio, um oficial do exército romano na Judeia. Beneficiado por uma intervenção especial de Deus, que, por meio de uma visão, o orientou a procurar Pedro, Cornélio tinha mandado pedir que o apóstolo viesse à sua casa. Ele e seus dependentes estão prontos para ouvir a mensagem do evangelho.

Pedro fala: o começo de tudo foi o batismo de João. A partir daí, ungido por Deus com o Espírito Santo, Jesus passou fazendo o bem a todos os sofreadores (todos os sofrimentos eram então atribuídos ao diabo, o inimigo do reinado de Deus). Deus estava com ele. O início do evangelho, a verdadeira boa notícia, foi o batismo de João.

Evangelho (Lc 3,15-16. 21-22)

O evangelho nos diz que Jesus começou por baixo, fazendo-se discípulo de João.

A versão do Evangelho segundo Lucas, que lemos ou ouvimos hoje, começa com uma alusão

ao batismo de toda a gente. Jesus se fez batizar como tantos que iam a João, reconhecendo seus pecados e tornando-se seus discípulos. O entrar e sair da água significava o começo de uma vida nova. Na água eram sepultados os pecados do passado e o subir do rio significava o começo de nova vida como discípulo do Batista.

Segundo Marcos e Mateus, também Jesus vem à procura do batismo de João; como diz uma oração do *Ritual do Batismo*, vem “solidário com os pobres e pecadores”. Até então, é apenas mais um que se faz batizar por João. Quando Jesus sobe do rio, porém, ocorrem outros acontecimentos significativos.

Lucas, como é do seu feitio, mostra Jesus em oração. Todos estavam se apresentando ao batismo. Depois de batizado, Jesus se põe a orar, momento em que os céus se abrem.

Zacarias era considerado o último profeta; depois dele teria se encerrado a profecia. Deus não falava mais, o céu estava fechado. O que se podia fazer, então, era apenas seguir o que diziam aqueles que conheciam a Lei de Deus e a explicavam – os escribas ou mestres da Lei de Deus. Tudo estava previsto, nada de novo podia ou devia acontecer.

Agora o céu se abre novamente, o que significa que Deus volta a falar. Jesus é o missionário do Pai, aquele que vem trazer novas revelações de Deus. Ele é um novo profeta, uma fala nova de Deus; traz na sua pessoa a mensagem de Deus para hoje, um recado diferente, novo e atual. Chega de submissão cega aos que se apoderaram da palavra de Deus! Deus abre a boca novamente: de agora em diante, vai falar por meio de Jesus.

Abrindo-se o céu, o Espírito, segundo Marcos, o Espírito de Deus, segundo Mateus, o Espírito Santo, segundo Lucas, desce sobre Jesus. É o Espírito que falou pelos profetas, que ungiu os profetas.

Nesse mesmo Evangelho de Lucas, em sua homilia programática na sinagoga de Nazaré, Jesus vai aplicar a si o texto de Isaías: “O Espírito do Senhor está em mim, ele me ungiu para eu anunciar a boa-nova...”. Se Deus agora fala, Jesus é o seu profeta, animado pelo seu Espírito.

Lucas diz que o Espírito Santo desceu “em forma corporal de pomba”. Na história de Noé, a pomba que volta à arca com um ramo de oliveira no bico é sinal de paz, de que o dilúvio terminou e novamente a vida é possível na terra. Na tradição judaica, porém, a pomba é também símbolo da *shekiná*, a morada, a presença de Deus. É, sem dúvida, o que ela aqui significa. Reforça a ideia do Espírito de Deus que desce sobre Jesus.

Com a descida do Espírito, a voz vinda do céu: “Tu és o meu Filho amado, em ti está a minha alegria” acentua mais ainda a ligação do episódio com o texto do livro de Isaías lido na 1ª leitura. Ali se diz: “É o meu escolhido, alegria do meu coração, eu pus nele o meu espírito, ele vai levar o direito às nações”. Tudo aponta para Jesus como aquele Servo de Javé ou do SENHOR de cuja vocação e missão falam os quatro poemas.

O primeiro poema, 1ª leitura de hoje, já diz praticamente tudo; como já comentamos, fala da vocação, da missão e da maneira de agir do Servo. Sua missão é dupla: unir o povo de Deus e iluminar todas as nações, implantar o direito no país de modo que as ilhas distantes aguardem suas instruções. Tudo isso está sendo dito agora de Jesus no evangelho.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A missão de Jesus é agora nossa missão: levar ao mundo a boa notícia de Deus, não dos impérios deste mundo. A palavra portuguesa *alvis-saras*, que os dicionários relacionam a “notícia alegre”, vem do árabe, língua irmã do hebraico. A palavra correspondente a ela no hebraico foi traduzida por *evangelho*, *boa-nova*.

A nossa pregação é, como a de Jesus, uma notícia alegre, que traz entusiasmo, coragem, esperança? O que chamamos de evangelização não se parece mais com simples doutrinação ou domesticação? Não se aproxima às vezes de uma “ciência inútil”, da transmissão de um conhecimento folclórico ou arqueológico sem qualquer peso na vida cotidiana? Ou consiste em passar informações sobre um ritualismo vazio e sem sentido?

A notícia de um salvador humilde e sofrido será que empolga? Até que ponto e para quem Jesus pode ser uma boa notícia? A coerência de quem “não apaga o pavio já fraco de chama nem quebra o ramo já machucado” encontra espaço na nossa cabeça? Isso pode ser boa notícia? Hoje?

O nosso batismo, os nossos batismos, serão início de boas notícias iguais a essas?

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM (17 de janeiro)

NOVA ALIANÇA, NOVO CASAMENTO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A partir de Oseias, as relações entre Deus e seu povo passaram a ser vistas no Primeiro Testamento

como um casamento em que Deus é o esposo e o povo a esposa. As infidelidades da esposa não conseguem terminar com o amor do esposo.

A aliança do Sinai, constitutiva do povo do Primeiro Testamento, ganha, então, o caráter de um matrimônio. O período do deserto é o namoro e o noivado e, “no terceiro dia” (Ex 19,15-16), se realiza o casamento, a aliança.

A 1ª leitura, retomando a metáfora do casamento, sugere como devemos entender o significado do evangelho hoje. Foi na “sua hora”, hora da morte, que Jesus realizou o novo casamento, a nova aliança não de mandamentos escritos na pedra, mas da lei do amor instaurada dentro de cada um (Jr 31,33).

A nova lei não é feita de leis pétreas que devem ser observadas cegamente e podem virar rotina ou ritualismo vazio. A nova lei é uma força interior, como um vinho que embriaga e leva à ousadia do amor. A nova lei não é manter-se dentro dos trilhos dos mandamentos e rituais, mas deixar-se guiar pelo mandamento único, o amor celebrado na eucaristia.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Is 62,1-15)

A terceira parte do livro de Isaías ou Terceiro Isaías (capítulos 56-66) é do período da volta do cativo da Babilônia. A época foi de grandes desencontros, de grandes decepções e também de grandes esperanças. No capítulo que hoje lemos, o autor dá vazão a toda sua veia poética para falar da esperança.

A cidade, Jerusalém ou Sião, significa o povo, a nação, menos que o lugar. A volta do cativo é a justiça que Deus lhe faz, a vitória, o triunfo. Agora ela terá um novo nome pronunciado por Javé e, quando o SENHOR o pronuncia, faz-se nova realidade, o povo sofrido torna-se uma joia nas mãos de Deus.

Jerusalém ainda estava em ruínas e sem moradores; agora, porém, é como a mulher abandonada que se casa novamente. Javé é apaixonado por ela, que já não é uma mulher sem nome, mas uma senhora. E o poema segue falando da esperança de restauração com a metáfora do casamento: Javé, o SENHOR, é o esposo apaixonado e a nação, a cidade, é a esposa.

A consequência é que a nação já não vai plantar trigo para alimentar os inimigos nem cultivar uvas para estranhos tomarem o vinho. Está chegando o momento, é preciso organizar o povo e abrir os caminhos.

E, apontando para o significado do evangelho de hoje, o poema termina retomando a metáfora do casamento: “Serás chamada ‘Querida’, ‘Cidade Não Abandonada’”.

Salmo 95(96),1-3.7-10

O salmo convida as nações a cantar o louvor de Deus, que dá vitória ao seu povo.

2ª leitura (1Cor 12,4-11)

As segundas leituras nos domingos do tempo comum não foram escolhidas, como as primeiras, em função dos evangelhos, mas propõem uma leitura contínua de textos de Paulo ou de outros escritos do Novo Testamento.

O capítulo 12 da primeira carta aos Coríntios, que continuará no domingo próximo, aborda a questão do movimento carismático na comunidade de Corinto. No trecho de hoje, destaca principalmente a unidade na diversidade, para o bem comum.

Corrigindo prováveis desvios dentro do movimento, Paulo lembra inicialmente o envolvimento da Santíssima Trindade na dinâmica dos dons. Quem distribui os dons é o Espírito Santo; quem organiza a comunidade, atribuindo as tarefas ou ministérios, é Jesus, o Senhor; quem faz tudo funcionar, dando forças para a ação, é o Pai.

Depois insiste em que tudo deve convergir para o bem da comunidade e não servir para o espírito de competição e para a exaltação ou vaidade pessoal de uns ou de outros. E, para o bem da comunidade, tudo deve ser feito em ordem: se a um é dada a profecia, a outro deve ser dado o discernimento dos espíritos; se há o falar em línguas, haja o dom de interpretá-las, e assim por diante.

Evangelho (Jo 2,1-11)

A 1ª leitura apontou o significado maior do que vamos ouvir no evangelho. Como a água que se muda em vinho, a primeira aliança, representada pela mãe de Jesus, transforma-se em nova aliança, a dos discípulos de Jesus.

Os detalhes difíceis de explicar como históricos são indícios de que o relato tem sentido figurado. “No terceiro dia”: dois dias antes, Jesus estava onde João batizava, a mais de 150 quilômetros da Galileia. “A mãe de Jesus estava lá; Jesus, com os discípulos, é convidado”: além de chamar sua mãe de mulher, como se fosse a esposa, Jesus quer distância dela e alude à sua

Conhecer Jesus é assunto para todas as idades!



128 páginas
120 páginas
160 páginas
Imagens meramente ilustrativas.
Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

1 Iniciação cristã de adultos hoje

Este livro do padre Busch é resultado não só de pesquisas teóricas, mas, principalmente, da prática pastoral vivenciada na pastoral urbana.

2 Encontros para uma catequese com adultos

A equipe de catequese do Regional Sul 1-CNBB preparou 17 temas voltados para a catequese com adultos, expostos na presente obra.

3 Catequese com adultos e catecumenato

Conhecido pela sua dedicação à catequese, o autor apresenta na obra os elementos básicos do catecumenato ao longo da história.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



hora, a hora da cruz. E mais: a mãe de Jesus dá ordem aos que servem! Talhas de pedra, destinadas às abluções rituais, em número de seis, depositadas vazias numa casa particular! Os convidados (quantos?), já meio embriagados, terão mais seiscentos litros de vinho! O responsável pelo serviço da mesa chama o noivo para cobrar dele por que deixou o vinho melhor para o fim! É o princípio (não o primeiro) dos sinais (não milagres) de Jesus.

Tentar justificar historicamente cada detalhe desses seria o mesmo que se empolgar com o pacote, sem se importar com o conteúdo. Ou, ao ver uma placa na estrada, examinar o modelo das letras ou se a placa é de latão, de madeira, de alumínio... O que interessa é o conteúdo, é ver os rumos que a placa indica. O Evangelho segundo João só fala em sinais de Jesus, nunca em milagres. E nele Jesus diz: “Vocês me procuram não porque viram sinais, mas porque puderam comer e matar a fome!”

É preciso ver os sinais, o significado das figuras, o espírito. “A carne para nada serve” (Jo 6,63). É o que vamos procurar ver agora.

“Terceiro dia” lembra o dia da aliança do Sinai (Ex 19,16). A palavra Caná, nas duas formas com que se pode escrevê-la em hebraico, significa conquistar, adquirir (frequentemente, “adquirir esposa”, casar) ou ciúme. Cananeus são os homens do comércio, e Deus é chamado também de “El Caná”, Deus ciumento.

O evangelista não fala em Maria. “Mãe de Jesus” aí não é apenas ela, mas toda a parte fiel da primeira aliança, de onde veio Jesus. Ela estava lá porque representa a esposa fiel desse primeiro casamento entre Deus e o povo. Os discípulos de Jesus nem todos são filhos desse primeiro casamento, há alguns que não são judeus; por isso, com Jesus, são convidados.

A esposa fiel da primeira aliança, a “mãe de Jesus”, será também esposa da nova aliança. Jesus é o esposo e por isso a chama de “mulher” aqui, como vai chamá-la de mulher na sua hora, na cruz. Jesus está apenas começando; é preciso manter certa distância da religião antiga, para que o caminho fique aberto para todos. Só na “hora”, na cruz, ele vai pedir que a mãe e o discípulo, os da primeira e os da segunda aliança, se acolham uns aos outros.

“Os que estão servindo” são fiéis, a mãe de Jesus pode lhes dar ordens. As seis talhas: sete é o número da plenitude; “seis” indica que está faltando alguma coisa. As talhas são de pedra, como os mandamentos da primeira aliança foram escritos na pedra. No tempo de Jesus, po-

rém, foram transformados em ritualismo vazio, em rituais de purificação que nada purificam.

Enchendo as talhas até em cima (como encontrar 600 litros de água numa região tão ou mais seca do que o semi-árido nordestino não interessa), aquela água se transforma em vinho. A primeira aliança, levada à plenitude, passa a ser nova. A água se transforma em vinho que aquece e embriaga, dá força interior e ousadia para viver a nova lei, o amor.

Os chefes atuais da religião antiga, reduzida à observância de cerimônias sem valor, não entendem, não sabem como isso pode ter acontecido; “os que servem”, os que obedecem à “mãe de Jesus”, estes, sim, sabem de onde veio aquele vinho tão bom.

Quando o chefe do serviço convoca o noivo para chamar-lhe a atenção sobre a distribuição do vinho, o evangelista só falta dizer que o noivo é Jesus e que os chefes do judaísmo de então não o entenderam, não viram que Jesus trazia o vinho melhor, a lei interior, a capacidade de amar como ele amou, único mandamento da nova aliança.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nós nos perguntamos por que tantas pessoas que passam a outra religião se empolgam tanto e se tornam entusiastas de sua nova prática religiosa. E por que tantos preferem ficar sem religião? Será que o nosso vinho acabou? Será que tudo não caiu na rotina? Não se tornou ritual vazio de sentido, como as purificações dos judeus do tempo de Jesus? Será que muitos dos que deveriam estar soprando as brasas e atiçando o fogo não se tornaram simples funcionários do sagrado, cumpridores corretos de suas obrigações, para justificar o que recebem? Será proibido criar, tomar iniciativa?

Conhecemos bem a frase de Jesus: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”. Criticamos os fariseus pelos seus 613 mandamentos; mas será que não fizemos dos 1.752 cânones do nosso Código uma lei mais pétrea do que a do amor ao próximo?

Quem poderá fazer o papel da mãe de Jesus para provocar a transformação dessa água em vinho? A “hora” de Jesus já se foi. Será preciso que ele venha a morrer de novo para que seus discípulos recobrem ânimo, entusiasmo? Ou ele não continua entregando a própria vida para nos comunicar aquele “primeiro amor”? Ou nem sabemos onde, quando e como ele se entrega novamente?

I. INTRODUÇÃO GERAL

A homilia de Jesus na sinagoga de Nazaré, primeiro ato da sua “vida pública” no Evangelho segundo Lucas, está resumida em três palavras: “Hoje a Palavra se realiza”. A Bíblia não é um museu nem um repertório de antiguidades. Ela fala hoje e deve realizar-se hoje.

Na leitura pública da Lei de Deus após a volta do exílio, o povo fica atento desde a manhã até o meio-dia; por fim todos se põem a chorar, pois entenderam que o que foi lido falava de sua vida, de sua história e do momento que viviam.

A Bíblia é escrita não para dar informações frias e objetivas ou para deixar documentos para museu ou para arqueólogos, e sim para formar segundo a justiça (2Tm 3,16). Seu objetivo não é satisfazer a curiosidade dos historiadores, mas reforçar a fé e a prática dos discípulos. Existe para hoje, não para o passado. É como a eucaristia, que faz memória, se realiza e provoca.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Ne 8,2-4a.5-6.8-10)

O texto narra uma leitura pública da Lei de Deus. O povo voltou do cativo e a vida recomeça na terra de Judá. Novo começo exige renovação da aliança e, portanto, uma leitura solene e oficial da Lei do Senhor.

O povo todo se reúne como uma só pessoa. Mesmo os que não tinham sido levados para o exílio ou seus filhos, todos se consideram repatriados, em busca de – à luz da palavra de Deus – retomar a vida na terra que Deus lhes dera.

O leitor é o sacerdote e escriba Esdras. A experiência do exílio, longe do templo, então destruído, fez que a palavra de Deus se tornasse mais importante do que o culto. A leitura é solene e há tradução ou explicação para todos os que falavam o aramaico e já não entendiam tão bem o hebraico.

Ao final, o povo chora. O que foi lido falou de sua vida, dos últimos acontecimentos, de seus erros, de seus sofrimentos e das novas esperan-

ças que agora eles viviam; tudo estava ali nos textos bíblicos que acabavam de ouvir. Por isso, choraram. Entretanto, voltam para casa felizes e reanimados, pois agora têm a luz da palavra de Deus para iluminar suas vidas.

Salmo 18(19),8-10.15

Cantamos no salmo a palavra de Deus, Lei do Senhor. Sua prática se chama “Temor do Senhor”.

2ª leitura (1Cor 12,12-30)

Continuamos lendo o capítulo 12 da primeira carta aos Coríntios. Paulo já havia insistido em que as diferenças de dons, ministérios e atividades não significam desigualdade, porque tudo deve colaborar para o bem comum.

Talvez alguns ainda não entendam bem o que isso significa e se prendam mais às diferenças, o que leva ao espírito de competição. Paulo usa, então, a comparação do corpo.

Não há ciúme nem espírito de competição entre os diferentes órgãos e membros do nosso corpo. Assim também invejas, ciúmes, vaidades e espírito de competição nunca podem fazer parte da vida cristã.

Evangelho (Lc 1,1-4; 4,14-21)

A terceira leitura de hoje une dois trechos do Evangelho segundo Lucas: a introdução, onde ele conta como escreveu o evangelho, depois a leitura da Bíblia em Nazaré e a homilia de Jesus, que declara o objetivo de sua missão.

A Pontifícia Comissão Bíblica publicou, em abril de 1993, um documento sobre a interpretação da Bíblia na Igreja católica. Ali se diz que um dos maiores erros da leitura fundamentalista ou literal da Bíblia é confundir, no caso dos evangelhos, a última etapa – ou seja, os evangelhos como os temos hoje – com a primeira etapa, os fatos e palavras de Jesus que deram origem aos evangelhos. É o grande erro achar que os evangelhos contam tudo exatamente como aconteceu.

Na introdução ao Evangelho segundo Lucas, podemos encontrar estas quatro etapas da formação dos evangelhos: 1. os acontecimentos; 2. as pregações dos apóstolos e discípulos de Jesus; 3. vários escritos menores; 4. os evangelhos atuais, como estão na Bíblia. Podemos observar: “Muitos tentaram escrever (3ª etapa) a história dos fatos (1ª etapa) assim como nos transmiti-

ram (...) testemunhas oculares (...) ministros da Palavra (...) (2ª etapa) decidi também eu redigir (...) um relato ordenado” (4ª etapa).

O objetivo do evangelho é “para que conheças a solidez do ensinamento que recebeste”. É dar firmeza à fé do Teófilo, quer dizer, do amigo de Deus que cada um de nós pretende ser.

O segundo trecho descreve uma leitura pública da Escritura que, num sábado, Jesus faz durante a celebração da Palavra na comunidade de Nazaré, sua terra. Jesus lê e explica: “Essa passagem da Escritura se realiza hoje, aqui!” A reação é de espanto e, depois, de indignação. As pessoas começam se perguntando se ele não é o conhecido “filho de José” e terminam querendo jogá-lo no precipício. Mas, “passando pelo meio deles, ele seguiu seu caminho”.

Qual é a palavra da Escritura que Jesus aplica a si mesmo? É o programa de seu ano missionário segundo Lucas. O evangelista une duas passagens de Isaías: uma do capítulo 61,1-2 (“O Espírito do SENHOR está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção para anunciar a boa-nova aos pobres, enviou-me para anunciar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista”) e outra do capítulo 58,6 (“para dar liberdade aos oprimidos”), voltando por fim a 61,2 (“e proclamar o ano de graça da parte do SENHOR”).

Certa vez alguém me perguntou: “Por que a Bíblia fala tanto em ‘evangelizar os pobres’ e não os ricos, que parecem estar mais distantes de Deus e da fé?” A missão de Jesus, resumida nessa citação de Isaías, é exatamente evangelizar, ou seja, levar boa notícia (é o que significa a palavra evangelizar) aos pobres, proclamar o ano da graça ou do agrado de Deus, o jubileu. Nesse ano, segundo Levítico 25,10, quem está preso por causa de dívida recupera a liberdade, quem devia tem suas dívidas perdoadas, quem perdeu suas terras, seu meio de vida, volta para a antiga propriedade. Isso não é boa notícia para os pobres? Para os ricos talvez não seja tão boa... Mas é a missão de Jesus.

É o programa de Jesus no Evangelho segundo Lucas: “Hoje essa palavra se realiza”. A preocupação com os pobres percorre todo o Evangelho de Lucas. Jesus não nasce num berço de ouro; seu berço é o cocho de um estábulo. Seu nascimento é anunciado aos pastores, gente pobre e temida, como os ciganos e os sem-terra de hoje. “Hoje nasceu para vós um salvador”: salvador dos pobres, ele será reconhecido na pobreza do berço. As viúvas

pobres estão presentes neste evangelho bem mais do que nos outros. As parábolas próprias de Lucas falam do homem sem nome, roubado e caído à beira do caminho; falam dos pobres forçados a entrar para a festa do rei; falam do pobre Lázaro caído à porta do banquete diário do rico e do abismo que os separa aqui e na eternidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As comunidades que nos deram esse evangelho eram, em sua maioria, pobres, mas preocupadas com outras mais pobres. Quando se resolveu o problema com as comunidades da Judeia, ficou combinado que os cristãos gentios não se esqueceriam dos judeus pobres (Gl 2,10). As comunidades da Macedônia (Filipos, Tessalônica), apesar de sua profunda pobreza, participaram de uma campanha em favor deles (2Cor 8,1-2). Vinte anos depois de Jesus, em Corinto, a grande maioria era de pobres, sem nome e sem estudo (1Cor 1,26), mas a minoria rica os humilhava até na celebração da Ceia do Senhor (1Cor 11,17-34).

Quando as autoridades da Igreja pareciam ter-se esquecido dos pobres e da pobreza, permitindo que o poder e a riqueza a governassem, são Francisco inventou o presépio, para lembrar o nascimento de Jesus segundo Lucas. Hoje aqui ainda há lugar para o presépio e sua mensagem? Ou não é preciso falar mais nisso, não é oportuno? Seria proibido?

Ao fim do Concílio Vaticano II falava-se muito em “Igreja pobre e servidora”, depois em “opção preferencial pelos pobres”; hoje talvez o pobre tenha escapado do vocabulário.

Há ainda seres humanos roubados e caídos à beira da morte e do caminho? Como na parábola, pode acontecer que as pessoas mais ligadas à religião e ao culto, a exemplo do sacerdote e do levita, se esforcem por não vê-los, enquanto o “inimigo”, o sem religião, o samaritano, se debruça sobre eles.

Ainda há ricos que, todos os dias, dão esplêndidos banquetes, para os quais convidam os líderes da Igreja? Os pobres Lázarus, enquanto isso, continuam esperando migalhas. Eles só encontram solidariedade nos cães – que se alimentam de seu sangue e, com a saliva, lhes aliviam a dor e curam as feridas.

Despertar nas pessoas a consciência e a atuação sobre tal realidade era a missão de Jesus. A nossa deve ser a mesma...

O PROFETA NÃO É AGRADÁVEL

I. INTRODUÇÃO GERAL

O profeta não repete o que todos deveriam estar cansados de ouvir. O profeta vê o que outros não veem, testemunha o que Deus vê e como Deus vê a realidade. Não fala em seu nome, e sim em nome de Deus – por isso é profeta. Mas o Mercado não admite contestação, não admite que se fuja do pensamento único. Não quer testemunho de outra verdade que não seja a sua. O profeta, além disso, está sempre em sua terra, qualquer lugar é sua pátria, porque a verdade de Deus não tem pátria.

Na tarde do dia 18 de março do ano passado, na Guatemala, o pe. Lourenço Rosebaugh e mais quatro padres viajavam para uma reunião. Foram cercados por homens mascarados e armados que, em seguida, abriram fogo, matando o pe. Lourenço. Americano, nascido em 1935, entrou para a Congregação dos Oblatos de Maria Imaculada em 1955 e foi ordenado padre em 1963. Por ter, em protesto contra a Guerra do Vietnã, promovido a queima de documentos de alistamento militar, ficou preso por dois anos. Em 1975 veio para o Brasil e passou a viver com moradores de rua no Recife. Foi preso e torturado. Nosso regime militar não lhe deu um fim por pressão diplomática dos EUA, e só foi libertado por interferência direta da esposa do então presidente americano, Jimmy Carter. Doente, voltou aos Estados Unidos em 1980. Aí foi preso novamente por divulgar clandestinamente a última homilia de dom Oscar Romero. Mais tarde foi para El Salvador, a fim de viver entre os pobres. Teve de se afastar para um retiro e por problemas familiares. Em seguida voltou à América Latina, para a Guatemala, onde foi morto.

O profeta não é bem recebido em sua pátria e em lugar nenhum, porque qualquer lugar é pátria sua.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Jr 1,4-5.17-19)

O jovem Jeremias sente o chamado de Deus e as dificuldades da missão de profeta, mas também o apoio e a segurança que lhe vêm do mesmo Deus.

O texto selecionado para a leitura de hoje não inclui a manifestação de insegurança de quem se sentia jovem demais, a confirmação, o alcance de sua missão e dois símbolos da tarefa do profeta e do momento histórico em que vai agir. Ele deverá enfrentar sem medo as autoridades e anunciar o pensamento de Deus diante da iminente invasão do império babilônico (vv. 6-16).

O texto de hoje, nos primeiros versículos (4-5), lembra que desde sempre Javé queria Jeremias profeta; antes que nascesse, já o consagrava e o fazia seu profeta. Ninguém é profeta por acaso; o profeta é querido por Deus antes mesmo de sua existência.

Ele é consagrado, separado para a função, a qual é mais importante que a do sacerdote e a do rei. Tem autoridade para denunciar, em nome de Deus, tanto a má administração e as intrigas políticas como a falsidade do culto. E essa função não se restringe ao seu povo: será profeta para as nações. O profeta tem voz universal.

Na segunda parte do texto de hoje, Deus dá força ao profeta, que não deve deixar de dizer nada do que Deus lhe diz, nada do que percebe ser o pensamento de Deus. Não deve ter medo, sempre o pior conselheiro. Se a cidade de Jerusalém poderá ser invadida, suas muralhas demolidas e suas colunas derrubadas, o profeta será mais resistente, será muralha de bronze e coluna de ferro. Não fica sem perseguição, mas Deus estará com ele para defendê-lo.

Salmo 70(71),1-6.15.17

No salmo cantamos a confiança em Deus de quem lhe é fiel como verdadeiro profeta.

2ª leitura (1Cor 12,31-13,13)

Depois de comentar o valor, o significado e as dificuldades dos dons carismáticos, Paulo fala agora do caminho sem defeitos e superior a todos.

Os capítulos 12, 13 e 14 da primeira carta aos Coríntios estão interligados pelo que tecnicamente se chama paralelismo quiástico ou cruzado, correspondendo-se assim: (12) A- Os dons carismáticos; (13) B- O caminho superior; e (14) A'- Os dons carismáticos. Seria como um sanduíche de pão com carne ou recheio: as duas fatias de pão seriam os capítulos 12 e 14, em que Paulo fala dos carismas; a carne ou recheio seria o capítulo 13, em que Paulo fala do caminho superior a tudo o mais. É o texto da 2ª leitura de hoje.

O caminho superior a tudo é o que se chama caridade ou amor. Nenhuma das duas palavras, contudo, satisfaz plenamente.

A língua grega tem a palavra *filía*, que significa a simples amizade, a palavra *eros*, que significa o amor de ordem sexual, e a palavra *agape*, que era pouco utilizada. Foi esta que Paulo escolheu para indicar o amor cristão, que não se identifica com a simples amizade nem traz a marca egoísta do desejo sexual.

O amor cristão é, acima de tudo, solidariedade, superação do sistema do império de dependência e clientelismo. Nós nos amamos, somos solidários, somos iguais, somos irmãos, e não dependentes uns dos outros.

Podemos notar como o texto de hoje faz alusões diretas ou indiretas aos dons tão valorizados no movimento carismático de Corinto. Assim, sem o amor, falar em línguas seria como um bronze que vibra ou címbalos (instrumentos semelhantes aos pratos de uma banda de música) barulhentos. Lembra o dito popular: “Lata vazia é que faz barulho”.

Até quando Paulo fala das características do amor cristão, a solidariedade, podemos perceber alusões indiretas aos perigos que ele via no movimento em Corinto: o amor não é isso, não é aquilo etc.

Mesmo entre as três virtudes principais, chamadas de teologais, a caridade ou amor tem a primazia. A fé termina quando nossos olhos se abrem para Deus definitivamente (lembrar que o espelho daquele tempo não era como o de hoje, mas apenas uma peça de bronze bem polido). A esperança termina quando alcançamos o esperado, maior do que aquilo que esperávamos. Só o amor permanece e chega à plenitude na eternidade.

Evangelho (Lc 4,21-30)

Jesus, na sua terra, fala com clareza do seu programa e da falta de fé dos conterrâneos. Querem matá-lo, mas, passando pelo meio deles, ele segue em frente.

Na leitura que fez na sinagoga, Jesus interrompeu o texto de Isaías antes da frase: “o dia da desforra do nosso Deus”. Essa frase se desenvolve no texto de Isaías, afirmando que as nações que tinham escravizado Israel viriam a ser suas escravas. Jesus omitiu tudo isso, e os ouvintes, familiarizados com os textos bíblicos, certamente perceberam. A salvação que ele hoje realiza é universal, não é nacional nem particularista.

A reação dos conterrâneos começa com admiração pelas palavras agradáveis que saíam da boca de Jesus. Acharam linda a fala de Jesus comentando o ano do agrado de Deus anunciado por Isaías.

Logo em seguida, vem o espanto: “Esse aí não é o filho de José?”. Lucas, que começou seu evangelho falando do nascimento virginal de Jesus e, depois, disse que ele “era considerado filho de José”, aqui não faz questão desse porém. Os conterrâneos continuam enganados quanto à verdadeira identidade de Jesus.

Jesus se antecipa e, antes que o questionem, retoma a fala, comparando Nazaré e Cafarnaum. Há aí uma incoerência: Lucas ainda não narrou a atuação de Jesus em Cafarnaum; como vai compará-la com o que acontece em Nazaré? Marcos e Mateus, por seu turno, situam a visita de Jesus a Nazaré depois de ele ter centralizado sua atividade em Cafarnaum. A incoerência não importa; Lucas quis situar a visita de Jesus a Nazaré no início da sua atividade missionária para fazer dessa visita um manifesto do programa de Jesus.

Cafarnaum era considerada uma cidade impura porque ali viviam muitos gentios; continuava, no entanto, sendo cidade israelita. Mas Jesus ainda vai além: fala de milagres feitos pelos famosos profetas Elias e Eliseu em favor de não israelitas. Ele também veio para os não israelitas.

Do espanto, os conterrâneos de Jesus passam à indignação. Entendem o significado universal da missão que Jesus se atribui e pretendem precipitá-lo do alto da colina, uma alternativa para o apedrejamento. “Mas, passando pelo meio deles, Jesus seguiu seu caminho.”

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A fé costuma ser muito bem-aceita enquanto não toca na vida cômoda e nos interesses pessoais ou de grupo. Já dizia alguém: “O povo gosta de rezar porque rezar não lembra os pecados, e reunião lembra!”.

No trecho do evangelho de hoje os que querem matar Jesus não têm sucesso, pois “passando pelo meio deles, Jesus seguiu seu caminho”. Os que se consideravam donos de Jesus, bons conhecedores dele, quando o veem se mostrando aberto a todos, já não o aceitam e querem dar-lhe um fim.

Corremos o risco de nos considerar donos de Jesus e de sua mensagem. Somos capazes de dizer tudo o que se pode ou não se pode fazer em nome da fé em Jesus e na sua Igreja.

A preocupação muitas vezes é apenas manter e conservar as estruturas. Mas o profeta é livre desses condicionamentos: está ligado apenas a Deus, que o sustenta, e ao que Deus quer que ele diga.

O profeta é um eterno suspeito, um eterno perseguido. Quem prefere se dar muito bem com as estruturas, sentir-se confortável e tranquilo diante de tudo o que manda neste mundo, jamais será capaz de assumir a missão profética.

Os profetas estão em extinção; sua voz é calada e todas as portas se fecham para eles. Se Deus os chama, há os homens que os impedem de se manifestar ou de ser ouvidos. O peso das estruturas e dos interesses é tão grande, que ninguém mais se arvora em profeta ou, então, sua voz não encontra eco, porque o eco também está proibido. Quem não se arrisca a ser precipitado morro abaixo jamais será profeta.

Na eucaristia celebramos o gesto profético supremo da coerência até a morte e morte de cruz, única capaz de abrir caminho para a mesa comum.

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM (7 de fevereiro)

O QUE É PESCAR GENTE

I. INTRODUÇÃO GERAL

Depois de manifestar seu programa – anunciar o ano do verdadeiro jubileu – e ser, então, rejeitado pelos seus conterrâneos, Jesus segue o seu caminho. Agora ensina da barca de Simão e o chama para ser pescador de gente.

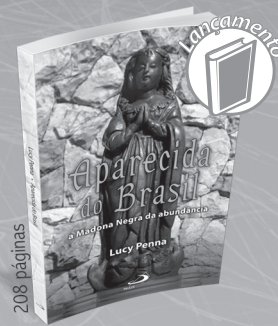
Pescar gente não é simplesmente trazer as pessoas para o seu barco, o seu grupo, a sua instituição; é tirar as pessoas do poder da morte. As águas volumosas como o lago, o mar, eram relacionadas ao poder da morte e das forças do mal. O capítulo 21 do livro do Apocalipse, ao falar dos novos céus e nova terra, onde já não existe nem morte, nem luto, nem dor, diz: “o mar já não existe”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Is 6,1-2a.3-8)

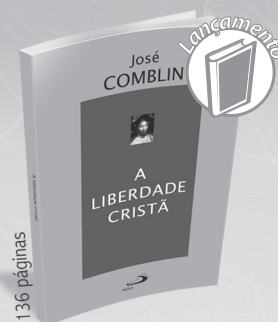
Isaías nos conta como se sentiu chamado para ser profeta, um mensageiro de Deus. Homem do templo e homem de oração, foi certamente no templo que ele sentiu o apelo de Deus.

Os lançamentos da PAULUS atribuem ainda mais sentido ao debate de profundas questões teológicas.



Aparecida do Brasil A Madona Negra da abundância

Em busca de compreensão lúcida do fenômeno "Aparecida", a autora traça um caminho pautado na fé e no sentimento.



A liberdade cristã

Este livro convida o leitor a refletir sobre a liberdade cristã a partir dos escritos de São Paulo, do anúncio da liberdade por João e das obras e palavras de Jesus.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br



Se isso sucedeu, como muitos pensam, no dia da expiação, no momento em que o sumo sacerdote, levando sangue de carneiros e bodes, afastou a cortina para entrar no santuário, certamente Isaías viu a arca da aliança e os querubins que a ladeavam. Com a mente sempre voltada para Deus, foi então que seus pensamentos o conduziram a essa experiência mística.

Javé sentado entre os querubins, lá no alto, nas alturas, sublime. Bastava a orla do seu manto para encher todo o templo, como a nuvem de fumaça, outro sinal da presença de Deus, também enchia o templo. O cântico dos serafins diz que a terra toda – não só o templo – está cheia da glória de Deus. O santuário, o templo e a terra inteira estão repletos da sua glória. Javé é o Deus santo, presente em toda parte, ocupando todos os espaços.

Ver Deus e sua glória é correr grande risco, pois quem vê Deus não pode continuar vivo, como afirmam vários textos do Primeiro Testamento. Isaías acrescenta mais uma razão: tem lábios impuros e vive no meio de gente de lábios impuros. Mas um serafim, anjo do fogo, vem purificar-lhe os lábios com uma brasa tirada do altar, de onde a fumaça dos sacrifícios sobe até Deus.

Vem, em seguida, a vocação. Javé não diz que o escolheu e quer enviá-lo, apenas pergunta a quem há de enviar, quem irá por ele; Isaías, por seu turno, não manifesta qualquer resistência, acode prontamente: “Aqui estou! Envia-me!”.

Salmo 137(138),1-5.7-8

O salmo canta a confiança e a segurança que aquele que é chamado pode encontrar em Deus.

2ª leitura (1Cor 15,1-11)

Para responder a questões que preocupavam as comunidades de Corinto, Paulo explica por que saiu pregando que um crucificado é o Messias, a esperança da humanidade.

Em Corinto, um grupo de intimistas espiritualistas mais exaltados negava a ressurreição ou não dava importância a ela. Não se sabe se era por influência da filosofia grega – especialmente do platonismo, que não valorizava o corpo, considerando-o prisão da alma – ou se porque, em sua alta espiritualidade, já se achavam ressuscitados e em plena comunhão com Deus. Para uns, bastava a imortalidade da alma, o corpo era

desprezível; para outros, a morte nada de novo iria trazer, pois já estavam plenamente realizados, em plena comunhão com Deus.

Seja como for, Paulo lembra a mensagem básica do cristianismo: o Messias Jesus morreu por causa dos nossos pecados, foi sepultado e ressuscitado segundo as Escrituras. Fala de fatos: morte, sepultura, ressurreição. O objetivo foi livrar a humanidade do pecado, e tudo aconteceu em conformidade com as Escrituras.

A sepultura, sem dúvida, confirma a realidade da morte, e a ressurreição significa a intervenção de Deus, que aprova e confirma Jesus como Messias e Senhor. Paulo não fala da ressurreição como um espetáculo nem como o simples devolver a vida a um cadáver. Fala da ressurreição, uma vida nova, como objeto fundamental da pregação e da fé cristã.

As aparições do Ressuscitado que Paulo enumera não são as mesmas que se encontram nos evangelhos, mas, como aquelas, servem para comprovar o fato de que, depois da morte real e verdadeira, Jesus passou a outra esfera de existência. A aparição ao próprio Paulo – terá sido por ocasião de sua conversão ou em outro momento de sua vida? – alinha-se com as outras, embora o apóstolo se considere um feto abortivo.

É o testemunho de sua dedicação ao trabalho em favor do evangelho que vem atestar o valor de suas experiências do Ressuscitado. Seu encontro pessoal com Jesus ressuscitado trouxe-lhe a força, a graça de Deus, que o fez trabalhar muito mais do que os outros.

Evangelho (Lc 5,1-11)

Jesus começa a chamar os apóstolos. Os primeiros são pescadores. Como se trata de pescadores, Jesus os chama em meio a uma pesca.

Nos Evangelhos de Marcos e de Mateus, Jesus, passando pela beira do lago, chama os pescadores Simão e seu irmão André e também os irmãos Tiago e João, convidando-os a se tornar pescadores de gente. Esses vão começar a formar a comunidade de irmãos, a comunidade dos discípulos de Jesus.

Lucas faz diferente. Toma a tradição, também presente em Jo 21, de uma pesca miraculosa e aí mostra Jesus chamando Pedro para ser pescador de gente. Lucas constrói bem a sua história, sem deixar de lado os simbolismos. Porque a multidão o aperta de todos os lados, Jesus sobe à barca de Simão e daí instrui o povo.

Da barca de Simão Pedro, Jesus instrui as multidões. É da barca de Pedro, a Igreja, as comunidades cristãs, que a mensagem de Jesus deve chegar à humanidade toda. Poderíamos nos perguntar: para quê? Após terminar seu ensino, Jesus manda que Simão leve o barco para águas mais profundas.

Na concepção da época, as águas profundas comunicavam-se com a mansão dos mortos, debaixo da terra. Os monstros que habitariam as grandes águas e o perigo dos ventos e das tempestades reforçavam a ideia de o mar ser o mundo da morte e do mal. Pescar significava, então, tirar do poder da morte.

Aos que estavam com Pedro Jesus manda: “Lançai vossas redes para a pesca!”. Todos devem pescar. Todos devem contribuir para salvar a humanidade. Simão deixa de lado sua experiência de pescador e confia na palavra de Jesus. O resultado é a pesca farta. Não é preciso mostrar o significado de tudo isso.

Muito próprio de Lucas é o destaque dado a Pedro. É sua a barca de onde Jesus ensina, é a ele que Jesus manda levar o barco ao mais profundo, é ele quem confia na palavra de Jesus, é ele quem se prostra diante de Jesus, reconhecendo-se pecador (como Isaías na 1ª leitura), é a ele que Jesus faz pescador de gente. De André, seu irmão, nenhuma palavra. Só há pequena alusão aos outros dois irmãos, Tiago e João.

O resultado é que todos deixam os barcos – por hipótese, cheios de peixe (poderiam fazer bons negócios) – e tudo o mais para seguir Jesus. Todos serão pescadores, todos terão a missão de tirar a humanidade do reino da morte. Para isso deixam tudo, não só os peixes, que eram a sua vida até então.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deixar tudo. Sem renúncia, nada se faz em benefício dos outros. A renúncia maior ou menor, mais ou menos livre, alegre e espontânea será a medida do resultado da pesca, do esforço para tirar a humanidade do domínio da morte. Quanto mais cheio de mim, mais vazio estou da missão que o Senhor me confia.

Pedro é a referência, o sinal de unidade, quem qualifica e representa o todo. Nos Atos dos Apóstolos, o mesmo São Lucas diz que bastava a sombra de Pedro para curar os sofrendores que de todos os cantos vinham recorrer à comunidade. A sombra de nossas comunidades tem sido sinal de vida e esperança ou sinal de desespero e morte?

Todos os que estão na barca de Pedro são chamados a lançar as redes. É preciso saber me desprender e atirar a rede como se ela fosse eu mesmo. Nas águas mais profundas, lá onde elas se comunicam com o mundo dos mortos, lá no olho das forças da morte, ali é preciso atirar as redes para pescar. O cardume enorme de peixes está aí bem à porta da morte. O pescador de gente também deve saber onde estão as mais numerosas multidões, saber que estão às portas do reino da morte.

O método é o conteúdo da mensagem. É como pescadores que Jesus chama os pescadores. Se fossem lavradores, Jesus os chamaria como lavradores; se fossem pedreiros, cozinheiras ou donas de casa, como tais Jesus os chamaria. Cada qual deve ser convocado onde está, onde vive, naquilo que faz. É aí, no seu trabalho, no ambiente em que vive, onde pode ter alguma influência, que todos são chamados a pescar, construir, plantar, fermentar, cuidar, para que as multidões sejam livres do poder da morte.

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM (14 de fevereiro)

BEM-AVENTURADOS OS POBRES

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os Evangelhos segundo Mateus e Lucas têm várias falas de Jesus, colhidas, não há quem duvide, de fonte escrita comum, a chamada fonte Q. O grande sermão que recolheu os mais importantes ditos de Jesus sobre a vida e o comportamento do discípulo, tanto em Mateus quanto em Lucas, começa com as bem-aventuranças.

A localização do grande discurso é diferente em um e em outro evangelho. Em Mateus é o Sermão da Montanha, o ensinamento de Jesus semelhante ao da torá, que Moisés trouxe do monte Sinai. É a Nova Lei, e Jesus é novo Moisés.

Em Lucas, o discurso é feito na planície, onde vive a humanidade. Acompanhado pelos doze apóstolos, Jesus desce da montanha, onde havia falado com Deus, e, na baixada, dirige-se a todos os discípulos e à multidão de sofrendores a seu lado.

O evangelho deste domingo proclama as bem-aventuranças segundo Lucas. Jesus se dirige diretamente aos discípulos: “Felizes/bem-aven-

turados sois vós”. Além das bem-aventuranças, ele traz maldições. Insiste numa oposição entre o agora e o depois. Esse depois seria apenas na outra vida, na eternidade, ou já pode acontecer aqui, com a realização plena (“assim na terra como no céu”) do reinado de Deus?

Aos discípulos, que são pobres, não há nenhuma promessa para o futuro; eles não ficarão ricos, tal como serão alimentados os que estão passando fome. Aos pobres discípulos já agora pertence o reinado de Deus. Os que agora passam fome ou estão chorando terão seus problemas resolvidos, sua sorte vai se inverter. Vai se inverter também a sorte dos ricos, dos que vivem rindo e dos já fartos. Que significado daremos hoje a tudo isso?

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Jr 17,5-8)

O profeta diz quem é uma pessoa bendita, abençoada, feliz e quem, ao contrário, é infeliz, maldito. Na liturgia de hoje, o texto de Jeremias prepara a leitura do evangelho. Aqui, feliz é quem busca Javé, o SENHOR. Desgraçado ou maldito é quem se apoia somente nas forças humanas.

Usando as mesmas comparações do Salmo 1, Jeremias primeiro fala do maldito. Isso certamente tem que ver com o que foi dito antes (vv. 1-4): crítica ao abandono da fé em Javé para buscar outros deuses, à idolatria, à substituição de Javé, o Deus dos pobres, por outros valores. O castigo será o exílio, com o saque das riquezas, o abandono forçado da sua herança, a terra, e a escravidão em país estrangeiro.

O motivo de tudo é ter afastado Javé do pensamento, do coração, para procurar apoio apenas nas forças humanas. Esquecer-se de Javé é esquecer que ele é a força dos fracos, o Deus que está junto, que se manifesta na nossa história, que ouve o clamor dos oprimidos e desce para libertá-los (Ex 3).

A consequência para quem se esquece de Javé é a perda da confiança em si mesmo e nos recursos próprios e a busca de apoio em forças humanas. Poderá ficar seco, sem forças verdadeiras, como um arbusto no deserto inabitável.

Ao contrário, aquele que confia em Javé, o vencedor do faraó, é feliz, é bendito. O mesmo Javé, Deus dos pequenos, será a sua segurança. E a pessoa estará sempre produzindo seus frutos e vendo os resultados, como árvore plantada à beira da água.

Salmo 1,1-2.3.4.6

O salmo canta os dois caminhos, o do justo e o do malvado.

2ª leitura (1Cor 15,12.16-20)

Em Corinto, diziam que não existia ressurreição, ou seja, outra vida com Deus depois da morte. Paulo responde nos versículos do capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios que constituem a 2ª leitura de hoje.

Não se sabe com certeza se negavam a ressurreição por influência da filosofia grega – especialmente do platonismo, que não valorizava o corpo, considerado prisão da alma – ou se porque, mais provavelmente, pensavam já estar ressuscitados e em plena comunhão com Deus, por força de sua alta espiritualidade.

De qualquer maneira, a resposta de Paulo é muito clara: a nossa fé se fundamenta na ressurreição de Jesus. A ressurreição significa que Deus confirmou e apoiou Jesus em tudo, especialmente na sua obediência ou coerência até a morte de cruz. Sem a ressurreição, Jesus não passaria de mais um profeta fracassado, como tantos na Palestina daquele tempo. Sem a ressurreição, Deus não teria entrado na história de Jesus e nós ainda estaríamos mergulhados no pecado.

Sem ressurreição, sem vida nova após a morte, quem morreu se perdeu. Sem esperança na vida de ressuscitados, confiar em Jesus como Messias seria a maior de todas as tolices. Assim arremata Paulo o seu raciocínio.

Evangelho (Lc 6,17.20-26)

O grande sermão de Jesus no Evangelho segundo Lucas não ocorre na montanha, mas na planície do dia a dia, com o pé no chão.

Na montanha ele passou a noite em oração e, ao clarear do dia, escolheu os doze apóstolos; agora, ao descer para a planície, encontra os outros discípulos e multidões de sofredores vindas de todas as partes.

O versículo 17, início do texto deste domingo, fala desses outros discípulos e das multidões de israelitas (da Judeia e de Jerusalém) e de não israelitas (de Tiro e Sidônia). Os versículos omitidos (18 e 19) caracterizam melhor quem são essas multidões: doentes e atormentados por espíritos impuros, que procuravam cura.

Essas doenças e tormentos de espíritos impuros (doenças mal conhecidas ou de ordem psico-

lógica) eram consequência da situação miserável em que a maioria da população vivia; da fome, das dívidas e das situações sem perspectiva que atormentavam a quase todos.

A atração exercida por Jesus, a esperança que ele transmitia eram tais, que todos queriam pelo menos tocar nele. As multidões sofredoras que procuram em Jesus uma saída, uma esperança, uma perspectiva melhor para suas vidas são o pano de fundo do que vem a seguir.

Diferentemente do de Mateus, o Evangelho segundo Lucas tem bênçãos e também maldições. Em Mateus são oito bênçãos; aqui, são quatro bênçãos e quatro maldições. Em Mateus, as bênçãos são atribuídas a todos os que praticam o objeto da bênção; aqui, as bênçãos de Jesus se dirigem diretamente aos discípulos e aos sofredores que lhes estão próximos.

Em comum com Mateus, a bênção dos pobres, em Lucas, diz que deles é o reino de Deus (“é”, no presente), enquanto os que choram e os que passam fome, no futuro, serão saciados e consolados. A bênção dos perseguidos, em Mateus, é a mesma dos pobres (o reino de Deus no presente), mas, em Lucas, dirigida diretamente aos discípulos, ela lhes promete apenas a recompensa eterna dos verdadeiros profetas.

Que significado tem o fato de a bênção dos pobres ser o reino de Deus já no presente? Que reino ou reinado de Deus é esse? É esse reinado ou domínio de Deus: a que outro reinado se contrapõe? Ao reinado de César? Ao reinado do dinheiro? O que é próprio e característico do reinado de Deus e em que é diferente, o oposto daquilo que acontece no reinado de César ou do dinheiro? Diante disso, que significado tem o fato de o reinado de Deus pertencer ao pobre (Lc) ou ao pobre por espírito (Mt)? Só o verdadeiro pobre tem condição de realizar o reinado de Deus?

O resultado aparece no futuro: “Vocês dessas multidões que passam fome (realidade tão presente no tempo de Jesus) poderão se saciar; vocês que vivem chorando poderão rir”. O reinado de Deus vai chegar e os pobres é que vão realizar esse mundo diferente; deles “é” o reinado de Deus. Os próprios sofredores serão os sujeitos da transformação, os promotores do reinado de Deus.

Lucas acrescenta também as maldições, no sentido oposto ao das bênçãos: ai dos ricos, dos fartos, dos que vivem rindo, dos aplaudidos por todos. Ai dos vencidos (*vae victis*), dizia o general vitorioso; ai dos incompetentes, faz eco o deus Mercado. Ai dos competentes, dos que

se dão bem neste mundo, desde os ricos até os aplaudidos por todos, diz Jesus.

Vocês ricos, diz Jesus, já receberam seu conforto; agora – parece dizer – nada mais têm a esperar. Vocês que estão fartos vão passar fome; vocês que vivem rindo vão chorar; vocês, aplaudidos por todos, são falsos profetas.

Tudo leva a pensar na recompensa escatológica, a que vem depois desta vida. Mas a referência aos falsos profetas aponta para uma razão mais profunda: o contraste entre o reinado de Deus e o outro reinado. Foi para o reinado deste mundo que o falso profeta contribuiu; por isso é elogiado por todos; por isso Jesus o chama de infeliz.

O maior pobre perseguido e verdadeiro profeta que deu o passo decisivo para construir o reinado de Deus é Jesus. Na eucaristia, celebramos a entrega que ele fez de si mesmo à cruz e também o fruto, o resultado da entrega de si – a mesa comum da humanidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Uma pessoa feliz, realizada: quase instintivamente a gente pensaria em uma pessoa rica, pelo menos com recursos suficientes e fartos; uma pessoa sempre risonha, que leva a vida sem grandes problemas; além disso, uma pessoa querida, amada por todos, sem inimigos, sem opositores.

Certas Igrejas, como a Universal, divulgam a chamada teologia da prosperidade. Para essa teologia, a prosperidade é sinal da bênção de Deus. Quem é fiel a Deus (no caso, isso diz respeito especificamente ao dízimo) é abençoado, paga as dívidas, prospera, é feliz.

O pensamento de Jesus, no entanto, é completamente outro: abençoado e feliz é o pobre, o perseguido. Os que sofrem na fome e na dor também são felizes porque podem esperar o dia de estarem satisfeitos e sorridentes. Esse dia não deverá ser apenas o dia eterno do céu. Dizer que sim seria fazer da fé uma droga entorpecente para enganar o povo. Esse dia, essa vontade de Deus tem de cumprir-se “aqui na terra como no céu”, como pedimos todos os dias no pai-nosso.

Pedimos, mas o que fazemos para que isso se realize? Há esperança de que venha a se realizar, sim, porque há os pobres, a quem pertence o reinado de Deus. Quem só pensa em si e com os critérios do seu bolso jamais fará alguma coisa pelo reinado de Deus.

Quem tem tudo é infeliz, porque não tem a si mesmo.

AS TENTAÇÕES DE ONTEM E DE HOJE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Quaresma era, nos seus inícios, um tempo forte de preparação para o batismo. Na Quaresma, a pessoa que se tornaria cristã tinha a oportunidade de refletir mais e mais na nova vida que estava assumindo, assim como nas dificuldades que haveria de enfrentar para ser fiel ao evangelho no meio de um mundo pagão.

Hoje a situação não é muito diferente para todos os que pretendem viver de modo cristão. Se nos inícios, para celebrarem a sua fé, aconteceu aos cristãos ter de se esconder nos subterrâneos das catacumbas, atualmente podem celebrar o mais sagrado dos seus mistérios diante das câmeras bisbilhoteiras da televisão. Isso, porém, não quer dizer que tenha ficado fácil viver hoje de maneira autenticamente cristã.

As tentações de reduzir o sentido da vida ao bem-estar, ao consumismo fácil e até ao desperdício, as tentações dos ídolos do dinheiro e do mercado e os da religião milagreira, que põe a fé a serviço de interesses pessoais, estão fortemente presentes hoje, mais até do que no passado. E esses demônios se vencem com o jejum, com a oração, pela fé e por uma práxis centrada no evangelho.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Dt 26,4-10)

Os donativos das primícias, os primeiros frutos da colheita, eram ocasião para o judeu devoto recordar a presença de Deus na sua história e reconhecê-lo como único Senhor. A Quaresma também é ocasião de recordar as origens de nossa fé, lembrar-nos de onde viemos, para onde vamos e do Deus em que cremos.

O texto escolhido para a 1ª leitura de hoje deixa fora os primeiros versículos, que falam da entrega das primícias. Em outras religiões antigas, a entrega em um templo dos primeiros frutos da colheita celebrava um rito de fecundidade, como se fosse a nova descida de um deus ao interior da terra para torná-la fecunda.

A religião de Israel, porém, é uma religião histórica. Seu Deus não está na natureza nem tem que ver com um mito que apenas repete os

ciclos naturais. Seu Deus é Javé, que se manifesta na história. E essa história tem começo e tem destino.

É uma história de libertação. Começa com um arameu errante, passa pela opressão sofrida no Egito e avança para a entrada na terra, com a posse de uma terra onde correm leite e mel. O errante se torna estável, o escravo se torna livre, o carente se torna senhor.

A solidariedade horizontal explicitada no v. 11, ausente do texto de hoje, inclui uma solidariedade vertical, que remete até a um primeiro pai de todos. Tudo o que sucedeu a cada geração faz parte da nossa vida.

Salmo 90(91),1-2.10-15

O salmo responsorial é aquele citado pelo diabo ao tentar Jesus para que se jogasse do alto do templo.

2ª leitura (Rm 10,8-13)

Falando a cristãos não judeus e tendo em vista cristãos judeus que retornavam para Roma em situação de inferioridade, Paulo insiste na igualdade entre todos perante a oportunidade de salvação.

Extremamente pobres, os judeus que viviam em Roma tinham sido expulsos da cidade, como diz um historiador daqueles tempos, “por causa das frequentes agitações provocadas (em seus bairros) por certo Crestos”. As agitações aconteciam por discussões em torno de Jesus, se seria ele o Messias (Cristo) ou não.

O fato é que agora Nero permitiu a volta dos judeus. Os cristãos judeus vão querer novamente se integrar nas comunidades de onde saíram, as quais agora só têm cristãos não judeus, também chamados simplesmente de gregos. Será fácil se entrosar com eles? Não serão os judeus humilhados mais uma vez? Por que a maioria deles não aceitou a fé em Jesus? A salvação é um privilégio dos não judeus?

Essas e outras perguntas fervilhavam na cabeça de Paulo quando escreveu aos romanos. No trecho lido hoje, ele fala da esperança de os judeus também chegarem à fé e à salvação em Jesus. Não há diferença: todos, judeus e não judeus, ou gregos, podem alcançar a salvação em Jesus.

Na liturgia da Quaresma, essas palavras vêm falar fortemente aos que se preparam para receber o batismo na Vigília de Páscoa.

Evangelho (Lc 4,1-13)

Jesus começa a sua missão com uma “Quaresma”, 40 dias de provação e jejum. É só um ensaio e uma amostra. As forças do mal continuam lutando contra ele durante toda a sua vida e missão.

Bem característico do Evangelho de Lucas é a referência constante ao Espírito Santo. Repleto dele, Jesus se afasta do rio Jordão: pelo mesmo Espírito ali ele fora ungido como Messias e agora é conduzido pelo deserto por 40 dias de tentação ou prova. A luta é entre o Espírito, que é vida e liberdade, e o diabo, que é fanatismo e opressão.

É também próprio de Lucas indicar que essas tentações foram apenas um ensaio e amostra.

Ele termina o episódio dizendo que o diabo se afastou para voltar no momento oportuno. Esse momento oportuno seria durante o tempo de atividade de Jesus, especialmente a ocasião da sua morte? Pode ser também a volta frequente das mesmas tentações sobre os discípulos de ontem e também de hoje.

A “Quaresma” de Jesus se espelha nos 40 anos do êxodo, os 40 anos em que o povo de Deus viveu acampado no deserto, mudando de um lugar para outro em busca da terra prometida. O deserto e as tentações se assemelham. Podemos, assim, traçar um paralelo entre as tentações dos hebreus acampados no deserto, as tentações de Jesus e as tentações de hoje.

TENTAÇÕES DOS HEBREUS	TENTAÇÕES DE JESUS	TENTAÇÕES DE HOJE
Fome: Pedem pão, pedem carne, lembram as cebolas do Egito.	Fome: “Manda que esta pedra se transforme em pão!”.	Consumismo.
Idolatria: Ajuntam seus objetos de ouro para fazer um bezerro de ouro e adorá-lo.	Poder: “Toda essa riqueza será tua se te prostrares para me adorar!”.	Poder, riqueza, aparência: “Em política e em negócios só não vale perder!”.
Moisés cai na tentação e pergunta: “Será que Deus pode fazer brotar água desta pedra?”.	Providencialismo: “Joga-te daqui a baixo que Deus mandará seus anjos te carregarem!”.	Religião de curas: “Joga fora esses remédios que Jesus vai te curar!”.

Seria possível ver também, durante a atividade de Jesus no Evangelho segundo Lucas, a volta dessas mesmas tentações? Em 22,28, Jesus diz que os discípulos estiveram com ele em todas as suas tentações ou provações. Quais teriam sido essas provações? Não será muito difícil identificá-las em todo o evangelho e observar sua correspondência com as três amostras que temos aqui.

Quando, diante do entusiasmo da multidão por causa de suas curas, Jesus se retira para a montanha em oração, não está a indicar que não quer ser simples curandeiro? Quando diz que não tem sequer uma pedra onde reclinar a cabeça, não está falando de uma vitória contra a tentação do conforto, do consumismo? Quando, com muitíssima frequência no Evangelho segundo Lucas, Jesus critica os ricos e a riqueza, não estaria também vencendo essa tentação? E a última provação, corajosamente vencida, foi, sem dúvida, a morte de cruz.

A “Quaresma” de Jesus prepara-o para a missão. Aqui ele se treina para superar todas as dificuldades que hão de vir. Assim, aquele que se prepara para o batismo se exercita na Quaresma para, com Jesus, “vencer o mundo”.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Não seremos batizados novamente, mas a renovação do nosso batismo na Vigília de Páscoa tem de ter um significado verdadeiro. A cada dia temos de nos batizar novamente. E a “Quaresma” de Jesus deve ser modelo da nossa Quaresma.

O jejum significa domínio sobre o primeiro e mais forte instinto, o de sobrevivência. Significa coisas hoje muito esquecidas, como austeridade, respeito, saber seus limites, impor-se limites. A grande tentação hoje tem que ver com a palavra de ordem: “tem vontade, faz!”. Em nome da liberdade, impõe-se a libertinagem. O “senhor

Mercado” exige isso, porque jejum, moderação, educação não dão lucro, e libertinagem dá.

As tentações que Jesus venceu estão nos vencendo. “Transforma essa pedra em pão!” As necessidades básicas, o pão, são primordiais, tanto que está o pão no centro do pai-nosso. Mas transformar as pessoas em consumidoras e reduzir o sentido da vida ao conforto e ao consumo nada tem que ver com o pão necessário para *hoje*. Não obstante, é a ordem do senhor Mercado e é o que mais se vê. Não é mentalidade comum a ideia de que viver bem significa gozar de todos os prazeres que a vida pode oferecer?

Poder e dinheiro: essas tentações existem hoje? É até difícil falar sobre isso; todos estão cansados de ver e saber. Mas não escapam a elas. O dinheiro se pode contar, somar ou diminuir. É muito visível. Outros valores, como honra, dignidade, respeito, solidariedade, não se podem contar nem somar, desaparecem diante do dinheiro. Dinheiro não tem qualidade, só quantidade. Em negócios e em política vale tudo, só não vale perder.

A religião de curas e milagres cresce como uma avalanche. O individualismo e a busca de soluções na religião para problemas psicológicos, afetivos, de saúde a até econômicos são fenômenos que parecem característicos dos nossos tempos. A fé já não é o comprometer-se com um Messias crucificado, mas acreditar na cura, acreditar que Jesus me livra das dificuldades. O centro da religião passa a ser eu.

Quaresma é lutar e vencer essas tentações como fez Jesus.

2º DOMINGO DA QUARESMA (28 de fevereiro)

UM ÊXODO DIFERENTE

I. INTRODUÇÃO GERAL

No segundo domingo da Quaresma também se encontra, todos os anos, o episódio da transfiguração, cada vez à luz de um dos evangelhos sinópticos. Ainda no início, é bom olhar um pouco melhor para o caminho e para a chegada. Para quem se prepara para o batismo ou para renovar os compromissos do seu batismo e vivê-lo melhor, será bom também ver o que se pode aprender do episódio.

Este ano a versão é a de Lucas, que nem fala de transfiguração, mas apenas do rosto de Jesus transformado pela oração e da brancura e brilho de suas roupas.

Fala da morte de Jesus como um êxodo, uma saída semelhante à dos hebreus da escravidão do Egito. Jerusalém é o ponto central para Lucas, tanto no evangelho quanto no livro dos Atos dos Apóstolos. Se a rede de comunidades cristãs fundadas por Paulo era acusada de negar sua origem judaica, Lucas contesta, colocando Jerusalém sempre no centro. O êxodo ou saída de Jesus que se dá em Jerusalém pode ter, então, vários significados.

Jerusalém e tudo o que ela significa ter-se-ão transformado em outro Egito, nova “casa da escravidão”? A saída de Jesus da cidade explica-se pela necessidade de ele ser crucificado fora dela – o que era normal e exigido pela Lei, pois a crucifixão torna impuro o lugar – ou também significa uma saída que ele abriu para a humanidade? A morte de cruz é um êxodo, uma saída, porque escapa totalmente a uma leitura e interpretação de Dt 21,23 (quem morre pendurado é maldito por Deus)?

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1ª leitura (Gn 15,5-12.17-18)

Abrão está velho e sem filhos. Deus dá-lhe a esperança de tornar-se pai de enorme multidão. O fogo que passa entre as metades de animais sacrificados simboliza que Deus está firmando um compromisso com Abrão.

Abrão é modelo do patriarca ou pai grandioso, lembrado por inúmeras gerações. Ele, porém, não é pai grandioso (o significado do seu nome) por causa de seu vigor físico – já estava velho e debilitado quando Javé lhe prometeu grande descendência. Deus é que fez dele o pai da multidão (significado do nome Abraão). Para tanto, bastou-lhe acreditar na promessa de Deus. Sua fé fê-lo merecer, fez que o cumprimento da promessa lhe fosse de justiça.

Javé prometeu-lhe também que seria proprietário da terra onde estava. Para garantir isso a Abraão, fez com ele uma aliança.

As alianças ou contratos antigos eram firmados com um rito de sangue. O mais comum era as partes contratantes passarem entre metades de animais sacrificados, pronunciando imprecções ou “rogando pragas”, como se dissessem: “Aconteça-me o mesmo que a estes animais se eu não cumprir o que foi contratado!”.

A promessa de Deus adquire, então, o caráter de uma aliança. Ao cair da tarde, no claro-escuro, fumaça e tocha passam por entre as metades dos animais sacrificados. Fumaça e tocha, o obscuro e a luz, simbolizam o Deus Javé. Ele é, ao mesmo tempo, o totalmente outro, que se

encontra na obscuridade da fumaça, e o luzeiro, tocha que clareia e mostra o caminho.

Javé se compromete com Abrão, pai grandioso, que se tornará Abraão, pai da multidão, a dar-lhe um chão, a propriedade de uma terra.

Salmo 26(27),1.7-9.13-14

Cantamos um salmo de confiança em Deus, amigo dos fracos.

2ª leitura (Fl 3,17-4,1)

Paulo alerta a comunidade contra os que querem exigir que os cristãos não judeus também se circuncidem e se submetam às normas da antiga religião. Reduziam, além disso, a religião a controle de alimentos. Será que Deus está no estômago? Nós pomos fé em Jesus morto e ressuscitado. A salvação para nós passa pela cruz.

Paulo foi fariseu e fiel observante de todas aquelas normas. Persegui os cristãos por julgar absurda a afirmação de que um crucificado era a salvação que Deus havia mandado ao mundo, pois um crucificado é, segundo Dt 21,23, maldito por Deus.

Quando entendeu, entretanto, que Jesus era mesmo o Messias, o Cristo, deixou de lado tudo o que para si era o único caminho de salvação, a observância de todas aquelas leis, e passou a seguir Jesus crucificado. Por isso, pede que os filipenses o imitem, sigam o exemplo seu e de outros e não se deixem iludir.

Os que querem se apoiar somente na observância da Lei são inimigos da cruz de Cristo, tiram-lhe toda a importância. Isso faz Paulo chorar. O destino desses é a destruição, enquanto cabe aos cristãos aguardarmos a transformação da nossa humilde pessoa à imagem do Cristo ressuscitado e glorioso.

Com a importância tão grande que dão às prescrições alimentares, parecem dizer que seu Deus está no estômago. Sua glória é a circuncisão, que se encontra naquilo que o homem busca esconder, porque sente vergonha. Em tudo são contraditórios.

Evangelho (Lc 9,28b-36)

Jesus já falou e voltará a falar da sua paixão. É nesse meio que Lucas situa a transfiguração. A morte humilhante de Jesus não é o fim, é a saída. Tudo está na Bíblia, a Lei (Moisés) e os Profetas (Elias). Os discípulos não escutam.

Marcos e Mateus situam o episódio no sexto dia, e Lucas, no oitavo. Não o fazem porque

Promover uma economia a serviço da vida, sem exclusões, é o primeiro passo para uma cultura de solidariedade.

Imagens meramente ilustrativas.

Duração: 59 min.

Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro (Mateus)

ECONOMIA E VIDA

CAMPAÑA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010

CAMPAÑA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010

Nesta Campanha da Fraternidade Ecumênica, refletamos sobre o bem comum e a economia a serviço da vida.

Nas lojas a partir de 16 de novembro de 2009.

criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

Vendas: (11) 3789-4000
SAC: (11) 3789-4119

paulus.com.br

PAULUS

tiveram informações diferentes, mas porque olham de maneira diversa o significado do episódio. O sexto dia lembra o dia da criação do homem: é certamente no contexto da criação de nova humanidade que Marcos quer entender a transfiguração. O “mais ou menos” oitavo dia de Lucas mostra que ele conhecia o texto de Marcos, mas queria lembrar o oitavo dia, o começo da nova criação do universo. Depois do descanso do sétimo, é novamente o primeiro dia, o dia da ressurreição de Jesus com seu significado cósmico e até ecológico.

Jesus leva à montanha Pedro, Tiago e João. Pedro é aquele que, logo após afirmar ser Jesus o Messias, não admitiu que pudesse ser um Messias sofredor, humilhado pelos poderosos. Tiago e João, em Mc 10,35-38 (em Mt é a mãe deles, e Lucas só fala de uma discussão sobre quem seria o maior), pediram a Jesus os primeiros lugares na sua glória ou poder e provocaram a discussão sobre qual o maior entre os doze. Os três precisam de boa lição e por isso são levados à montanha, sozinhos, à parte (Mc e Mt), ao encontro com Deus (Lc).

Só Marcos e Mateus usam o verbo transfigurar, metamorfosear. Lucas diz apenas que o rosto de Jesus mudou de aparência enquanto ele orava.

Só Lucas explicita o teor da conversa de Jesus com Moisés e o profeta Elias, representantes das Escrituras do Primeiro Testamento, então divididas em Lei de Moisés e Profetas. Conversavam sobre a paixão de Jesus que deveria ocorrer em Jerusalém.

O Primeiro Testamento fala de um Messias sofredor. O ponto mais alto disso se encontra nos quatro poemas do livro de Isaías chamados de Cânticos do Servo de Javé (Is 42,1-7; 49,1-8; 52,13-53,12). O projeto de Deus é esse mesmo, mas aos três discípulos ele interessa pouco. Lucas diz que, enquanto Jesus conversava com Moisés e Elias, eles caem no sono.

Lucas fala da morte humilhante de Jesus em Jerusalém – para onde em seguida vão começar a subir (os três discípulos não querem entender isso) – como o êxodo de Jesus. Ele foi morto fora da cidade. Jerusalém era o centro da terra onde correm leite e mel. A terra da liberdade agora se tornou outro Egito, “a fornalha da escravidão”, e não aceita Jesus.

Jesus sai de lá como Moisés saiu do Egito, liderando um povo que buscava a terra da fartura e da liberdade. Assumir a cruz é difícil, é complicado, é humilhação e morte, mas é a saída, é o novo êxodo.

A voz de Deus é fundamental. “O meu filho, o eleito” corresponde exatamente ao começo

do primeiro poema do Servo de Javé, que na tradução dos Setenta está “o meu menino, o escolhido”. A cruz será a realização plena daquilo que dizem esses poemas. Os principais discípulos não estão querendo ouvir isso da boca de Jesus, mas Deus diz: “Escutai-o!”.

A nuvem, a sombra e também o medo de ver Deus lembram a presença divina na manifestação do Sinai. Quem eles agora devem ouvir é Jesus, a voz da nova aliança, que eles não eram capazes nem tinham o desejo de ouvir quando anunciava a própria morte.

Pedro parece querer pôr Jesus em pé de igualdade com os representantes do Primeiro Testamento. Nada de novo, Jesus é apenas mais um, igual a Moisés e a Elias. Propõe fazer uma tenda para cada um (pensava numa festa das Tendas?), a fim de que os três se estabeleçam e fiquem ali. Por outro lado, fala por falar, sem saber o que diz ou o que dizer.

Depois de a voz de Deus se fazer ouvir, Jesus se encontra só: ele sozinho resume toda a Escritura. Ele está a sós com eles, mas, com eles, parece que continua sozinho para enfrentar os inimigos em Jerusalém.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Jesus estará ainda hoje enfrentando sozinho o caminho da cruz? A cruz terá deixado mesmo de ser um escândalo, algo absurdo e incompreensível? Não é preferível falar da glória, do poder, do prestígio? Falar de cruz hoje dá sono; cruz, sacrifício em favor do outro, são coisas fora de moda!

A ressurreição não se explica sem a cruz. A ressurreição vem justificar a cruz, dar a aprovação de Deus a esse caminho tão estranho. A chegada dá razão ao caminho, a ressurreição dá razão à cruz.

Pedro, Tiago e João terão entendido tão mal a caminhada de Jesus? Sem dúvida, os evangelistas estavam pensando sobretudo nos dirigentes e fiéis de suas comunidades: eram eles certamente que não estavam entendendo bem o caminho de Jesus e começavam a se envolver mais com disputas de poder e prestígio. Como diz o pessoal da roça, o evangelista “está batendo na carroça para o burro entender”. Esses que têm dificuldade de entender não seremos nós, hoje?

Haverá outra saída para a humanidade, para seus problemas sociais, políticos, ecológicos, que não seja a cruz, a coragem de se sacrificar pelo outro, por todos, pelo todo?

Outro dia uma criança disse: “Para a gente viver em comunidade, é preciso passar pela cruz!”.